LEANDRO MAIA MARQUES

As pequenas indústrias de Ribeirão Preto/SP (1870 a 1930)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História

Área de Concentração: História Econômica

Orientador: Profa. Dra. Luciana Suarez Lopes

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M357p Marques, Leandro Maia
As pequenas indústrias de Ribeirão Preto/SP de 1870 a 1930 /
Leandro Maia Marques; orientadora Luciana Suarez Lopes- São
Paulo, 2018.
170 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História.
Área de concentração: História Econômica.

1. Pequenas indústrias. 2. História Econômica regional. I. Lopes,
Luciana Suarez, orient. II. Título.

Nome: MARQUES, Leandro Maia

Título: As pequenas indústrias de Ribeirão Preto/SP (1870 a 1930)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico essa obra aos ex-operários industriais de Ribeirão Preto e do Brasil, em especial, a Ismael Marques (da Bolachas Mabel e da Santal Equipamentos Agrícolas), a Ezequiel Augusta, a Joaquim Testi, da filial da Antarctica Paulista em Ribeirão Preto, à tia Caíta Augusta, da Café CAM ao tio João da Pepsi.

Aos amigos operários acadêmicos Cristiano Barcelos, Rodrigo Lambari, Paulo Pedro Carignato Basílio Leal, Daniella Zanelatto, ao professor do IFAM, Eurides Francisco Teixeira Junior, Fernando Luís Alexandre, João Márcio Faria do Carmo, Roberto Franco Leal, Gustavo Biru, Gustavo Pernomian, Sérgio Daniel Nasser, Álvaro Francisco Brigladori Riul, Cláudio Renê D' Aflitto, Marcelo Kazan, Marcelo Henrique Coelho, David Testi, Marcos, Armando Zufin, Pedro Sottomayor, Marcos Henrique, Paulo, Gabriela Franco e ao Flaubert.

Ao meu pai, a minha mãe, à minha irmã, ao meu sobrinho Vitor Henrique Marques Machado e a todos primos de Ribeirão Preto e de Campo Grande

À operária do afeto e do amor Raquel Woitschach de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Lélío Luiz de Oliveira e à Professora Luciana Suarez Lopes por seu papel de orientador nos estudos e na pesquisa, pela paciência e sensibilidade e pelo trato valoroso dispensado, meu sincero obrigado!

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Ao primo Aparecido Gonçalves, a Tia Caita Augusta, ao tio Aparecido Guimarães, ao Dilermando Fernandes Marques, sócio- proprietário do Sebo do Brechó, ao Dr. Octávio Verri Filho do site da Plataforma Verri ao Ruy Flávio Chufalo Guião, a Antônio Salvador Parducci e Mara Stela Vicci Castaldelli da Móveis Delloiagono, Décio Antônio Pasqualin da Dimetal Pasqualin, Fernando Strambi da Lino Strambi, Ismael Marques, Israel Ângelo Zaccaro, Maura Lorenzato Robusti da Móveis Robusti, Guido, Cláudio e Silvio Vecchi da Auto Mecânica Vecchi, Rafael Bertini, Orlando Morelli, ao Trinca, Jessica e Lucas da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, ao Manoel Carlos Sabino e Daniel do Cemitério da Saudade. A Jéssica do Consulado Honorário de Portugal em Ribeirão Preto e ao cônsul João Caldas. Antônio Élvio Siqueira da S.A. ladrilhos e do Sindicato da Construção Civil. Aos doutores Oscar Paes de Almeida Filho e Nivaldo Godoy de Andrade e a Mirian do 1º Cartório de Registro Civil de Ribeirão Preto.

Às professoras Maria Lúcia Lamounier, Adriana Silva e Adriana Capretz Borges da Silva, ao professor e economista Antônio Vicente Golfeto, ao Fernando Braga, editor e proprietário do Jornal da Vila, um grande especialista na história, economia, política, sociedade e cultura da Vila Tibério. Ao Mauro Porto, ao Professor Arthur Barros, a Simone Filipin, a Lúcia Canoa e demais funcionários do Arquivo Público Municipal de Ribeirão Preto. Aos doutorandos Apoena Canuto Cosenza, Eduardo Januário, Fernando do Vale, Carlos e Otávio Júnior. Ao Professor João e ao arquiteto e urbanista José Roberto Ferreira (Zeca) pelo auxílio no manuseio dos mapas.

“Nas primeiras horas da manhã o despertador soava a campainha mais forte que os poucos sons do amanhecer na cidade. O operário acordava para o trabalho, que começava um pouco depois, ao soar a sirene da caldeira. Algumas horas de trabalho, a caldeira anunciava a parada para o almoço... E o trabalho prosseguia por tantas horas quantas fossem necessárias para atender à produção. O trabalho era feito sob o ruído das máquinas, que apagavam as lembranças e até quase o som da sirene, que anunciava a derradeira parada para o descanso dos corpos sujos de graxa e fuligem. As casas de onde saíam e para onde voltavam os trabalhadores anônimos também eram pobres. Nelas, acomodavam-se como podiam os corpos cansados, que só adormeciam porque exauridos pelo trabalho duro. Embalados pela esperança de ter sorte melhor em outro amanhecer, despertavam poucas horas depois e tudo recomeçava. Como se fosse natural nascer, viver para o trabalho, envelhecer e morrer. E o canto do galo perdeu para as sirenes seu dom de anunciar o amanhecer. Apesar de cada alvorada anunciar um dia que sempre pode ser novo” (MICELI, 1984, p. 117).

RESUMO

MARQUES, L.M. As pequenas indústrias de Ribeirão Preto- SP (1870 a 1930). 2017. 165 p. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Neste trabalho, o objetivo foi explicitar a relevância relativa das pequenas indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1930 em seu desenvolvimento econômico e crescimento urbano. Dentro da metodologia de pesquisa foi feita uma divisão em três períodos de 20 anos cada um (1870 a 1890, 1891 a 1910 e 1911 a 1930). Os dados levantados foram tabulados em tabelas, subdivididas em cinco colunas: Nome da Empresa, Classe de Produto Fabricado, Duração Aproximada, Endereço e Nacionalidade(s) do(s) Empresário(s) e para as Tabelas de 1911 a 1930 foram acrescidas duas colunas - Quantidade de Operários e Valores de Capital. Devido à diversidade de 68 classes de empresas fabricantes de 114 produtos diferentes entre a amostragem de 551 pequenas indústrias, foi feita uma divisão em 10 novas tabelas, dos seguintes ramos industriais: (Móveis, Roupas e Calçados, Alimentos, Materiais Ferrosos, Bebidas, Minerais Não Metálicos, Químicos, Gráficas, Carroças e Acessórios e Produtos Diversos). As pequenas indústrias foram caracterizadas pelo uso de matérias-primas obtidas localmente, o predomínio de bens de consumo não duráveis, sua instalação em locais não separados, mas anexos às casas dos empresários, de usos limitados de tecnologia e de máquinas complexas e muito dependente de ferramentas rústicas e da habilidade técnica e manual do operário, uso de fontes de energia a base de lenha, hidráulicas e elétrica e meios de transportes movidos por animais. No segundo, terceiro e quarto capítulos, cada um referente a um dos três períodos, foram feitas análises específicas das 30 tabelas iniciadas por contextualizações históricas e econômicas e, depois, foram construídas tabelas de fases comparativas entre dois períodos (de 1890 a 1910 sobre 1870 a 1890 e de 1911 a 1930 sobre 1891 a 1910) das classes de produtos fabricados com maior quantidade numérica de empresas. E com as tabelas de 1911 a 1930 foram acrescentadas análises sobre a quantidade numérica individual e média de operários, valor de capital e de valor de capital por operário. Os resultados encontrados estão na análise geral do quinto e último capítulo: como a ocorrência das empresas comerciais fabricantes de produtos e que comercializavam mercadorias não produzidas por elas e das pequenas indústrias e prestadoras de serviços, oferta produtiva com ênfase na encomenda prévia do consumidor, (duração de 7,35 anos, valor de capital de 41:032\$477 (em mil réis), mão de obra de 8,74 operários, ambos em média), nacionalidade dos empresários (com predomínio na sequência de italianos, brasileiros e portugueses), alheamento do consumo das classes econômicas média e alta ribeirão-pretanas preterida pelos produtos importados, pequena concorrência externa e interna, exceto com a produção doméstica de subsistência e nas classes de produtos fabricados com maior quantidade de empresas. E com a distribuição geográfica dessa produção nos espaços rural e urbano, nas três regiões do município (Centro, subúrbio e periferia), em especial para a efetivação do urbano na segunda, e também concretizada no predomínio de 40 gêneros industriais de origem urbana sobre as 28 de início rural, mas com adaptações para seus usos urbanos. Essa situação possibilitou a configuração do disperso distrito urbano de pequenas indústrias do Centro, Campos Elíseos, Vila Tibério e Barracão.

Palavras-chave: Pequenas indústrias de Ribeirão Preto. Ramos industriais.

ABSTRACT

MARQUES, L.M. The small industries of Ribeirão Preto-SP (1870 to 1930).

2017. 165 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

In this work, the objective was to explain the relative relevance of the small industries of Ribeirão Preto from 1870 to 1930 in their economic development and urban growth. Within the research methodology was divided into three periods of 20 years each (1870 to 1890, 1891 to 1910 and 1911 to 1930). The data collected were tabulated in tables, subdivided into five columns: Company Name, Manufactured Product Class, Approximate Duration, Address and Nationality (s) of the Entrepreneur (s) and Tables from 1911 to 1930 were added two Columns - Quantity of Workers and Capital Values. Due to the diversity of 68 classes of manufacturing companies of 114 different products among the sample of 551 small industries, a division was made in 10 new tables of the following industrial branches: (Furniture, Clothing, Food, Ferrous Materials, Beverages, Nonmetallic Minerals, Chemicals, Graphics, Carts and Accessories and Miscellaneous Products). The small industries were characterized by the use of raw materials obtained locally, the predominance of non-durable consumer goods, their installation in places not separate, but attached to the houses of entrepreneurs, limited uses of technology and complex machines and very dependent on Rustic tools and the technical and manual skill of the worker, use of power sources based on firewood, hydraulic and electric and animal transport means. In the second, third, and fourth chapters, each relating to one of the three periods, specific analyzes of the 30 tables initiated by historical and economic contextualizations were made, and then tables of comparative phases were constructed between two periods (from 1890 to 1910 on 1870 To 1890 and from 1911 to 1930 from 1891 to 1910) of the classes of products manufactured with the greatest number of companies. And with the tables from 1911 to 1930 were added analyzes on the individual and average number of workers, capital value and capital value per worker. The results are found in the general analysis of the fifth and final chapter: such as the occurrence of commercial companies that produce products and that commercialized goods not produced by them and small industries and service providers, productive supply with emphasis on the previous ordering of the consumer, Duration of 7.35 years, capital value of 41: 032 \$ 477 (in milreis), labor of 8.74 workers, both on average), nationality of entrepreneurs (predominantly following Italians, Brazilians and Portuguese) , A shift away from the consumption of the middle and upper middle-income classes, which is neglected by imported products, and external and internal competition, with the exception of domestic subsistence production and product classes with a larger number of companies. And with the geographic distribution of this production in rural and urban spaces, in the three regions of the municipality (Center, suburb and periphery), especially for the urbanization in the second, and also materialized in the predominance of 40 industrial genera of urban origin over 28 of rural beginning, but with adaptations for its urban uses. This situation made possible the configuration of the dispersed urban district of small industries of the Center, Campos Elíseos, Vila Tiberio and Barracão.

Keywords: Small industries of Ribeirão Preto. Industrial branches.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quantidade De Indústrias Por Ramo Industrial e Período de 1870 a 1930	28
Tabela 2- Crescimento da População de Ribeirão Preto de 1874 a 1920	30
Tabela 3- Móveis e Produtos de Madeira de 1870 a 1890	35
Tabela 4- Empresas de Roupas e Calçados de 1870 a 1890	36
Tabela 5- Empresas de Alimentos de 1870 a 1890	36
Tabela 6- Empresas de Bebidas de 1870 a 1890	37
Quadro 7- Produtos Ferrosos de 1870 a 1890	38
Tabela 8- Olarias de 1870 a 1890	39
Tabela 9- Produtos Químicos de 1870 a 1890	40
Tabela 10- Gráficas de 1870 a 1890	40
Tabela 11- Carroças e Acessórios de 1870 a 1890	41
Tabela 12 - Produtos Diversos de 1870 a 1890	42
Tabela 13- Móveis e Produtos de Madeira de 1891 a 1910	44
Tabela 14- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1891 a 1910	46
Tabela 15- Empresas de Roupas e Calçados de 1891 a 1910	47
Tabela 16- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Roupas e Calçados de 1870 a 1910	48
Tabela 17- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1891 a 1910.	49
Tabela 18- Empresas de Alimentos de 1891 a 1910	50
Tabela 19- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1891 a 1910	52

Tabela 20- Empresas de Bebidas de 1891 a 1910	53
Tabela 21- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Bebidas de 1870 a 1910	55
Tabela 22- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Bebidas de 1891 a 1910	55
Tabela 23- Produtos Ferrosos de 1891 a 1910	56
Tabela 24- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1870 a 1910	59
Tabela 25- Duração Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1891 a 1910	59
Tabela 26- Minerais Não Metálicos de 1891 a 1910	60
Tabela 27- Duração Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1891 a 1910	62
Tabela 28- Produtos Químicos de 1891 a 1910	62
Tabela 29- Duração Das Pequenas Indústrias Químicas de 1891 a 1910	63
Tabela 30- Gráficas de 1891 a 1910	64
Tabela 31- Duração Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1891 a 1910	65
Tabela 32- Carroças e Acessórios de 1891 a 1910	65
Tabela 33- Duração Das Pequenas Indústrias de Carroças e Acessórios de 1891 a 1910	68
Tabela 34- Produtos Diversos de 1891 a 1910	69
Tabela 35- Móveis e Produtos de Madeira de 1911 a 1930	72
Tabela 36 - Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1911 a 1930	74
Tabela 37- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1928 a 1930	77
Tabela 38- Pequenas Indústrias de Roupas e Calçados de 1911 a 1930	79
Tabela 39- Evolução Da Quantidade de Empresas de Roupas e Calçados de 1891 a 1930	80

Tabela 40- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1911 a 1930	82
Tabela 41- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1928 a 1930	83
Tabela 42- Empresas de Alimentos de 1911 a 1930	85
Tabela 43- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Alimentos de 1891 a 1930	86
Tabela 44- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1911 a 1930	87
Tabela 45- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1929 a 1930	89
Tabela 46- Empresas de Bebidas de 1911 a 1930	91
Tabela 47- Nacionalidade dos Empresários Cervejeiros de 1870 a 1930	94
Tabela 48- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias de Bebidas de 1929 a 1930	95
Tabela 49- Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1911 a 1930	96
Tabela 50- Duração Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1911 a 1930	99
Tabela 51- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1928 a 1930	99
Tabela 52- Minerais Não Metálicos de 1911 a 1930	100
Tabela 53- Duração Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1911 a 1930 ..	104
Tabela 54- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1928 a 1930	105
Tabela 55- Produtos Químicos de 1911 a 1930	106
Tabela 56- Duração Das Pequenas Indústrias Químicas de 1911 a 1930	108

Tabela 57- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias Químicas de 1928 a 1930	109
Tabela 58- Gráficas de 1911 a 1930	110
Tabela 59- Duração Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1911 a 1930	112
Tabela 60- Nacionalidade dos Empresários Fabricantes de Jornais de 1870 a 1930	114
Tabela 61- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1928 a 1930	115
Tabela 62- Carroças e Acessórios de 1911 a 1930	116
Tabela 63- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias de Carroças e Acessórios de 1929 a 1930	119
Tabela 64- Produtos Diversos de 1911 a 1930	119
Tabela 65- Pequenas Indústrias Fundadas Antes de 1930 Com Duração Superior A 20	124
Tabela 66- Classes de Produtos Fabricados Por Período Específico de 1870 a 1930	126
Tabela 67- Pequenas Indústrias Conforme a Quantidade de Operários	130
Tabela 68- Quantidade de Empresários Segundo Seus Locais de Nascimento	131
Tabela 69-. Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1870 a 1890.....	138
Tabela 70- Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1891 a 1910	140
Tabela 71- Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1911 a 1930	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1890 conforme a Porcentagem dos Ramos	27
Gráfico 2- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1891 a 1910 conforme a Porcentagem dos Ramos	37
Gráfico 3- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1911 a 1930 conforme a Porcentagem dos Ramos	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1890	137
Mapa 2-. Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1891 a 1910.....	139
Mapa 3- Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1911 a 1930.....	142

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1- Fachada das Oficinas e Serraria de Gustavo Vielhaber	37
Foto 2- Fachada da Fábrica de Móveis Delloiágono	39
Foto 3- Fachada da Beneficiadora de Café e Açúcar Biagini	44
Foto 4- Fachada Diagonal da Comércio e Indústria Diederichsen	51
Foto 5- Carro de Boi transportando madeira para a Serraria Vielhaber	59
Foto 6- Carro de Boi com madeira para a Serraria Vielhaber	60
Foto 7- Fachada da Móveis Innechi em 1922	68
Foto 8- Fachada e Calçada da Móveis H.Tarozzo	69
Foto 9- Operários da Móveis Heitor Rigon em 1922	70
Foto 10- Fachada de Esquina e Interior do Pastifício Innechi em 1922	80
Foto 11- Fachada da Massas Industrial Torquato Rizzi em 1922	83
Foto 12- Fachada da Livraria e Gráfica Selles	107
Foto 13- Caminhão da Pequena Indústria de Ladrilhos Spanó.....	111

LISTA DE ARQUIVOS PESQUISADOS

APHRP Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

APESP Arquivo Público do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1	
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1930	24
CAPÍTULO 2	
PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1890	38
CAPÍTULO 3	
PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1891 a 1910	49
CAPÍTULO 4	
PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1911 A 1930	77
CAPÍTULO 5	
PANORAMA ECONÔMICO E PRODUTIVO ESPACIAL DAS PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1930	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE	169

INTRODUÇÃO

Atualmente, o setor industrial em Ribeirão Preto encontra-se pulverizado em vários bairros de ocupação econômica mista, tais como Vila Mariana, Vila Elisa, Parque Avelino, Campos Elíseos, Vila Tibério e Centro, ao contrário do que ocorre em outros municípios da região, como Franca, Sertãozinho e Araraquara. Nota-se, em passado recente, a tentativa por parte do poder público de incentivar o desenvolvimento de polos industriais no município, como exemplo podemos citar a inauguração na década de 1970 de alguns Parques Industriais, como o Tanquinho e a Lagoinha. Contudo, iniciativas mais recentes acabaram por reforçar a mencionada pulverização.

Essa situação contemporânea de limitada autonomia da indústria local perante o setor de prestação de serviço acabou por motivar a escolha do tema da dissertação ora apresentada. A fim de analisar tal questão, a solução encontrada foi a realização de uma pesquisa sobre o setor secundário de Ribeirão Preto em perspectiva histórica.

Dessa forma, buscou-se analisar o início sistemático de tal atividade industrial no município, possibilitado pelo desenvolvimento econômico geral proporcionado pela produção cafeeira comercial em larga escala a partir da década de 1870.

Neste sentido, o objetivo principal foi explicitar a relevância relativa das pequenas indústrias de Ribeirão Preto no período de 1870 a 1930, como um setor que contribuiu para seu desenvolvimento econômico geral, em especial, de seu núcleo urbano.

O tema é pouco estudado pela historiografia. Uma busca inicial nas bases de trabalhos acadêmicos – notadamente monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado – mostrou que em sua maioria, os trabalhos de história econômica sobre Ribeirão Preto analisaram questões ligadas ao desenvolvimento da agricultura e da cafeicultura, à imigração, à questão fundiária, ao comércio e urbanização, sendo raros os trabalhos dedicados à análise do desenvolvimento da indústria na localidade. Dessa maneira, o presente trabalho de pesquisa pode contribuir para preencher essa lacuna, ao permitir um maior conhecimento sobre o setor secundário ribeirão-pretano.

As fontes primárias foram pesquisadas nos acervos do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, dentre as quais se destacam as listas de qualificação de votantes, os códigos de posturas, almanaques diversos, além de livros de registros de impostos e publicações comemorativas da cidade.

A pesquisa também se estendeu a algumas edições dos jornais locais *A Cidade*, *O Ribeirão Preto* e *La Gazetta de Ribeirão Preto*, e documentários sobre a história local

produzido pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) de Ribeirão Preto, obras de historiadores locais e outros estudiosos da cidade.

Como ponto de partida será usada a ideia da importância do café para o desenvolvimento da indústria paulista, e de Ribeirão Preto em especial. Conforme Cano,

[...] o desenvolvimento de relações capitalistas de produção da atividade cafeeira ajuda a desenvolver o complexo capitalista cafeeiro de São Paulo, que desencadeou um processo dinâmico de acumulação de capital, a formação de mercado interno, de mercado de trabalho, com o pagamento de salários para parte ser usado para o consumo de bens produzidos pelas indústrias [...] durante todo o período anterior à crise de 1930 (CANO, 1977, p. 100).

No entanto, a ênfase recairá sobre uma abordagem que defende a autonomia relativa das demais atividades econômicas não hegemônicas – dentre elas a indústria – com relação à atividade cafeeira em larga escala. E conforme Barbosa,

[...] acreditamos que fatores tais como a formação histórico-econômica do município e as especificidades do tipo de indústria em questão [...] devam ser considerados e também admitidos como determinantes na tarefa de compreender a emergência da atividade fabril. Em nosso esforço de pesquisa, percebemos que o desvendamento das origens do empresariado do calçado em Franca [e das pequenas indústrias em Ribeirão Preto]—exigia permear caminhos que ultrapassavam as fronteiras do capital cafeeiro, elemento que isolado seria insuficiente para explicar o surgimento de uma indústria periférica [...] (BARBOSA, 2006, pp. 35-36).

Uma obra (SUZIGAN, 1986, pp. 25-47) aborda as quatro interpretações sobre a origem do desenvolvimento industrial brasileiro, no entanto, no caso específico de Ribeirão Preto apenas duas interpretações podem ser aplicadas a) a industrialização liderada pela agro-exportação do café a qual estimulou a monetarização da economia, a formação de um mercado interno com renda suficiente para comprar os produtos das pequenas indústrias locais, a infra-estrutura proporcionada pela ferrovia, a distribuição dos produtos e o início da formação do mercado de mão de obra imigrante.

E, segundo, o capitalismo tardio no qual a evolução produtiva do café ocorreu em oposição (no predomínio da acumulação de capitais) ao desenvolvimento do setor econômico secundário ribeirão-pretano, o qual foi caracterizado até 1930 pela existência de uma minoria de grandes indústrias por uma ampla maioria de pequenas indústrias com limitada capitalização.

Com efeito, será usada a expressão de “burguesia de pés descalços”, (BARBOSA, 2006, pp. 105- 106). E a ideia de “um saber e da habilidade de um trabalho manual” como um dos principais fatores para a criação dessas empresas. (Ibidem, pp. 105- 106).

Neste sentido, a ideia de pequena burguesia de pés descalços, presente em Franca é importante porque, além da mesma poder ser aplicada a Ribeirão Preto, ela abarca certas

características tais como: ser formada por empresários com um poder de investimento e de transformação e aumento na produção de suas pequenas indústrias limitados devido à pequena posse de capitais, sendo isso inclusive um fator para o uso de pequenas e simples máquinas e equipamentos coadunada com um uso destacado da habilidade, técnica e força manual dos trabalhadores da empresa.

As pequenas indústrias, tema central desse trabalho, tiveram várias caracterizações, entre elas as seguintes: “Extração, de beneficiamento e de transformação, organizadas e exploradas com fins lucrativos, por empresas privadas [...]” (IBGE. Recenseamento Geral do Brasil de 1950, p. 5), “do segmento industrial ‘simples’ com precário uso de máquinas (problema tecnológico) e de energia elétrica” (CANO, 1977, p. 206), “de baixíssimo nível tecnológico e com fortes vínculos com o artesanato e capitaneada por homens de poucos capitais” (BARBOSA, 2006, pp. 35-36).

O predomínio da fabricação de bens de consumo não duráveis, a instalação em uma planta produtiva pequena não separada da casa do empresário. As matérias-primas utilizadas eram locais, devidos ao encarecimento de transportes daquelas advindas de outros municípios e estados, com poucas fontes e materiais com privilégio de água, madeira, pedra, vegetais, animais, areia e barro e uso de fontes de energia hidráulica, térmica (esta obtida através da queima de lenha) e elétrica.

Sobre o período escolhido, o início no ano de 1870 deve-se à disponibilidade da fonte *Recenseamento Geral do Império de 1872 e da Província de São Paulo*. E por ser esta a primeira fonte levantada a contar com informações como descrições de pequenas indústrias, seus ramos de atividade, nomes de empresários e endereços. 1930 foi escolhido, pois nesse mesmo ano foi feito o levantamento *Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930*. E por esta fonte possuir uma quantidade relevante de informações e dados sobre pequenas indústrias, entre elas, novos dados sobre valores de capital e quantidade de operários.

O recorte geográfico será do município de Ribeirão Preto, conforme suas divisas definitivas após 1990 e oficiais até o momento atual. Dessa forma, não serão considerados dados sobre o desenvolvimento industrial de regiões e distritos que no período estudado ainda pertenciam a Ribeirão Preto, como as atuais municipalidades de Sertãozinho, emancipada em 1896; Cravinhos, emancipada em 1893; Serrana, emancipada em 1949; Dumont, emancipada em 1963; e Guataparé, emancipada em 1988.

Para uma melhor compreensão da evolução das pequenas indústrias nesse contexto histórico de 60 anos, ele será dividido em três períodos de duas décadas cada um: 1870 a 1890, 1891 a 1910, 1911 a 1930. As empresas serão listadas apenas no período em que

tiveram suas atividades iniciadas, sendo indicado, quando disponível, o ano aproximado tanto do início como do encerramento de suas atividades.

No início de cada um dos três períodos foi feita uma sucinta contextualização histórica e econômica do desenvolvimento da cidade naquele momento, sendo apresentada uma relação das pequenas indústrias ribeirão-pretanas em comparação com outros setores economicamente ativos da cidade, em especial: agricultura, pecuária, comércio, prestação de serviços e construção civil.

Ademais, foram elaborados mapas com a distribuição geográfica das pequenas indústrias em cada um dos períodos, sendo a localização das empresas obtida tanto nas próprias fontes primárias como em outras plantas geográficas da cidade, tais como hidrológicas (cabeceiras, cursos, barras e foz de rios, córregos, riachos e lagoas), de terras, estradas e caminhos; propriedades agrícolas (quarteirões, fazendas, sítios e chácaras) e geológicas (espigões, vales, colinas, serras e morros). Dessa forma, foi possível dividir a localização dos estabelecimentos industriais em centro, subúrbio e periferia.

Graças à grande quantidade de dados referentes às variadas funções produtivas, houve uma subdivisão nos seguintes 10 conjuntos de ramos industriais em cada um dos três períodos: Móveis, Roupas e Calçados, Alimentos, Bebidas, Materiais Ferrosos, Minerais Não Metálicos, Químicos, Gráficas, Transportes e Produtos Diversos.

Os ramos foram construídos conforme a configuração setorial dos sindicatos de trabalhadores na indústria de Ribeirão Preto, legalizados nas décadas de 1930, 1940 e 1950, os quais, apesar de pertencerem a um contexto histórico posterior ao desse trabalho, referem-se ao mesmo processo de evolução dessas empresas, iniciado desde as últimas décadas do século XIX até 1930.

Tabela 1- Quantidade De Pequenas Indústrias Por Ramo Industrial e Período de 1870 a 1930

Ramos	1870 a 1890		1891 a 1910		1911 a 1930		1870 a 1930	
Móveis	22	27,8%	26	12,6%	55	20,7%	103	18,7%
Roupas e Calçados	12	15,2%	27	13,1%	37	13,9%	76	13,8%
Alimentos	5	6,3%	23	11,2%	47	17,7%	75	13,6%
Bebidas	13	16,5%	41	19,9%	18	6,8%	72	13,1%
Ferroso	10	12,7%	23	11,2%	24	9,0%	57	10,3%
Minerais Não Metál.	6	7,6%	15	7,3%	29	10,9%	50	9,1%
Químico	2	2,5%	20	9,7%	20	7,5%	42	7,6%
Gráficas	2	2,5%	13	6,3%	17	6,4%	32	5,8%
Transportes	6	7,6%	11	5,3%	10	3,8%	27	4,9%
Diversos	1	1,3%	7	3,4%	9	3,4%	17	3,1%
TOTAL PERÍODO	79	100,0%	206	100,0%	266	100,0%	551	100,0%

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas¹.

Conforme a Tabela 1, o ramo industrial que concentrava maior quantidade de estabelecimentos era o de Móveis, seguido em sequência pelo de Roupas e Calçados, Alimentos, Bebidas, Ferroso, Minerais Não Metálicos, Químico, Gráficas, Transportes e Diversos.

Dessa maneira, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo será feita uma contextualização histórica geral de Ribeirão Preto desde a década de 1850 até 1930, considerando seus aspectos econômicos e sociais.

No segundo capítulo serão analisadas as pequenas indústrias no primeiro dos períodos considerados, o que vai de 1870 a 1890, destacando a pequena diversificação de atividades e a concentração espacial dos empreendimentos em torno da região central do núcleo urbano e uma periferia mais afastada. Fica evidente a grande e maciça presença da economia rural, da pecuária da agricultura de subsistência e a consolidação da cafeicultura, que tem como marcos a inauguração do ramal ferroviário da Mogiana, em 1883 e Ribeirão Preto “[...] já libertara os escravos do município, em 03/08/1887” (LLLOYD, 1913, p. 84), sacramentando a utilização da mão de obra assalariada nas plantações, formada majoritariamente por imigrantes europeus.

O segundo período, de 1891 a 1910, constitui tema do terceiro capítulo. Nele se pode perceber o aumento no número e a diversificação das pequenas indústrias, sua instalação na região central e suburbana da cidade, além do deslocamento da produção de alguns bens das regiões periféricas para as suburbanas da cidade, o desenvolvimento maior do Centro e da

¹ A lista completa de fontes consultadas para confecção dessa e das demais Tabelas e Gráficos elaborados dessa forma, encontra-se nas Referências Bibliográficas.

irradiação da urbanização rumo a outras regiões, com a criação dos novos bairros Campos Elíseos, Tanquinho e Barracão, além da Vila Tibério, oriunda de partes de terra de antigas fazendas como a do Laureano e Ribeirão Preto Abaixo.

O quarto capítulo, referente ao terceiro e último período, de 1911 a 1930, discute a ascensão definitiva das atividades econômicas urbanas, tais como comércio, prestação de serviços – de consertos, educacionais e de saúde – além da construção civil, e a modernização do espaço urbano, com a chegada dos automóveis de passeio e utilitários, o embelezamento e urbanização da cidade. Acompanhando esse movimento, a diversificação na fabricação de novos produtos desenvolvidos para atender os diferentes hábitos de consumo estimulados pelos imigrantes e migrantes, em uma época na qual as relações no espaço urbano vão se tornando cada vez mais complexas.

O quinto capítulo apresenta um panorama geral do desenvolvimento industrial ribeirão-pretano, partindo das análises desenvolvidas nos três capítulos anteriores, sendo feita a comparação deste com o desenvolvimento dos demais setores econômicos do terciário. Ademais, são analisados outros aspectos desse setor secundário, tais como valores médios de capital investido, quantidade média de operários, grande utilização de técnicas e tecnologia disponíveis, o perfil dos empresários e o crescente uso da energia elétrica com força motriz.

E por fim, as considerações finais apresentam os resultados alcançados nesse trabalho, como a compreensão da peculiar estrutura do setor econômico secundário de Ribeirão Preto de 1870 a 1930, em especial, a sua importante contribuição para a modernização produtiva, o desenvolvimento dos melhoramentos e dos equipamentos urbanos e à explicitação de certos ramos industriais pouco discutidos pela produção historiográfica, caso de: calçados e alfaiatarias, gráficas, produtos de ferro, carroças, móveis, ladrilhos, cervejarias e olarias.

Na página a seguir está o Capítulo 1 no qual será feita uma contextualização histórica geral de Ribeirão Preto de 1870 a 1930 como forma de compreender sucintamente seu processo de evolução em seus variados aspectos econômico, político, social, cultural e religioso.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1930

O presente capítulo trata-se de uma contextualização histórica geral de Ribeirão Preto de 1870 a 1930 tendo como eixo central a descrição e análise sucinta de seus aspectos econômicos, tanto em suas atividades rurais (agricultura e pecuária), como urbanas (grandes indústrias, comércio, construção civil, mercado de imóveis, bancos, prestação de serviços (transportes, energia, água e esgoto, telefonia, educação, saúde, lazer e hospedagem), político-administrativo, demográfico, de migração e imigração e social.

Os mesmos estarão subdivididos conforme sua evolução cronológica em cada um dos três períodos recortados (1870 a 1890, 1891 a 1910 e 1911 a 1930) referenciando esses dados como ponto de partida e compreensão resumida do município para a posterior análise específica das pequenas indústrias ribeirão-pretanas coetâneas.

O território do município de Ribeirão Preto, localizado no nordeste paulista, a “423 km de São Paulo pela estrada de ferro Mogiana” (LLOYD, 1913, p. 1077) entre os rios Mogi Guaçu e Pardo, por onde passava o antigo caminho dos Goiazes, era conhecido como sertão desconhecido, exemplificado com a nomeação do antigo distrito e futuro município vizinho de Sertãozinho.

As suas terras foram primeiramente ocupadas por vários grupos humanos. Primeiro por índios caiapós e depois por brasileiros descendentes destes, de portugueses e de negros desde o início do século XIX. Um dos pioneiros na sua ocupação foi Vicente José dos Reis em 1811. Em 1834 ocorre o início de seu povoamento com a luta pela posse dessas terras entre as famílias Campos e Reis de Araújo (LAGES, 2010, p.7).

Como efeito, há a divisão dessas terras e a criação das primeiras fazendas de Ribeirão Preto (Retiro, Barra do Retiro, Laureano, Palmeiras e Pontinha ou Ribeirão Preto Abaixo) a partir das quais quando desmembradas formaram as demais dezenas e centenas de propriedades rurais do município (a Fazenda Monte Alegre, por exemplo).

A história econômica ribeirão-pretana desenvolve-se no período econômico de 1820 a 1880 o qual foi conceituado como “ciclo pastoril mineiro” (LAGES, 2010, p. 10) no qual predominavam a criação de bois, porcos, mulas, cabras, carneiros e galinhas; e da agricultura (algodão, feijão, arroz, milho e cana-de-açúcar). Aqui, também do café, o qual já na década de 1860 era uma atividade econômica coadjuvante, segundo análise de inventários *post mortem* (LOPES, 2007, p. 100).

Entre as décadas de 1870 e 1880 ocorre uma mudança econômica estrutural com a efetivação de um trinômio: primeiro - a consolidação da produção cafeeira comercial de exportação - iniciada pela coleta do solo da terra roxa local por Luis Pereira Barreto em 1876, pela fixação definitiva dos irmãos Barreto e da publicação do artigo com o título *Terra Roxa* daquele no jornal *A Província de São Paulo* em 1877 (GODOY, 2006, p. 264).

O segundo pela construção e chegada até o município do ramal da ferrovia Mogiana. E, por último, a substituição da mão de obra formada por escravos africanos e afro-brasileiros pela livre, concretizada com o início e consolidação de um mercado de trabalho assalariado (como mão de obra e como consumidores) formado por trabalhadores brasileiros e por imigrantes europeus, através da parceria pública- privada à imigração europeia, efetivada com a criação do Núcleo Colonial Antônio Prado em 1889.

A maior quantidade de dinheiro e de capital circulante oriundo da cafeicultura comercial proporcionou um desenvolvimento sistemático e diversificado tanto - de outras culturas agrícolas às quais atingiram novos consumidores além de suas porteiras, caso de cereais e hortifrutigranjeiros, por exemplo – como das atividades econômicas urbanas ribeirãopretanas, cada vez mais monetarizadas, às quais serão a seguir descritas.

O setor econômico secundário origina-se com a fabricação de produtos desde o início do século XIX, pelo menos, graças às atividades de oficinas, artesanatos e manufaturas em fazendas, sítios e chácaras na área rural e periférica do município.

A fabricação, nesse contexto, era feita por um mesmo e polivalente produtor de muitos objetos o qual lidava com a confecção com menor diversidade de produtos e de formas mais limitadas de transformações de matérias primas - de origens minerais, animais, vegetais e agrícolas - extraídas da natureza local.

Por isso, ele conseguia produzir a maioria dos objetos necessários à sua alimentação, moradia, vestuário e diversão- voltados para o seu autoconsumo na qual o produtor e o consumidor são os mesmos agentes econômicos- como para doação a familiares (ambas como atividades econômicas de subsistência) ou trocas diretas e escambos com outros produtos e serviços às pessoas muito próximas a ele (parentes e vizinhos de porteira e cerca), sem o uso de dinheiro.

Com o início e consolidação da cafeicultura comercial ocorre uma grande mudança no setor de fabricação de Ribeirão Preto, a seguir explicada por Godoy,

A enorme extensão dos latifúndios dificultava sobremaneira o acesso a serviços [pequenas indústrias]. Por isso, juntamente com a criação da fazenda era preciso construir a marcenaria e a serralheria, de onde proviriam os móveis, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, etc. Com o

desenvolvimento do café no Oeste Paulista, entretanto, as fazendas não acompanharam o padrão colonial de latifúndio monocultor. As ferrovias e a fundação de vilas e cidades permitiram que as fazendas deixassem de ser unidades autônomas, passando a especializar-se na monocultura, abandonando setores de infraestrutura interna às propriedades. [...] algumas fazendas dispensaram os serviços [pequenas indústrias] de marcenaria e a serralheria, utilizando as do núcleo urbano (GODOY, 2006, p. 44).

Por isso, houve uma maior e crescente demanda pelas empresas cafeeiras por ferramentas, máquinas, bens e equipamentos, anteriormente produzidas no próprio espaço produtivo da fazenda ou jamais produzidos nestas os quais se irradiaram para regiões externas à área rural (subúrbio e Centro), possibilitando, com isso, novas oportunidades de negócios.

O aumento da produção geral e da complexidade de funções já existentes quanto novas causou uma maior divisão social do trabalho e da especialização de atividades laborais, concretizadas em um trabalhador especialista em uma ou poucas tarefas, por exemplo, uma dedicação profissional exclusiva à marcenaria e quando ele precisava, por exemplo, de um produto de cerâmica, como telhas, ele a adquiria mediante o pagamento do dinheiro recebido de seu salário à olaria.

Com o crescimento constante da circulação de dinheiro e capital- advindos de lucros, rendas e salários - houve um aumento constante tanto da demanda dos antigos produtos antes ofertados como na oferta de novas mercadorias o que contribuiu para o início da fabricação sistemática das pequenas indústrias a partir do período de 1870 a 1890.

Para depois, possibilitar, no período de 1911 a 1930 - além das centenas de pequenas indústrias- a instalação de três grandes indústrias: a filial local da paulistana Companhia Antarctica Paulista (1911), a local Companhia de Bebidas e Cervejaria Paulista (1913) e a siderúrgica Companhia Eletro Metalúrgica Brasileira (1922) (SUZIGAN, 1986, p. 266).

O setor econômico terciário possuía a principal atividade econômica urbana de Ribeirão Preto (inclusive até os dias atuais): o comércio varejista. A maioria das mercadorias consumidas pelos ribeirão-pretanos era, em boa parte, fabricada em outros municípios e estavam acessíveis aos consumidores locais através de mascates, cometas, caixeiros-viajantes e vendedores ambulantes, vindos tanto em lombos de mulas como em vagões de trem de ferro. E realizado em feiras livres e tendas.

As empresas comerciais instaladas em espaços fixos eram no início restrito a poucos ramos – em especial vendas e armazéns de secos e molhados, tiveram um crescimento quantitativo e qualitativo este concretizado na diversificação e especialização de variadas atividades, a saber: açougues, agências de jornais, agentes de negócios em geral, armas, armarinhos e fazendas, bares, bazares, bicicletas, bordados, botequins e cafés, calçados,

capitalistas, chapelarias, charutarias, drogarias e farmácias, ferragens, floriculturas, frutas, instrumentos musicais, leiterias, lenhas, livrarias, louças, máquinas de costura, móveis, padarias e confeitarias, papelarias, posto de combustível, restaurantes, roupas e salsicharias entre outras.

Uma atividade interessante foram os empresários compradores, comissários e exportadores de café instalados no Centro, separados e independentes das fazendas produtoras e dos cafeicultores os quais foram um exemplo de especialização urbana de uma etapa da venda de café.

A evolução econômica geral e da circulação de dinheiro e capitais, em especial, possibilitou a abertura das agências dos seguintes bancos brasileiros e estrangeiros: Banco do Brasil em 1924, Banco Brasileiro Ítalo-Belga, Banco de Crédito Hipotecário do Estado de São Paulo, Banco Agrícola do Estado de São Paulo e o Banco de Custeio Rural (LLOYD, 1913, p 664). Banco Francês e Italiano, Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo, Banco de São Paulo, Caixa Econômica Estadual, Banco Ítalo Brasileiro e Banco Rural Hipotecário. E representantes e agências de companhia de seguros de vida de seguradoras (Companhia Brasileira de Seguros e Companhia Sul América).

A urbanização e povoamento crescente do Centro e de bairros suburbanos condicionou a evolução do setor imobiliário, tanto a compra, venda e aluguel de imóveis como a construção civil e a sua gama de várias profissões (pedreiros, construtores, empreiteiros, pintores e canteiros) e a evolução da construção de inúmeras empresas, oficinas, comércios e casas com um, dois ou mais pavimentos. Entre estas os seguintes solares e palacetes: Francisco Murdocco (1916), Matusalém (1919), Jorge Lobato (1922), Camilo de Mattos, Joaquim Firmino, Albino de Camargo Neto e Junqueira Lobato.

A prestação de serviços mercantis e de consertos contou com um grande crescimento na diversificação e especialização de variadas atividades, a saber: barbeiros e cabeleireiros, retíficas, fotógrafos e retratistas, loterias, oficinas mecânicas de carros, oficinas de consertos em geral, oficinas de cortina, afinadores de pianos, amoladores, armadores funerários e funerárias, armeiros (consertos de armas), armadores em geral, cambistas, chaveiros, colocadores de ferraduras, consertos de bicicletas, costuras de couro e coureiros, empalhadores, engraxates, estofadores e tapeceiros, ferradores de animais, floristas e criadores de coroas, lavadores de chapéus, massagistas, oficinas de gravação, relojoeiros, sapatarias, joalherias, consertos de instrumentos musicais e *luthier*, parteiras e vidraceiros.

O setor de transportes origina-se com os lombos de mulas, carros de bois e carroças e sofre uma mudança considerável com o início do transporte ferroviário em Ribeirão Preto

graças à instalação do ramal local da ferrovia Mogiana, primeiro em 1883, na estação provisória da Rua Caramuru e depois, em 1885, com a inauguração da estação definitiva na divisa entre a Vila Tibério e o Centro que dinamizou a circulação de mercadorias, tanto da principal delas e motivo para a sua construção, o café, como de várias outras.

O desdobramento e prolongamento da estação única e central efetivaram-se com a inauguração das seguintes estações: Guimarães e Luiz Miranda (ambas no ramal para Dumont em 1890). Em 1892 a provisória do Barracão e de Viaducto (Bonfim), em 1896 Santa Tereza, em 1899 do ramal de Sertãozinho saindo do Barracão, Iracema e da entrega do prédio de alvenaria definitiva do Barracão. Em 1911 a construção de um Posto Telegráfico e em 1913, a do Alto, Silveira do Val, Joaquim Firmino na Fazenda Santa Rita (depois renomeada de Fazenda Maria Amália) e a Francisco Maximiano. Em 1922 o ramal do Alto para a Usina. Em 1928 Usina e Evangelina (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012, p. 70).

As cocheiras e trolés de aluguel, empresas de garagens, estacionamento para veículos automotores, depósitos de automóveis e “Vicente Davanzo [usou] trolégo na Villa Bonfim em 1914 de tração animal que viajava pelas fazendas e ruas da cidade” (ROSA, 2007, p. 469).

A nova modalidade de locomoção coletiva de passageiros feita por linhas de ônibus intramunicipal, pois: “João Godoy iniciou o transporte urbano em 1925, e traçou o primeiro itinerário na cidade de Ribeirão Preto” (Ibidem, p.260). E “Em 1928 através do empresário Antonio Milena [...] com Luiz Coluci [...] a tarifa cobrada era de 300 réis [...] As linhas eram três, que cobriam a Vila Tibério, os Campos Elíseos e o alto da cidade” (CIONE, 1997, p. 922).

A eletricidade como fonte de energia foi iniciado primeiro em algumas fazendas produtoras de café. Conforme Mattos, “No dia 3 de Maio de 1883 a casa [grande da Fazenda Monte Alegre] entra definitivamente para a História de Ribeirão Preto, como o primeiro local a utilizar iluminação elétrica, com energia produzida na própria fazenda” (MATTOS, 1981, s/d). O mesmo fato é ressaltado também por Borges,

Às vezes, a infraestrutura rural alcançada surpreendia as expectativas de vida dos homens citadinos. Sabe-se que a luz elétrica chegou primeiro nas fazendas de Henrique Dumont, do Cel. Francisco Schmidt, dos irmãos Pereira Barreto e de Dona Iria Junqueira, para em seguida se instalar na cidade, em 1899 (BORGES, 1991, p.19).

Para depois ser instalada de forma sistemática na área urbana do município em 1899 e seu uso crescente graças à evolução constante da produção e distribuição pela Empresa de Força e Luz de Ribeirão Preto aos seus principais consumidores: residências, empresas de comércio e prestação de serviços, pequenas e grandes indústrias - ambas localizadas no espaço central e estendidas às áreas limítrofes suburbanas.

Por outro lado, houve a ausência do investimento direto dos governos municipais, estaduais e federais em certos setores econômicos os quais foram concedidos à iniciativa privada. Essa situação foi concretizada com a criação de grandes empresas de serviços públicos na economia cafeeira (SAES, 1986, pp. 13-14), entre elas duas empresas: a Companhia de Telefone (1898) (CIONE, 1997, p.884) e a Companhia Rede Telefônica Bragantina.

A Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto responsável pela produção, distribuição e fornecimento final de energia elétrica

No dia 26 de junho de 1899 acendiam-se pela primeira vez, em caráter experimental, as primeiras lâmpadas elétricas da cidade, e o fornecimento regular foi inaugurado no dia 26 daquele mês [...] a energia necessária vinha de uma pequena usina localizada na margem esquerda do rio Ribeirão Preto, em terreno adquirido pela empresa [...]” (ENERGIA e desenvolvimento, 1982, p. 65).

Os serviços de abastecimento de água e coleta de esgotos tiveram o seguinte desenvolvimento histórico: “O serviço de água na cidade foi inaugurado em 12 de novembro de 1898” (FARIA, 2010, pp. 91-92). O contrato de concessão de esgoto no mesmo ano foi cedido a Manoel Tapajós e este o transfere para F. Uchôa. O mesmo inaugura a rede de coleta em 24 de fevereiro de 1900 (CIONE, 1997, p. 454). Depois: “A Câmara Municipal, em contrato de 03/12/1913 arrendou a Flávio de Mendonça Uchôa a Empresa de Água e Esgotos” (GUIÃO, 1923, p. 34).

A consolidação de uma gama cada vez mais variada dos seguintes profissionais liberais: advogados, engenheiros, agrônomos, arquitetos, guarda-livros (contadores), solicitadores (profissional com procuração para lidar com ações e documentos de terceiros) e leiloeiros.

O setor da saúde foi empreendido tanto por dentistas, como por médicos estes em seus consultórios particulares e em casas de saúde. E nos seguintes hospitais: a criação em 1896 da Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto e de um casarão provisório para atender enfermos; da definitiva nomenclatura de Santa Casa de Misericórdia em 1910 e em 1915 do seu prédio próprio. O Hospital de Isolamento e Leprosos (ou Lazareto). A Sociedade Portuguesa de Beneficência em 1907, o início da construção em 1911 e a inauguração do Hospital Beneficência Portuguesa em 1919.

O setor educacional, em especial o ensino privado realizado tanto por professores particulares, como nas seguintes escolas e colégios de alfabetização e ensino fundamental: Colégio Oliveira (1888), Metodista (1899), Colégio Nossa Senhora da Conceição, Externato Agostiniano, Escola do Povo, Spencer, Colégio Progresso (1912), Colégio Auxiliadora

(1917), Ateneu Demetrio, Colégio Santa Úrsula, Escola Alemã da Vila Tibério, Colégio Furquim, Colégio Rangel Pestana, Humberto I, Alessandro Mazoni, Princesa Iolanda, Externato Paiva Guimarães, Americana Mista, Rainha Margarida, Noturna Estrela D'Oeste, Escola Rui Barbosa, Escola Masculina São Felix, Escola Olavo Bilac, Dr. Altino Arantes, Mista Barão do Rio Branco, Noturna Augusto, Loyola, Colégio Rodrigues, Rio Branco, Externato Santos, Instituto Augusto Freire e Colégio Sampaio (JAYME, 2012, pp. 179-18; SILVA, 2008, p. 108).

A educação em seu nível primário foi realizada nas escolas isoladas estaduais (parte das quais na zona rural) e nas seguintes escolas públicas: Primeiro Grupo Escolar Dr. Guimarães Junior (1902), Segundo Grupo Escolar (1912) (nomeada depois de Fábio de Sá Barreto) e Terceiro e Quarto Grupo Escolar (futuras Escolas Estaduais Sinhá Junqueira e Antônio Diederichsen, respectivamente, ambas de 1921). O ensino secundário concretizou-se no Ginásio do Estado (1907), futura Escola Estadual Otoniel Mota.

A constante complexidade e diversidade da economia rural e urbana ribeirão-pretana demandava a formação de novas funções laborais, às quais foram efetivadas tanto nas escolas de ensino profissionalizante e técnico como nas escolas superiores.

A primeira escola de ensino profissionalizante - o Liceu de Artes e Ofícios - foi mantida por entidades assistenciais objetivando a oferta de aprendizagem escolar de um ofício industrial durante as horas de folga do trabalhador e de acordo com Cione (1997, pp. 264-265)

Já em sessão da nossa Câmara Municipal de 3 de dezembro de 1909 [...] foi aprovado a indicação autorizando a Prefeitura a dispendar até a quantia de sete contos de réis para auxiliar a primeira pessoa ou empresa que se propusesse a manter um “Liceu de Artes e Ofícios” nesta cidade. E então tivemos a primeira experiência na iniciativa do sempre lembrado Padre Euclides Gomes Carneiro, que instalou uma oficina de artes e ofícios num prédio que ainda hoje, existe, na confluência das ruas Barão do Amazonas e Prudente de Moraes, junto à Igreja São Benedito. Destinava-se a aprendizagem de menores pobres, sem recursos, no ensino gratuito. Funcionou por alguns anos e com resultados razoáveis.

A segunda instituição de ensino técnico e de profissões industriais - a Escola Profissional Secundária Mista de Artes e Ofícios - foi criada pelo “[...] governo do Estado que [...] instalou a nossa Escola Profissional [...] oficialmente inaugurada em julho de 1927, pelo Decreto Estadual n. 4255 [...]” (Ibidem, pp. 260- 262).

A Escola Profissional foi criada para atender parte da demanda por operários em alguns ofícios industriais e “Em 1930, sai a primeira turma de artífices – os primeiros mecânicos, marceneiros, fundidores [...]” (Ibidem, p. 262).

As funções industriais citadas tinham uma crescente procura por mão de obra, não encontrada devido à falta de conhecimento técnico necessário, por isso, esses cursos eram

uma forma de ofertar em uma escala coletiva e suprir uma parte não atendida pelo ensino individualizado dos experientes mestres e artífices.

As escolas superiores de profissões nos setores comerciais e de prestação de serviços foram essas: Escola Técnica São Sebastião, Associação de Ensino de Ribeirão Preto (1921), Escola de Comércio Ruy Barbosa (1923) - depois de 1928 renomeada de Instituto Comercial de Ribeirão Preto de propriedade de Oscar de Moura Lacerda – e Escola de Farmácia e Odontologia (1924).

O setor de lazer, diversão e formação cultural foi formado por quatro teatros (Carlos Gomes em 1897, Polyteama, Eldorado e Pedro II – este de 1930). Por 13 salas de cinema: Áurea (1898), Avenida (1905), Bijou (1909), Eldorado (1911), Paris Theatre (1911), Rio Branco (1913), Odeon (1914), Cassino (1917), Central Cinema (1919, na Sociedade Legião Brasileira), Ideal (1919), Barracão, Íris e Santa Helena (AZEVEDO, 2015, pp. 244- 253).

Bares, bilhares, prostíbulos, o cassino Antarctica (inaugurado em 1914 por Francisco Cassoulet), o café cantante Eldorado Paulista (1921) e o bar da Cervejaria Antarctica na Praça XV de Novembro - que funcionou de 1919 a 1928 (GOMES, 2005, p. 90). Clubes recreativos e esportivos - Sociedade Recreativa e de Esportes (1906) e Palestra Itália Esporte Clube (1917), e, também, dos dois futuros times de futebol profissionais ribeirão-pretanos: Comercial Futebol Clube (1911) e Botafogo Futebol Clube (1918) (RAMOS, 2015, p. 100).

A criação de várias corporações musicais- Ítalo Brasileira, Musical Santo Antônio e Filhos de Euterpe - da Sociedade de Concertos Sinfônicos (futura Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto) em 1925. Os passeios e piqueniques ao Jardim Público e Horto Botânico na antiga Chácara Olímpica localizada no Morro do Cipó no começo do bairro do Retiro (futuro Bosque); o bloco de Carnaval *Os Bambas* em 1928.

O início da imprensa em Ribeirão Preto com a publicação de dezenas de periódicos, entre eles o primeiro jornal *A Lucta*, em 1884 e *O Ribeirão Preto* em 1889, entre esses, os escritos em português, caso dos jornais *O Espelho*, *Ensaio*, *A Crítica*, das revistas *Aurora*, *Jornal de Notícias* e *A Careca*; o semanário *A Pena*. E em italiano, e publicado por sua importante comunidade de imigrantes, caso de *Lo Scudisio* e *Il Messagero* e *La Voce Degli Italiani*.

A área da prestação de serviços foi formada, também, por dezenas de hospedagens, pensões e hotéis, entre eles, o Hotel Brasil, inaugurado em 1921. E com a criação em 1924 da primeira emissora de transmissão radiofônica, a rádio PRA-1.

O setor estatal, governamental e político-administrativo, nas três esferas municipal, provincial/estadual e federal contou com a criação de uma gama variada de instituições, ações, obras e leis algumas das quais serão a seguir descritas.

A disputa entre algumas famílias pela primazia da doação de terras para a criação do futuro patrimônio de São Sebastião do Ribeirão Preto – e entre quais das terras seria erigida a construção da capela, na fazenda das Palmeiras ou na fazenda da Barra do Retiro (próximo e no atual Centro) - terminou com a vitória deste, por isso, foi construída em 1856 a primeira igreja no largo da Matriz (futura Praça Quinze de Novembro). Essa foi considerada oficialmente a data da fundação do município.

Um desdobramento posterior foi a regularização do Patrimônio em 1867 e sua elevação à Capela Curada em 1869. A partir daí, ocorre a consolidação da fixação territorial do Centro e de áreas vizinhas, e de um crescimento econômico e populacional, sendo que “Em 1869 havia 3000 habitantes segundo o padre Francisco Belleza” (GUIÃO, 1923, p. 12).

Como resultado, ocorre o seguinte: a criação da paróquia em 1870, “A Capella do Ribeirão Preto, do Municipio de São Simão, fica elevada á cathegoria de Freguezia, subsistindo as actuaes divisas ecclesiasticas” e o distrito de paz, ambos pela Lei n. 51 de 2 de abril de 1870(SÃO PAULO, 1870). De vila em 1871. De município, pela Lei n. 67 de 12 de abril de 1871, devido ao seu desmembramento administrativo de São Simão (SÃO PAULO, 1871).

A instalação da Câmara Municipal em 1874, a primeira instituição de poder político, e o início do governo municipal ribeirão-pretano foi um marco, concretizado com a sua primeira eleição e a autonomia política efetiva do município em relação a São Simão.

Por um pequeno período de dois anos, de 1879- Lei Provincial n. 34- (SÃO PAULO, 1879) a 1881- Lei Provincial n. 99- (SÃO PAULO, 1881), durante o mandato de Luiz Herculano de Souza Junqueira² o nome oficial do município foi modificado de “Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto” para “Entre Rios”. Em 1889, conforme a Lei n. 88 de 1/4/ 1889, Ribeirão Preto foi elevado à categoria de Cidade (SÃO PAULO, 1889).

A partir daí, pode-se citar como importantes algumas das principais ações dos governos municipais, a saber: a construção do Matadouro Municipal no Centro em 1874, durante o mandato de João Gonçalves dos Santos. A retificação do córrego Ribeirão Preto em 1883, com a consequente ocupação de suas várzeas por conta da instalação do ramal local da ferrovia Mogiana. A instalação de postes com lampião a querosene para iluminação pública

² Esses e os demais dados sobre a duração dos mandatos dos governos municipais de Ribeirão Preto foram obtidos em: CIONE, 1992, pp. 196, 335 e 336.

em 1884 (RIBEIRÃO PRETO, 1884), ambos durante o mandato de Luiz Antônio da Cunha Junqueira.

A construção, em 1887, do primeiro cemitério urbano não instalado em área de adro, anexa às igrejas, localizado na área oriental à época erma do Centro, onde futuramente seria implantada a Praça Aureliano de Gusmão (ou Sete de Setembro). A criação da Cidade pela Lei Provincial n. 88 de 1 abr 1889 (SÃO PAULO, 1889).

A resolução provincial n.198 de 3 ago. 1889 a qual editou o primeiro Código de Posturas Municipais de 1889, após proposta da Câmara Municipal do Ribeirão Preto (SÃO PAULO, 1889), ambas durante o mandato de Joaquim da Silva Gusmão. A construção em 1890 da Casa de Câmara e Cadeia esta durante o mandato de Públio Constâncio de Mello.

As primeiras instituições e cargos jurídicos foram essas: a nomeação do primeiro juiz de paz em 1874. A criação da Comarca de Primeira Instância, conforme o Decreto n. 7064 de 31 out. 1878 (SÃO PAULO, 1878). A concessão para a criação e manutenção por um bacharel em Direito dos seguintes quatro cartórios: Primeiro Tabelião de Notas em 1874 e o Segundo em 1889; de Registro Civil em 1889 e de Registro de Imóveis em 1890.

O investimento governamental do município em infraestrutura e melhoramentos urbanos, nas seguintes obras: a construção da Praça Barão do Rio Branco em 1888 (GOMES, 2005, p. 98) e da Praça das Bandeiras em 1891 (CIONE, 1992, p. 393). A canalização da água em 1897, durante o mandato do intendente Fernando Ferreira Leite.

A instalação na década de 1900 de uma rede de esgotos e do “Primeiro calçamento geral, incluindo ruas, e primeiro da Praça XV (seu jardim, chafariz e coreto) em 1901” (TUON, 2010, p. 33) durante o mandato do intendente Joaquim Alfredo de Siqueira. Aqui, as vias de terra - projetadas de forma reta, perpendicular e paralela - foram cobertas com macadame (ou paralelepípedo).

O Conselho de Intendência foi criado pela Lei n. 16 de 13 nov. 1891 (RIBEIRÃO PRETO, 1891), dentro do qual, a partir do final de 1892 (até 1904), o seu presidente possuía funções políticas executivas e os demais membros funções legislativas e aqui ocorre o início da separação jurídica e política entre os poderes executivo e legislativo do município.

A Comarca foi instituída pela lei n. 80 de 25 ago. 1892 (SÃO PAULO, 1892), a criação da Coletoria Estadual e da Primeira Coletoria Federal. E do Cemitério da Saudade este no mandato do intendente Arthur de Aguiar Diederichsen.

A emancipação e anexação do Núcleo Colonial Antônio Prado à área urbana do município em 1893 no mandato do intendente Marciano Antônio de Mello. Em 1897 foram construídos: o Cemitério do distrito de Vila Bonfim durante o mandato do intendente

Fernando Ferreira Leite. Outro cemitério criado foi o de Leprosos e Variolosos anexo ao Hospital de Isolamento (TUON 2010 p. 36). O Mercado Municipal em 1900, durante o mandato do intendente Joaquim Alfredo de Siqueira.

A primeira revisão do Código de Posturas Municipais em 1902 durante o mandato do primeiro gestor ribeirão-pretano a ser denominado como prefeito, Manoel Aureliano de Gusmão. A instalação do Segundo Distrito de Paz de Villa Bonfim pela Lei Estadual n. 840 de 3 out. 1902 (SÃO PAULO, 1902).

A transferência do Matadouro Municipal do Centro para o Barracão em 1903. No mesmo ano a inauguração do Tabelaio de Notas do Distrito de Bonfim Paulista. A construção em 1904 do prédio do Fórum e da Cadeia e do reservatório urbano de água- Schmidt- todas essas obras foram construídas durante o mandato do prefeito Floriano Leite Ribeiro.

O fim do Conselho de Intendência e do cargo de intendente rumo à função formal de Prefeito em 1905. A nomeação, em 1910, do Primeiro Juiz de Paz, João Rodrigues Guião. E segundo A Tarde ³ (1943 apud GUIMARÃES, 2001, p.66) “[...] a construção pelo governo federal do Posto Zootécnico em 1910 (o qual funcionou até 1925) e neste ano do Patronato para Menores Regente Diogo Feijó”, ambos em um mesmo terreno e prédio em área da fazenda Santa Teresa.

A instalação em 1912 do Terceiro e do Quarto Tabelaio de Notas. A “inauguração do primeiro posto de atendimento do Corpo de Bombeiros em 1915” (CIONE, 1997, p. 687); a Justiça Federal, os cargos de promotor e juizes de direito da Primeira e Segunda Vara, a Segunda Coletoria Federal de Impostos. O Sétimo Distrito da Inspetoria Agrícola Estadual, a agência dos Correios e Telégrafos em 1927 e da estrada de rodagem para automóveis para São Paulo.

No mandato do prefeito Joaquim Macedo Bittencourt: a construção, em 1917, do Paço Municipal (Palácio Rio Branco) com a separação predial definitiva entre os poderes executivo e legislativo do município. As praças da Vila Tibério e do Barracão (GOMES, 2005, p. 90). Ademais: “Por volta da segunda década do século XX é implantada a Praça Sete de Setembro que foi ajardinada por volta dos anos 1925 e 1926 [...] e reformada e ajardinada a Praça Schmidt” (Ibidem, pp. 100 e 101).

O mandato do prefeito João Rodrigues Guião foi caracterizado pelas seguintes ações: a segunda revisão do Código de Posturas Municipais em 1921. A inauguração do obelisco em pedra em homenagem ao Centenário da Independência em 7 set. 1922 na antiga Avenida

³A Tarde, 31 mar. 1943. p. 4.

Independência (esta também construída nesse mesmo ano) e futura Nove de Julho. A construção de “[...] uma fábrica municipal de tubos beton Coignet, destinada ao saneamento das beiradas dos córregos e dos brejos que circundavam a cidade.” (GUIÃO, 2014, p. 37; GUIÃO, 1923, p. 61). E o “Trianon da Praça XV, que exercia a função de bar no térreo e mirante em sua cobertura” (GOMES, 2005, p. 90).

O início da formação populacional de Ribeirão Preto contou com uma grande importância da migração dos “entrantes mineiros” (LAGES, 2010, p.11), pois “A vila no seu início teve a influência dos costumes e hábitos dos habitantes de Minas Gerais, fato que se repetiu pelo gosto da cozinha, música, roupa e maneira de se comportar do ribeirão-pretano” (SILVA, 2011, p. 100). Por exemplo, na fabricação de aguardente e rapadura.

Um dos grupos sociais responsáveis pela consolidação do crescimento populacional frequente do município, junto com os mineiros, paulistas e fluminenses, foram os imigrantes europeus que em certos anos, entre as décadas de 1890 a 1910, eram mais numerosos do que os próprios brasileiros no município. Por exemplo, “Em 1902 dos 52.910 habitantes 27.765 eram estrangeiros (52,47%)” (RIBEIRÃO PRETO, 1903).

Os imigrantes se fixaram em bom número no espaço do Centro e do subúrbio motivado por: a) objetivos iniciais dessa população em dirigir-se diretamente às cidades parar nas estações ferroviárias e jamais se deslocar às fazendas de café às quais já trouxeram economias e instalaram pequenas indústrias e comércios; b) por desavenças e problemas de adaptação no meio rural; c) graças a uma grande habilidade e ligeireza em realizar um trabalho, finalizar, fabricar ou consertar um produto o qual já tinha uma demanda potencial de consumo ou em negociar e vender produtos; d) os colonos que pouparam parte do dinheiro de seu salário ganho na agricultura para futuro investimento em alguma atividade econômica urbana.

Com efeito, o constante crescimento demográfico de Ribeirão Preto no período de 1874 a 1920 está representado de forma simplificada na Tabela 2.

Tabela 2- Crescimento da População de Ribeirão Preto de 1874 a 1920

Ano	Habitantes
1874	5.552
1886	10.420
1890	12.033
1900	59.195 ⁴
1920	68.836

Fontes: Censo Geral do Império, Província de São Paulo de 1874 apud LAGES, 2010, p. 244; BASSANEZI, M.S.C.B. São Paulo do passado : Dados demográficos, 1999. Recenseamento do Brasil de 1890, 1900 e 1920.

O setor social caracterizou-se pela criação das seguintes associações: Tiro Brasileiro (número 80 da Federação), Clube dos Diários, as Lojas Maçônicas Estrela d'Oeste, Força e Justiça e Integridade e Pátria (fundadas respectivamente em 1885, 1895 e 1914). A Sociedade Legião Brasileira (1903) de caráter cívico, a Sociedade Amiga dos Pobres (1910) uma espécie de albergue voltada ao atendimento aos imigrantes e migrantes carentes financeiramente que não tinham como pagar para hospedar e dormir em hotéis durante o período de uma noite.

As associações de imigrantes e descendentes no município: Sociedade União Italiana, e Sociedade Dante Alighieri (1910) dos italianos, Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos (1895), Centro Português (1922) e a Sociedade Otomana (a qual atendia a população síria e libanesa). A criação dos agentes consulares da Espanha, Áustria, França e do Japão e dos vice-consulados de Portugal e da Itália. Essas organizações sociais atendiam ao substancial contingente dessas comunidades estrangeiras em Ribeirão Preto.

Associações de classe profissionais foram criadas, entre as quais: em 1903, a Sociedade União dos Viajantes (SUV), a qual reunia caixeiros viajantes e vendedores intermunicipais. Em 1904 a Associação Comercial de Ribeirão Preto (futura Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto- ACIRP) voltada para atender os interesses das classes dos empresários do comércio, prestação de serviços e indústria no município. A Associação dos Padeiros dos proprietários de padarias e confeitarias. A Sociedade Auxiliadora dos *Chauffers* (motoristas) em 1923 (CIONE, 1997, p. 703).

As organizações políticas voltadas para atender os interesses da classe trabalhadora, a saber: Liga Operária, União Operária, Sociedade União dos Empregados do Comércio. O primeiro sindicato ribeirão-pretano, a União Geral dos Trabalhadores (UGT) – criada em 1922 - no mesmo ano do nacional Partido Comunista Brasileiro (PCB), no bojo das várias

⁴ Os dados de 1900 provavelmente incluíam os emancipados municípios de Sertãozinho e Cravinhos.

greves e protestos ocorridos desde o início do século XX no município; a mesma teve, em 1925, a sua primeira sede provisória (GERALDO, 1990, p. 100).

O setor de assistência social ao idoso, através da inauguração em 1917 do Asilo Anália Franco e em 1919 do Asilo de Mendicidade, da construção do seu prédio em 1920 e sua renomeação em 1922 para Asilo Padre Euclides; e da Assistência de São Vicente de Paulo em 1925 (GUIÃO, 1923, p. 90).

O setor religioso caracterizou-se pela criação dos seguintes templos católicos: as capelas de Nossa Senhora das Dores e do Rosário. As Igrejas São José, São João Batista em Santa Cruz do José Jacques e Santo Antônio (ou Santo Antoninho Pão dos Pobres) nos Campos Elíseos (ambas em 1903). A demolição em 1904 da primeira Igreja Matriz, no Largo homônimo, depois renomeada de Praça Quinze de Novembro. A inauguração do prédio da Catedral (1911), Igreja Nossa Senhora do Rosário na Vila Tibério (1914), Igreja São Benedito (1920), Igreja Nossa Senhora Aparecida nos Campos Elíseos (1930) e Convento dos Frades Agostinianos.

As seguintes medidas, ações e obras voltadas a atender à evolução católica local: “a diocese [...] foi estabelecida por Decreto Pontifício em 7 de junho de 1908 e inaugurada em 28 de fevereiro de 1909. O primeiro bispo [...] Monsenhor Dom Alberto José Gonçalves [...] em 5 de dezembro de 1908 e consagrado a 2 de fevereiro de 1909” (LLOYD, 1913, p.738). O Bispado (1912) e a construção do Palácio Episcopal (residência do bispo) ao lado da Catedral.

A criação dos seguintes templos não católicos - protestantes e espíritas: em 1896 ocorre a inauguração da primeira Igreja protestante do município, a Metodista e depois a primeira Igreja Batista (1910). Os Centros Espíritas no Barracão (1922) e Eurípedes Barsanulfo (1926) (CIONE, 1997, p. 914) e a Sociedade Espírita Benedito Rosa de Jesus (1929).

Dessa maneira, neste capítulo foi possível apresentar brevemente a grande e constante evolução de Ribeirão Preto a partir de 1870, a qual a colocou, em especial a partir da década de 1930, como um dos principais municípios do Estado de São Paulo. Mesmo com a crise do café de 1929- que de fato abalou o pilar de sua economia- a estrutura urbana, as instituições governamentais e políticas, o relevante crescimento populacional, o desenvolvimento de seus meios de transporte, instituições financeiras, associações sociais, culturais e religiosas, permaneceram ativas, adaptando-se rapidamente a um novo contexto no qual passaram a sobressair conjuntamente as atividades urbanas e rurais.

No próximo capítulo, serão analisadas justamente essas atividades urbanas, em especial a pequena indústria, elemento central do presente trabalho.

CAPÍTULO 2

PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1890

O presente capítulo tem como objetivo analisar o surgimento da pequena indústria em Ribeirão Preto, tendo como marcos temporais as décadas de 1870 e 1880. Na documentação foram localizadas 79 pequenas indústrias, que ora serão analisadas. Tais empreendimentos foram divididos em dez ramos- divisão essa aplicada também aos demais períodos em análise- os quais terão suas características descritas a seguir.

O ramo de móveis e de madeira era formado por serrarias, marcenarias, carpintarias e pela fabricação de diversos materiais a partir dessa matéria-prima: baús, berços, cabides, cadeiras espelhos, quadros, esquadrias portas, janelas e tanoaria (fabricação de recipientes, como tonéis e barris, para armazenamento de líquidos). Além de móveis de vime e palha.

Os curtumes e algodozeiras vendiam seus produtos para outras empresas, em especial fabricantes de roupas e calçados. Essas firmas comercializavam bens de consumo para pessoas vestirem o corpo em geral (alfaiatarias aos homens e modistas às mulheres); suas partes específicas (chapéus, coletes e polainas- um tipo de meia); para calçar os pés (botinas, calçados, chinelos, sandálias e sapatos) e por acessórios (malas/valises e cintos).

Os alimentos estavam divididos em beneficiamento de produtos agrícolas: açúcar refinado, arroz beneficiado, café torrado e moído, fubá de milho e óleos. Com origem na pecuária e derivados de animais (frigorífico- processamento de carne- laticínio, leites e manteigas). Doces em geral (balas, bombons, caramelos, confeitos, doces de frutas em conserva, geleias, pralinés, rapaduras, sorvetes e torrão- ou torrone). E por bens de consumo de pastifícios (massas diversas e macarrão).

As bebidas estavam divididas em dois tipos: a) alcoólicas (aguardentes, cervejas, licores e vinhos); b) não alcoólicas (águas gasosas, e vinagre para temperar alimentos). E nesse ramo estavam as fabricantes de gelo usado para conservá-las e bebê-las em uma temperatura agradável.

Os materiais ferrosos eram tanto bens de consumo voltados às casas e ao setor da construção civil como eram bens de capital vendidos a empresas e foram os seguintes: camas de ferro, facas, ferrarias, fundições de ferro e bronze, ferramentarias, funilarias, grades, latoarias, lavatórios de metal, máquinas agrícolas, metalúrgica, moendas, parafusos, portões, pregos, rastelos, serralherias, bucha para carro, fogões, peneiras de arame, turbinas e vácuos.

Os minerais não metálicos - usados na construção civil- foram esses: ladrilhos, marmorarias, mosaicos, olarias (pisos, tijolos e telhas), pedreiras (macadame ou paralelepípedo) e vasos sanitários.

Os produtos químicos e farmacêuticos eram vendidos tanto para pessoas físicas - caso de: remédios e drogas (amargo estomacal e xaropes); higiene, vaidade, limpeza e comemorações (fogos, perfumes, sabões, sabonetes e tinturarias) - como para empresas (isolantes, tintas tipográficas e vernizes).

As gráficas e tipografias produziram: almanaques, jornais, livros comerciais de registro e de leitura e aprendizagem, revistas, carimbos de borracha e impressos comerciais diversos (recibos, por exemplo).

Os transportes eram formados por seus bens principais (carroças e troles) e acessórios esses usados no contato entre a carroça, o carroceiro e o cavalo, caso de: arreios, colchoaria, correias e selarias.

Os produtos diversos englobavam uma gama variada e diversificada das seguintes mercadorias: carteiras, cigarros e charutos, colchões, flores de plástico, instrumentos musicais, ourivesaria (fabricação de joias), pastas e vassouras.

A seguir será analisado o ramo de Serraria e Produtos de Madeira de 1870 a 1890 conforme a Tabela3.

Tabela 3- Serraria e Produtos de Madeira de 1870 a 1890

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
A. A.P. Campos	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
A. S. Barreto	Serraria	1888	Não Encontrado	—
A. Ignácio do Prado	Carpintaria	1873	Palmeiras	—
A.Pereira de Miranda	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
A. Rodrigues Siqueira	Carpintaria	1873	Esgoto	—
C. J. Nellis	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
Fazenda Boa Vista	Móveis	1885	Fazenda Boa Vista	—
F. Baptista Alvarenga	Carapina	1880	Não Encontrado	—
F. Gregorio	Marcenaria	1887 a 1888	Não Encontrado	—
H. .A.de Farias	Carpintaria	1880	Villa de Entre Rios	—
J. F. Parreira	Carapina	1880	Não Encontrado	—
João Ferreira da Silva	Carpintaria	1880	Entre Rios	Português
J. Felix da Silva	Carpintaria	1880	Cantagalo	—
J. Venâncio Cruz	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
J. Domingos Oliveira	Carpintaria	1880	Vila de Entre Rios	—
J. Mauri	Marcenaria	1888 a 1891	Saldanha Marinho	—
José Pacheco	Carapina	1880	Não Encontrado	—
J. P. Prado e Silva	Carpintaria	1880	Entre Rios	—
J.Venâncio Cardoso	Carpintaria	1873 a 1880	Entre Rios	—
M. Dias Barros	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
M.Fernandes Parreira	Carpintaria	1873	Quarteirão da Vila	—
Z. J.Vieira	Carapina	1880	Não Encontrado	—

Fontes: Lista de Qualificação de Votantes de Ribeirão Preto, 1873(APESP), Lista Geral dos Cidadãos Qualificados pela Junta Municipal de 1880(APHRP), Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e commercial para 1887(APESP), Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial para 1888 (APESP).

Durante esse período inicial foi levantada uma única serraria (5,26%) a qual vendia pedaços variados como tábuas e toras de madeira as 18 empresas fabricantes de produtos de madeira (94,74%), nestas incluindo: carpintarias (e a sinônima denominação carapina, usada no século XIX), fabricantes de móveis e marcenarias. A média de duração das 19 pequenas indústrias foi de 1,5 anos. Dentre os proprietários apenas um português foi identificado.⁵

A localização diversificada em cinco regiões ocorreu devido à provável oferta farta de madeira em todo território do município até 1890, sendo quatro na periferia (Palmeiras e Esgoto no leste, Fazenda Boa Vista e Cantagalo no sul) e 11 na Vila de Entre Rios e Quarteirão da Vila, provavelmente boa parte delas estariam no atual Centro, e uma empresa confirmada neste, em especial, na Rua Saldanha Marinho.

A análise geral das classes de produtos fabricados e de atividades, da duração média geral (em anos), da ocupação geográfica e da nacionalidade dos empresários das pequenas

⁵ João Ferreira da Silva “Natural de Funchal, Portugal” (1º CARTÓRIO, 1936).

indústrias desse e dos demais nove ramos em todos os três períodos será desenvolvida no Capítulo 5.

A seguir, a discussão dos ramos será iniciada, conforme Tabela 4.

Tabela 4- Empresas de Roupas e Calçados de 1870 a 1890

Empresa	Produto	Duração	Endereco
Alexandro Poletto	Calçados	1888	Não Encontrado
Anselmo da Cruz Mendes	Alfaiataria	1888	Não Encontrado
Antônio Joaquim de Souza	Alfaiataria	1873	Quartirão da Vila
Antônio José Ferreira	Calçados	1873	Quartirão da Vila
Evaristo Paganaci	Alfaiataria	1887 a 1894	Duque de Caxias
José Antônio Alonzo	Calçados	1888	Não Encontrado
Julio Tarano	Calçados	1888	Não Encontrado
Luiz Pazos	Calçados	1888	Não Encontrado
Miguel Abondante	Calçados	1888	Não Encontrado
Orlando Weijo	Calçados	1888	Não Encontrado
Pedro Xavier de Paula	Alfaiataria	1887 a 1888	Não Encontrado
Vitalino José de Carvalho	Calçados	1873	Quartirão da Vila

Fontes: Lista de Qualificação de Votantes de Ribeirão Preto, 1873 (APESP), Almanach da Província de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP), Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial, 1888(APESP).

As duas classes de pequenas indústrias levantadas foram: oito empresas de calçados (67%) e quatro alfaiatarias (33%). O funcionamento aproximado de um ano apenas ocorreu em 10 empresas, uma firma durou dois e outra oito anos, totalizando uma duração média de 1,61 anos. A localização esteve restrita a uma região, o Centro, sendo três no Quartirão da Vila e uma em uma específica, a Duque de Caxias.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 5.

Tabela 5- Empresas de Alimentos de 1870 a 1890

Empresa	Produto	Duração	Endereco	Nacionalidade
Carlos Alberto Erale	Café e Arroz	1887 a 1888	Não Encontrado	—
Fazenda Boa Vista	Fubá	1885	Não Encontrado	Brasileiro
João Luiz Valladares	Rapadura, aguargente	1888	Não Encontrado	—
Joaquim Lemes de Sousa	Rapadura, aguargente	1888	Não Encontrado	—
Luiz Franco	Café e arroz	1888	Não Encontrado	—

Fontes: Almanach da Província de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP), Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial, 1888(APESP).

As três classes de produtos levantadas, estiveram divididas em: a) duas empresas de rapadura e aguargente (aguardente) (40%); b) uma grande fazenda produtora de café, Boa Vista, que processava um produto complementar, o fubá (20%); c) duas empresas que

beneficiavam além do café um segundo produto agrícola (arroz) (40%) porque aquela produção era pequena e destinada ao consumidor ribeirão-pretano, daí necessitando de outra cultura para que o empresário tivesse uma renda maior sem a necessidade de investir grandes somas de capitais.

A nacionalidade encontrada foi de um empresário brasileiro ⁶. A duração média das pequenas indústrias desse ramo nesse primeiro período foi de 1,2 anos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 6.

Tabela 6- Empresas de Bebidas de 1870 a 1890

Empresa	Produto	Duração	Endereço	Nacionalidade
A.Ferreira Gandra	Aguardente	1888	Não Encontrado	_____
B. Alves Pereira	Aguardente	1888	Não Encontrado	Brasileiro
Cesario Ramos	Aguardente	1888	Não Encontrado	_____
Jacob Boemer	Cerveja	1887 a 1888	Não Encontrado	Alemão
João Luiz Valladares	Aguardente	1888	Não Encontrado	_____
J.Lemes de Sousa	Aguardente	1888	Não Encontrado	_____
José Pieri	Cerveja	1888 a 1891	Saldanha Marinho	_____
L.A. da Silva Rosa	Aguardente	1888	Não Encontrado	_____
Pedro Giachetto	Cerveja	N/E	Não Encontrado	Italiano
Paulo Puccetti	Cerveja	1888	Não Encontrado	_____
Rapaziada	Cerveja	N/E	General Osório	_____

Fontes: Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP),
Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial, 1888(APESP).

As duas classes de produtos levantados foram: a) a aguardente com seis empresas (55%); e b) a introdução da fabricação de cerveja por cinco firmas (45%) que em Ribeirão Preto começa tanto com: “Pedro Giachetto, que chegou ao Brasil em 1880, fundou a primeira cervejaria da cidade” (ROSA, 2007, pp. 402- 403); e desde, pelo menos, 1888, pois nesse ano foram encontrados três produtores cervejeiros (J.Pieri, Paulo Puccetti e Jacob Boemer), concomitante ao início da imigração europeia, em especial italiana.

Uma citação descreve parte desta última empresa, e segundo Boemer ⁷(1889 apud LOPES, 2004, p.173) “A fábrica era composta de um medidor, uma cadeira de cobre assentada, três tinhas, quatro barris, um moinho de ferro para moer cevada e uma máquina de arrolhar garrafas.”

⁶ Antônio Barbosa Ferraz, dono da Fazenda Boa Vista que: “Nasceu em Campinas, SP, em 1831” (GENI, 2017, registro 27855974370).

⁷ FÓRUM de Ribeirão Preto. Inventário de Jacob Boemer, 1889.

A imigração europeia trouxe novos produtos e hábitos de bebidas alcoólicas, pois, segundo o depoimento de Adriana C. Silva: “É o imigrante que traz o hábito de consumir cerveja para o Brasil [Ribeirão Preto], não se conhecia cerveja antes dos imigrantes” (BARROS, 2012).

As matérias-primas principais da cerveja, exceto a água: cevada, malte e lúpulo provavelmente eram comprados com os comerciantes importadores que moravam e comerciavam na capital de São Paulo e importavam esse insumo direto da Europa.

A duração média foi de 1,36 anos, e foram localizadas duas empresas, a primeira na Rua Saldanha Marinho e a segunda na Rua General Osório. E foi, pois, identificada a nacionalidade de três empresários⁸.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 7.

Tabela 7- Produtos Ferrosos de 1870 a 1890

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
Amadeu Giachetto	Fundição Bronze	1890	Não Encontrado	Brasileiro
Joaquim João Garcia	Ferraria	1873	Quarteirão da Vila	_____
José Paschoale	Funilaria	1888	Não Encontrado	_____
Laudelino J. Franco	Ferraria	1887	Não Encontrado	_____
Manoel F. da Silva Onça	Ferraria	1873 a 1888	Entre Rios	_____
Michaeli Torri	Funilaria	1888	Não Encontrado	_____
Miguel Torres	Funilaria	1887 a 1921	São Sebastião, 40	_____
Paulino Martins de Araújo	Ferraria	1888	Não Encontrado	_____
Samuel Adolpho Biagi	Ferraria	1887 a 1888	Não Encontrado	_____
Zeferino Ferreira da Silva	Ferraria	1873 a 1896	Quarteirão da Vila	_____

Fontes: Lista de Qualificação de Votantes de Ribeirão Preto, 1873 (APESP), Almanach da Província de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP), APSPACI 1888 Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial, 1888(APESP), THORMAN, 1896, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP).

As três classes de produtos fabricados foram as seguintes: uma fundição de bronze (10%), três funilarias (30%) e seis ferrarias (60%). A duração média foi de 8,3 anos, devido a três empresas com mais de 10 e entre elas duas com mais de 20. Três empresas foram

⁸ O alemão Jacob Boemer (Cf. LOPES, 2004, p.173), o italiano Pedro Giachetto “Nasceu na Itália e chegou ao Brasil em 1880.” (Cf. ROSA, 2007, p. 402). Por último, o brasileiro Bernardo Alves Pereira: “Fazendeiro e negociante [...] Ocupou o cargo de fabricante do Patrimônio de São Sebastião do Ribeirão Preto (encarregado de zelar e administrar os bens da Igreja [...]) Foi eleito vereador em 22/2/1874, para a 1ª legislatura [até 1877]” (Ibidem, p. 102). Ele foi uma figura local influente, pois além dessa empresa ele era proprietário, também, de um boticário e de uma fazenda localizada na região do futuro Barracão e há uma probabilidade de que sua pequena indústria estivesse localizada nessa área.

localizadas no Quarteirão da Vila e uma na Rua São Sebastião e a nacionalidade de um empresário brasileiro⁹.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 8.

Tabela 8- Olarias de 1870 a 1890

Empresa	Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
Alexandre Alexandrino	Olaria	1890	Não Encontrado	—
João Bapt. Bardoqui	Olaria	1889	Não Encontrado	—
João Ciarbariello	Olaria	1890	Não Encontrado	—
J. Theodoro Jacques	Olaria	1880	Não Encontrado	—
Luigi Zaccaro	Olaria	N/E	Jerônimo Gonçalves	Italiano
Mizael Pedro Motta	Olaria	1881	L. Campo e Esgoto	—

Fontes: Lista Geral dos Cidadãos Qualificados pela Junta Municipal, 1880 (APHRP), Escritura do Primeiro Tabelião de Notas de Ribeirão Preto, 27/ 09 de 1881 (APHRP), Escritura do Primeiro Tabelião de Notas de Ribeirão Preto, 4/2/1889 (APHRP), Lista Geral dos Eleitores da Comarca do Ribeirão Preto, 1890 (APESP).

A maioria das olarias neste e nos demais períodos estavam instaladas nas regiões fronteiriças, com marcantes aspectos rurais, do subúrbio e da periferia, nesta, em especial, na zona leste, na região da Lagoa do Campo e córrego Esgoto.

A única exceção foi a empresa de Luigi (Luiz) Zaccaro, localizada na Avenida Jerônimo Gonçalves, a última rua ocidental do Centro em seu limite com a região àquela época (antes de 1890) rural da fazenda do Laureano, mesmo com a criação da segunda e definitiva estação da Mogiana em 1885, dentro da qual seria loteada a partir da década de 1890 o futuro bairro suburbano da Vila Tibério.

A média de duração das empresas foi de um ano. A nacionalidade encontrada foi a de um empresário italiano¹⁰. As olarias foram empreendidas em antigas fazendas (de café e de outros produtos agrícolas) e em pequenos sítios e chácaras margeados por córregos, ribeirões, rios, lagos e lagoas e estes forneciam as duas matérias-primas principais para esse tipo de empresa: a água e o barro para fabricar telhas, tijolos e pisos.

Uma proibição sobre construções, presente no Código de Posturas de 1889, diz: “Sobre edificações na região do Largo e arredores próximos: Ficam proibidas as

⁹ O paulista Amadeu Giachetto que: “Nasceu em Sertãozinho” (ROSA, 2007, p. 39).

¹⁰ Luigi Zaccaro que: “Nasceu na Itália, dia 25/8/1864; Dalla nativa Diamante, in Provincia di Cosenza” (ROSA, 2007, p. 325; BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1139).

construções de casas [...] cobertas de capim, palha ou sapé, sob pena de multa e as cobertas de sapé [serão] substituídas por telhas ou demolidas”. (SÃO PAULO, 1889).

Nesta citação fica explicitada a existência de coberturas de casas com materiais de origem vegetal, pois, se mesmo no Centro, região mais urbanizada e menos rural do município, elas existiam, nos outros bairros periféricos, é provável, que existissem até em número maior, configurando, assim, um mercado ainda não tão amplo para as telhas de barro produzidas pelas olarias e cerâmicas em Ribeirão Preto às quais não eram consumidas, por motivos de costumes ou financeiros (pois o sapé, o capim e a palha eram obtidos gratuitamente) e apenas pelas classes econômicas médias e altas do município.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 9.

Tabela 9- Produtos Químicos de 1870 a 1890

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
Bernardo A. Pereira	Boticário	1873	Quarteirão da Vila	Brasileiro
José Gomes Amorim	Fogos	1887 a 1896	Não Encontrado	—

Fontes: Lista de Qualificação de Votantes de Ribeirão Preto, 1873 (APESP), Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP), THORMAN, 1896.

As duas classes de produtos fabricados foram as seguintes: um boticário (50%) que esteve instalado no Quarteirão da Vila e foi um exemplo de empresa comercial fabricante de produtos, pois fabricava algumas drogas; e um fabricante e manipulador de fogos (50%). A duração média das empresas foi de 5,5 anos e a nacionalidade de um empresário encontrado foi a de um brasileiro.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 10.

Tabela 10- Gráficas de 1870 a 1890

Empresa	Atividade/Produto	Duração	Endereco	Nacionalidade
A Lucta	Gráfica/Jornal	1884 a 1896	Não Encontrado	Brasileiro
O Ribeirão Preto	Gráfica/Jornal	1889 a 1904	Saldanha Marinho	—

Fontes: THORMAN, 1896, Anuário Comercial de São Paulo, 1904(APESP).

A ocorrência nesse período de apenas duas gráficas que produziam jornais foi condicionada por três motivos: a) a grande presença de produtos de origem rural que impuseram barreiras a essa classe de produtos de origem urbana; b) ao incipiente desenvolvimento econômico do município o qual era caracterizado pela pequena concorrência

entre as firmas e, por conseguinte, de demandas por anúncio e propaganda; c) à baixa taxa de alfabetização e de escolaridade da população ribeirão-pretana a qual inviabilizava a busca por consumidores leitores, devido à ausência de escolas no município, sendo uma das primeiras, provavelmente, o Colégio Oliveira, criado em 1888, no final desse período.

A duração média foi de 14,5 anos. A empresa com localização levantada esteve instalada no Centro, situação recorrente entre a maioria das empresas dessa classe de produtos fabricados. A nacionalidade encontrada foi a de um brasileiro ¹¹.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 11.

Tabela 11- Carroças e Acessórios de 1870 a 1890

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço
Ant. Perei. Carvalho	Selaria	1873	Quartirão da Vila
Atilio Janine	Carroça	1890 a 1900	Não Encontrado
Egydio Ped. Sil.Porto	Colchoaria e Selaria	1888 a 1895	Tibiriçá
Felestino C. Moraes	Selaria	1880	Q.Entre Rios, 10
João Gonça. Gomide	Colchoaria e Selaria	1887 a 1888	Não Encontrado
Sizenando Rangel	Colchoaria e Selaria	1887 a 1888	Não Encontrado

Fontes: Lista de Qualificação de Votantes de Ribeirão Preto, 1873 (APESP), Lista Geral dos Cidadãos Qualificados pela Junta Municipal, 1880 (APHRP), Almanach da Província de São Paulo: administrativo, industrial e commercial, 1887 (APESP), Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial, 1888(APESP), Lista Geral dos Eleitores da Comarca do Ribeirão Preto, 1890(APESP), THORMAN, 1895, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP).

Dentro da inicial estrutura viária de caminhos tortos e curvos do município, construída desde sua ocupação no início do século XIX, conforme o pertinente título do livro *Ruas e caminhos* (ROSA, 2007), os principais meios de transporte eram movimentados por animais, caso de carroças, carros de bois e lombos de mulas.

À medida que ocorreu um maior desenvolvimento econômico da cafeicultura e da sua complexidade produtiva, algumas funções e etapas como o transporte, antes efetivado com a produção de carroças dentro dessa grande propriedade, passaram a ser preteridas, abrindo uma faixa de mercado para sua fabricação especializada.

Essa produção se efetivou em atividades urbanas, em especial, com pequenas indústrias que começaram a produzir esse bem de consumo para uso por pessoas físicas e sua

¹¹O paulista Ramiro Pimentel, proprietário do Jornal *A Lucta* que: “Nasceu em Areia SP, dia 31/12/1851” (ROSA, 2007, p. 418).

família e bens de capital para receber e entregar produtos vendidos por empresas urbanas e rurais, inclusive para as próprias fazendas que outrora as produziam.

Nesse primeiro período, as duas classes de produtos foram as seguintes: a) uma firma (17%) produzia carroça, e eram, também, ferrarias para fazer parte de suas peças; b) e cinco (83%) fabricavam acessórios, caso das colchoarias e “selarias [...] especializadas na [...] confecção de artigos de couro, como selas, arreios [...] de grande importância, pois estava ligado ao transporte animal [...]” (SILVA, 2011, p. 14).

A duração média das empresas foi de 4,16 anos. Três firmas estiveram localizadas na área central, nos seguintes logradouros: Quarteirão da Vila e de Entre Rios e na Rua Tibiriçá.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 12.

Tabela 12 - Produtos Diversos de 1870 a 1890

Empresa	Atividade	Duração	Endereco
B. Custódio Braga	Ourivesaria	1880	Quarteirão da Vila

Fonte: Lista Geral dos Cidadãos Qualificados pela Junta Municipal, 1880 (APHRP).

A ourivesaria, ou fabricação de joias, com duração de um ano, tinha como finalidade ornamentar e tornar partes do corpo feminino (orelhas, pescoço e dedos) mais bonitos e foi um indício da preocupação com a vaidade e a aparência que não surgiu apenas no meio urbano, mas foi mais estimulada e instalada neste, em especial, no Quarteirão da Vila, em relação ao meio rural.

E para finalizar a análise desse primeiro período foi feito o Gráfico 1 de *Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1890 conforme a Porcentagem dos Ramos*, em quantidade de empresas, a seguir analisado.

Gráfico 1- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1890 conforme a Porcentagem dos Ramos

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A distribuição dos principais ramos de pequenas indústrias, nesse período, foi a seguinte: primeiro móveis com 27,8%; segundo bebidas com 16,5%; terceiro roupas e calçados com 15,2% e quarto, materiais ferrosos com 12,7%. Esses quatro, de forma conjunta, somaram a considerável porcentagem de 72,2%.

Por isso, a conclusão foi que nesse período houve uma maior concentração nesses ramos assim como uma pequena diversificação das classes de produtos fabricados.

Na próxima página está o terceiro capítulo no qual serão descritas e analisadas as pequenas indústrias de Ribeirão Preto no período de 1891 a 1910 separadas em cada um dos seus 10 ramos.

CAPÍTULO 3

PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1891 A 1910

O presente capítulo terá em seu interior uma descrição e análise mais detida das 206 pequenas indústrias do período de 1891 a 1910 feitas conforme sua divisão em seus 10 ramos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 13.

Tabela 13- Serraria, Produtos de Madeira e Móveis de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
Angelo Najolla	Carpintaria	1910 a 1916	General Osório, 89	—
Ant. R. Alves Pereira	Serraria	1906 a 1909	Não Encontrado	Brasileiro
Antonio Bicho	Carpintaria	1909	Duque de Caxias, 16	—
Ant. Pinto Carvalho	Marcenaria	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Banco Constructor	Serraria	1895 a 1929	Saldanha Marinho	Brasileiros
Barboza & Teixeira	Marcenaria	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Campos & Soares	Serraria	1905 a 1909	Prudente Moraes, 4	—
Carlos Lucci	Marcenaria	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Delloiagono	Móveis	1901 a 1993	São Sebastião, 32	Italianos
Emilio Favero	Serraria	1896	Não Encontrado	Italiano
Freder.M. Veronesi	Cadeira de Palha	1904 a 1916	Duque de Caxias, 27	—
Gustavo Vielhaber	Serraria	1900 a 1901	Américo Brasiliense	—
Jayne Henr. Pinto	Marcenaria	1910 a 1916	do Commercio, 33	Português
Jeferson Barreto	Serraria	1906	Álvares Cabral	Brasileiro
João Beschizza	Espelho/Quadro	1904 a 1906	Saldanha Marinho	Italiano
José Junqueira Pinto	Serraria	1909	São Sebastião, 2	—
Luc. Calixto Barreto	Marcenaria	1895 a 1916	do Commercio, 23	—
Luiz Condolli	Marcenaria	1909 a 1916	Saldanha M, 55	—
Luiz Ric. Canavari	Cadeiras	1904 a 1916	do Commercio, 88	—
Parreira	Serraria	1891	Não Encontrado	—
Philidory	Marcenaria	1901	Não Encontrado	Francês
Raphael Serpa	Marcenaria	1909 a 1916	Duque Caxias, 43	—
Salvador Colla Ant.	Carpintaria	1903	Não Encontrado	—
Vicenzo Barillari	Móveis	1900 a 1929	General Osório, 131	Italiano
Vicenti Minardi	Carpintaria	1900	Não Encontrado	—
Vicente Tuzo	Cadeira de Palha	1904 a 1916	Saldanha Marin, 55	—

Fontes: THORMAN, 1895, Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1896 (APHRP), Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), A indústria no Estado de São Paulo em 1901 (APESP), Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1903 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1904 (APHRP), Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Annuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP).

O pequeno aumento na quantidade de empresas desse ramo de 22 no primeiro para 26 no segundo período (18,18%) ocorreu por se tratar de uma época de transição entre a anterior grande concentração em duas atividades e classes de produtos fabricados às quais foram mantidas, caso do aumento de uma para oito serrarias (31% no segundo período) (uma delas a de Gustavo Vielhaber a qual terá a fotografia de sua fachada mostrada a seguir) e das 15

empresas (58% no segundo período) de móveis (incluindo uma de cadeiras de madeira), carpintarias e marcenarias.

Rumo a um crescimento e diversificação de duas para quatro classes de atividades e produtos fabricados (100%), efetivado com a inauguração da fabricação de duas empresas de cadeiras de palha (8% no segundo período) e uma de espelho e quadro (3% no segundo período).

A firma fabricante de espelhos e quadros foi única e não teve concorrente porque era uma mercadoria de demanda de consumo restrito e efetivada por uma pequena indústria, Casa Beschizza, de Giovanni Beschizza, que além de diversificar a gama de produtos fabricados (gráfica e peneira de arame) para atingir uma quantidade satisfatória de clientes tinha a maior parte do seu lucro oriundo do comércio, ou seja, era uma empresa comercial fabricante de produtos.

Foto 1- Fachada das Oficinas e Serraria de Gustavo Vielhaber

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP).

O capital para investir na instalação da serraria de Antonio Rodrigues Alves Pereira foi acumulado em outros setores econômicos, caso do comércio e da prestação de serviços, em especial, na área da educação, como professor e diretor, pois: “[...] dedicou-se ao comércio [...] Atuou como professor [...] primeiro diretor do Ginásio do Estado de 1907 a 1911” (ROSA, 2007, p. 56).

Todas as empresas com endereços confirmados estavam no Centro: uma cada nas ruas Álvares Cabral, Américo Brasiliense e Prudente de Moraes; duas na General Osório e na São Sebastião; três na Duque de Caxias e na Rua do Commercio e quatro na Saldanha Marinho

(uma delas, a Delloiagono, terá sua fotografia mostrada na página seguinte). A nacionalidade de 12 empresários ficou confirmada.¹²

Tabela 14- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1891 a 1910

Duração(Anos)	Quantidade(Empresas)
1	7
2	4
3	1
4	1
5	1
7	2
8	2
13	2
22	1
30	1
35	1
93	1
MÉDIA (Anos)	10,95
TOTAL(Empresas)	24

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A maior duração média de 10,95 das 24 empresas desse ramo nesse período ocorreu graças à existência de seis firmas com funcionamento superior a 10 anos e entre essas de quatro com mais de 20.

¹² Seis italianos: Vincenzo Barillari “Nasceu em Capistrano – Província de Vibo Valentin (Sul da Itália) (SIMÕES, 2003, p.23); Emílio Fávero “Nascido na Itália”; Giovanni (João) Beschizza “Nasceu na Itália em 1870”; Antônio Delloiagono “Nasceu em Palermo, Itália, em 14/4/1876”, Miguel Delloiagono “Nasceu em 22/3/1884, na província de Nápoles, Itália”; Salvador Delloiagono “Nasceu em Nápoles, Itália” (ROSA, 2007, pp. 175, 257, 59, 361, 439). Quatro brasileiros: Antonio Rodrigues Alves Pereira “Nasceu em Guaratinguetá em 21/1/1862”; Antônio Diederichsen “Nasceu em São Paulo”; Jeferson Barreto “Nasceu em Resende, RJ, dia 31/3/1867” (Ibidem, pp. 56, 60 e 253); e João Hibbeln. Um francês “O Dr. Matheus Philidory é Vice-Consul da República Franceza” (BANDEIRA Junior, 1901, p. 100). E um português Jayme Henrique Pinto “Nasceu em Beira Alta, Portugal” (1º CARTÓRIO, 1947).

Foto 2- Fachada da Móveis Delloiágono

Fonte: Acervo da Família Delloiagono.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 15.

Tabela 15- Empresas de Roupas e Calçados de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade
Amprino	Calçados	1907 a 1937	General Osório	Italiano
Antonio Bellonzi	Alfaiataria	1896 a 1916	General Osório, 127	Italiano
Antônio Brussolo	Alfaiataria	1902 a 1919	Acre, 19	Italiano
Antonio Manzeroli	Calçados	1900	Não Encontrado	—
Dante Borgheto	Alfaiataria	1906 a 1916	Villa Bonfim	—
De Luca, Francisco	Alfaiataria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Domingos Soriau	Alfaiataria	1910 a 1916	Duque de Caxias, 50	—
Egydio P. Silva Porto	Mala	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Emilio Matrangulo	Calçados	1904	Não Encontrado	—
Ernesto Paulo	Calçados	1904	Não Encontrado	—
Felix Assis Moraes	Chapéus	1895 a 1904	Não Encontrado	—
Francisco Ambrosio	Calçados	1903 a 1921	Duque de Caxias, 20	—
Januário Lupo	Alfaiataria	1906 a 1913	Av.Saldanha M., 46	—
José Candelerio	Chapéus	1904 a 1909	Não Encontrado	—
José Drienna	Calçados	1904	Não Encontrado	—
Nicolau de Luca	Calçados	1895 a 1896	General Osório	—
Nicolao Mignoni	Calçados	1904 a 1921	General Osório	—
Perachino Francisco	Calçados	1904	Não Encontrado	—
Ricardo Galvani	Calçados	1904 a 1916	Saldanha Marin, 79	—
Roberto Soriani	Alfaiataria	1906 a 1921	Duque de Caxias, 52	—
Silva & Cia	Alfaiataria	1910	General Osório, 81	—
Stefani & Carvalho	Curtume	1906 a 1921	Jerônimo Gonçalves	Italianos e Português
Sylvio Adenuci	Calçados	1904	Não Encontrado	—
Thomaz Botalli	Alfaiataria	1898 a 1916	General Osório, 93	—
Vicente Croce	Alfaiataria	1898 a 1900	General Osório	—
Vicente Lamacchia	Calçados	1907 a 1909	Não Encontrado	—
Virgílio R. Guimarães	Alfaiataria	1892 a 1896	Álvares Cabral	—

Fontes: THORMAN, 1895 THORMAN, 1896, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1902 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1903 (APHRP) Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP) Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Almanaque Laemmert de 1907 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1916 (APESP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), PISANI, 1937.

Neste período há uma evolução em relação ao anterior (1870 a 1890), tanto na quantidade de classes de pequenas indústrias, de duas para cinco (150%), com a continuidade de alfaiatarias e produtoras de calçados (às quais passaram a oferecer novas mercadorias - bota, botina e chinelo) como com a inauguração de três novas: chapéu (duas), mala e curtume (uma empresa em cada).

Os curtumes foram criados em um contexto de relativa consolidação da produção de calçados através da demanda desta fabricação por couro e eram as primeiras empresas durante esse processo e transformavam-na em matéria-prima para fazer vaqueta, pelica e sola dos

calçados, pois, o: “curtume em Ribeirão Preto, que provavelmente deveria fornecer couro para as fábricas de sapatos” (LANZA; LAMOUNIER, 2015, p. 589) e parte de malas e chapéus.

Como forma de entender o funcionamento de um curtume, a seguir, serão descritas algumas características do primeiro deles, o curtume Stefani, e de acordo com Bemporad e Filho (1906, p. 683)

Nel 1888 Arturo Stefani fondò Nei pressi di Ribeirão Preto, uno stabimento per La lavorazione dei cuoi, Il quale passo sucessivamente alla firma composta dai soci Ovidio Stefani, figlio, [...] e Albano José de Carvalho 25 operai producono 2.500 mezzi cuoi al mese. Si preparano pelli di vitello, retin, chagrin, suola allestita La macchine ricevono La forza de um motore a vapore della forza di 25 cavalli [...] macchine per stritolare La scorza, per macinare la corteccia, um cilindro a vapore per apparecchiare Il cuoio, due pompe per la presa d' acqua, uma sega a vapore, ed altri macchinismi minori [...] Le officine sono situate in um terreno vastissimo, presso La stazione ferroviária, vicino alla quale si trovano purê Le case di abitazione dei proprietari, del capo fabbrica e di tutti gli operai che vengono a trovarsi così permanentemente sul luogo del lavoro.

Treze empresas estiveram instaladas no Centro: uma cada nas ruas Álvares Cabral, Jerônimo Gonçalves e Saldanha Marinho; três na Duque de Caxias e sete na General Osório; duas firmas no subúrbio, nas ruas Acre e na Avenida Saldanha Marinho (Saudade) e uma na periferia da Vila Bonfim. As nacionalidades encontradas foram de seis empresários¹³.

Tabela 16- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Roupas e Calçados de 1870 a 1910

Classes de Produtos	1870 a 1890	1891 a 1910	Crescimento (%)
Alfaiataria	4	11	275%
Calçados	8	12	50%
TOTAL	12	23	-----

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

O grande crescimento de quatro para 11 alfaiatarias e modistas (275%) nesse período pode ser creditado à ausência de concorrência com grandes indústrias têxteis locais, como ocorreu em outras localidades paulistas, pois a primeira destas, caso da filial ribeirão-pretana da fiação e tecelagem das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), só foi instalada depois de 1930, por isso, em Ribeirão Preto prevaleceu a produção individualizada de roupas feita por esses profissionais.

¹³ Cinco italianos - Antonio Bellonzi “nativo di Galliciano in Provincia di Massa-Carrara” (BEMPORAD & Filho, 1906, p. 1134); Arturo Stefani “um intraprendente lucchese”, este um adjetivo pátrio referente aos nascidos em Lucca na Itália e Ovídio Stefani “soci [e] figlio” (Ibidem, p. 683); Antônio Brussolo “Natural de Província de Veneza, Itália” (2º CARTÓRIO, 1950); e Severino Amprino “Nasceu em Turim, Itália”. (ROSA, 2007, p. 448). E um português, Albano José de Carvalho que “Nasceu em Fenadiel, Douro, Portugal, em 14/5/1869.” (Ibidem, p. 27).

E graças ao gosto em consumir roupas femininas e masculinas individualizadas e únicas moldadas pelo corpo de cada um dos clientes e feitas por encomenda e sob medida, e porque uma grande quantidade das alfaiatarias estavam localizadas em ruas bem comerciais do Centro, caso da Rua General Osório, e as mesmas tiveram uma relação direta com o comércio, atividade urbana já importante a partir da década de 1890, tendo com isso um maior dinamismo, por isso, eram empresas comerciais fabricantes de produtos.

A pequena evolução na fabricação calçadista de oito para 12 empresas (50%) deveu-se à permanência de costumes rurais de andar descalço pela maioria dos ribeirão-pretanos que nesse período viviam em áreas não urbanas, como à concorrência com calçados comprados no comércio local e produzidos em outros municípios brasileiros e estrangeiros.

Tabela 17- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1891 a 1910

Duração(Anos)	Quantidade (Empresas)
1	7
2	2
3	2
4	1
5	1
6	1
7	1
8	1
10	1
11	1
13	1
16	2
18	2
19	2
36	1
MÉDIA (Anos)	8,57
TOTAL (Empresas)	26

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média de duração relativamente alta de 8,57 anos das 26 empresas foi possibilitada pelas nove empresas com mais de 10 anos de funcionamento e entre estas uma acima de 30.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 18.

Tabela 18- Empresas de Alimentos de 1891 a 1910

Empresa	Produto	Duração	Endereço	Nacionalidade
Ant. Gomes Duarte	Café e Fubá	1904 a 1913	Não Encontrado	Português
Biagini	Café e Açúcar	1902 a 1960	Duque de Caxias, 34	Italiano e Brasileiro
Bimbo	Sorvetes	1893 a 1972	Alvares Cabral	—
Carlos Sbragia	Açúcar	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Formica & Cardia	Massas	1904 a 1909	Não Encontrado	—
Francisco Javaroni	Massas	1905	Villa Bonfim	—
Frederico Martinelli	Açúcar	1906 a 1921	José Bonifácio, 14	—
Henrique Sabino	Massas	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Jeronymo Ipolito	Massas	1900 a 1916	Duque de Caxias, 26	Italiano
João Pucci	Massas	1904 a 1921	Villa Bonfim	—
José Silveira Campos	Óleos	1904 a 1909	Não Encontrado	—
José Guimarães	Café e Fubá	1904	Não Encontrado	—
Lamberti Facchi	Massas	1904 a 1909	Não Encontrado	—
Luiz de Maio	Doces e Caramelo	1900 a 1916	São Sebastião, 4/3	Italiano
Lu.Ramos Watheley	Café e Fubá	1904	Não Encontrado	—
Mano. Silva Cardoso	Fubá	1909 a 1919	Marquês do Pombal	—
O. Fioretti	Bala e Bombom	1908	Não Encontrado	—
Phelippe Moreli	Massas	1904 a 1919	São Sebastião, 113	—
Ragghianti & Pucete	Café, açúcar e Fubá	1904 a 1921	Florêncio Abreu, 40	—
Rodrigo Barroso	Café	1910 a 1918	Villa Bonfim	Brasileiro
Sebastião Somma	Massas	1904 a 1909	Não Encontrado	—
Thereza Pizanelli	Massas	1900 a 1904	Não Encontrado	Italiana

Fontes: THORMAN, 1895, THORMAN, 1896, Anuário Comercial de São Paulo, 1904(APESP), Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906(APESP), Catálogo da Exposição Nacional de 1908, Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909(APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP).

O crescimento e a diversificação do ramo alimentício nesse período consubstanciaram-se tanto na quantidade total de sete para 22 pequenas indústrias (214%) quanto na variedade de quatro para 10 classes de produtos fabricados (150 %).

A produção de sorvete por uma firma foi um empreendimento muito interessante em um município com altas temperaturas como Ribeirão Preto, e foi instalada na sua área urbana a partir de processos físicos de refrigeração e de conservação de alimentos congelados, e usava como matérias-primas: frutas, leite, açúcar e água para compor seus sabores.

O aumento de duas para seis empresas de beneficiamento de café (300%) deu continuidade ao processo iniciado já no período anterior de instalação dessa classe fora do espaço rural das fazendas, pois à medida que se consolidava a grande produção cafeicultora em larga escala para exportação nas décadas de 1890 ou 1900, uma parte menor desta era beneficiada em outros espaços produtivos, aqui concretizada nas duas firmas instaladas em ruas urbanas do Centro e uma pequena indústria na periférica Villa Bonfim.

A evolução, tanto do processamento de alimentos diversos de duas para cinco empresas (150%) como o beneficiamento do fubá de uma para cinco pequenas indústrias. E o início da fabricação do óleo processado a partir de um vegetal não confirmado por uma e da refinação de açúcar por quatro firmas.

As primeiras “[...] fábricas de massas [...] indício da difusão dos hábitos alimentares dos imigrantes estrangeiros e influência que exerciam [...]”. (LANZA; LAMOUNIER, 2015, p. 590), alimentos feitos a partir do trigo, foram criadas na década de 1900, totalizando nove empresas. Essa classe de produtos foi criada após a consolidação da imigração italiana em Ribeirão Preto, entre as décadas de 1880 e 1890.

Apenas dois produtos encerraram sua fabricação: o beneficiamento do arroz e a rapadura, este alimento consumido nas áreas rurais e, desde os entrantes mineiros no início do século XIX, deixou de ser apreciado de forma sistemática em prol de outros e variados doces produzidos com o aumento da urbanização verificada nesse período, entre eles o chocolate produzido por uma empresa.

A localização das 11 empresas esteve dividida nas seguintes ruas: sete no Centro (Álvares Cabral, Florêncio de Abreu e José Bonifácio, uma cada e duas na Duque de Caxias e na São Sebastião); uma no subúrbio dos Campos Elíseos, na Marquês do Pombal e três na periferia da Villa Bonfim. As nacionalidades encontradas foram de sete empresários.¹⁴

¹⁴ Dois brasileiros, Rodrigo Barroso “Natural de Ribeirão Preto” (3º CARTÓRIO, 1968) e Américo Biagine “Natural de Ribeirão Preto” (1º CARTÓRIO, 1974). E um português Antônio Gomes Duarte “Natural de Funchal, Portugal” (1º CARTÓRIO, 1939). E quatro italianos: O proprietário da empresa Biagini café e açúcar (a qual terá sendo uma delas, a Móveis Innechi, mostrada na fotografia da fachada desta firma mostrada abaixo) Raffaele (Raphael) Biagini “Nasceu na Itália em 1865” e Luigi (Luiz) de Maio “Nasceu em Consenza, Italia, dia 15/3/1879” (ROSA, 2007, pp. 321- 417); Gerolamo Ippolito (Jeronymo Ipolito), “nativo di Castellabate, Provincia di Salerno” (BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1141); e Thereza Pizanelli “Destino definitivo: Ribeirão Preto” (HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES, 1891).

Foto 3- Fachada da Beneficiadora de Café e Açúcar Biagini

Fonte: Acervo Pessoal de Ângela Biagini de Amorim.

Tabela 19- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1891 a 1910

Duração(Anos)	Quantidade(Empresas)
1	4
2	1
4	1
5	1
6	4
9	1
10	1
11	1
16	2
17	2
18	2
59	1
80	1
Média (Anos)	14,09
TOTAL(Empresas)	22

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média alta de 14,09 anos foi causada tanto pelas duas empresas com duração muito longa de 59 e 80 anos como de sete firmas acima de 10 anos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 20.

Tabela 20- Empresas de Bebidas de 1891 a 1910

Empresa	Produto	Duração	Endereco	Nac. Empresário
Angelo Millo	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	—

Antonio Floriano	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Augusto Morandini	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Baptista Baldochi	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Barbante D.Bock	Cerveja	1910	Vila Bonfim	_____
Benjamin Marinai	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Calixto Tegnano	Cerveja	1904 a 1915	Não Encontrado	_____
Domingos Gregaulo	Cerveja e Licor	1904 a 1909	Não Encontrado	_____
E. P.daSilva Porto	Gelo	1904	Não Encontrado	_____
Ernesto Esquibole	Cerveja e Licor	1900 a 1904	Tanquinho	_____
Feliac Landucci	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Franceschi & Cia	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
João Bernardes	Cerveja e Licor	1893 a 1900	Não Encontrado	_____
João Betoni	Cerveja e Licor	1900	Não Encontrado	_____
João Bim	Aguardente	1908 a 1953	Não Encontrado	Italiano
João Siriolem	Cerveja	1893 a 1904	Não Encontrado	_____
José Cogulo	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
José Kinarelli	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
José Navasio	Licor	1908	Não Encontrado	_____
José Trevizolli	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
José Zeberto	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	Italiano
Julio Rozanetti	Cerveja e Licor	1904 a 1909	Não Encontrado	_____
Lívi e Bertoldi	Cerveja e Xarope	1892 a 1930	Capitão Salomão, 26	Italianos
Justino Paulinelli	Cerveja e Licor	1904 a 1909	Não Encontrado	_____
Lourenço Bernardo	Gasosas e Licor	1904	Não Encontrado	_____
Luiz Pelozio	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Luporini Vicente	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Marcolino Maroni	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Olyntho P. Sobrin,	Cerveja	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
Pedro Cescado	Aguardente	1906 a 1921	Jatubazinho	_____
Raphael Pucetti	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Rodolpho Jardim	Aguardente	1900	Tanquinho	_____
Santo Crevelaro	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Santo Fanini	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Sassi & Morcandini	Cerveja e Licor	1904	Não Encontrado	_____
Simão de Mello	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Thomaz Pacanhelo	Cerveja	1903 a 1909	Não Encontrado	_____
Valente Fantato	Cerveja	1892 a 1895	Não Encontrado	_____
Vicente Goulace	Aguardente	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Vicente Toschi	Cerveja e Licor	1904	Não Encontrado	_____
Virgilio Pitol & Im	Cerveja	1904	Não Encontrado	_____

Fontes: Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1893 (APHRP), THORMAN, 1895, THORMAN, 1896, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1903 (APHRP), Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP), Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), BEMPORAD & Figlio, 1906, BEMPORAD & Figlio, 1906, Catálogo da Exposição Nacional de 1908 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP).

O crescimento foi tanto da quantidade total de pequenas indústrias, de 11 para 41 (272,72%) como de dois para seis classes de produtos fabricados (200%): aguardente, cerveja, licor, xarope, gasosa e gelo, uma consequência do aumento da urbanização e do início da

diversificação de hábitos e demandas de consumo formados prévia e externamente ao mercado ribeirão-pretano, em especial europeus.

A Livi e Bertoldi teve uma produção diversificada, tanto das cervejas Mulata, Guarani e Indiana, como de licores, bebidas gasosas para refresco como também usadas como remédio: xaropes e “amargo estomacal” (SILVA, 2006, p.99).

O licor era feito a partir de várias frutas e era tomado como aperitivo antes e após as refeições ou acompanhado como um tira-gosto alimentício e era uma bebida muito adocicada e de concentração alcoólica baixa.

A existência do processo de congelamento físico permitiu a manutenção do gelo em máquinas condicionadoras a ser usado para conservar as bebidas geladas, no entanto, a instalação de uma única empresa dessa classe de produto fabricado em todos os três períodos foi graças ao seu uso ainda restrito, devido ao pouco uso de refrigeradores e congeladores como à sua produção pela filial local da Indústria de Bebidas Antarctica, uma grande concorrente e ocupante de grande fatia desse mercado.

O uso para fins mercantis da técnica de gaseificação era acessível às pequenas indústrias, pois estas, e não só as indústrias de bebidas Antarctica e Paulista, processavam as bebidas gasosas com sabores diversos de fruta.

A aguardente, em certas situações, também tinha objetivos visando remediar certas dores humanas, pois “[...] os elevados preços pelos quais eram vendidos os remédios aos imigrantes sendo substituídos muitas vezes pela pinga, usada [...] na cura de refluxo e para ‘assentar o estômago’ [...] resistência ao frio e em caso de febre.” (GARCIA, 1997, p.90).

A localização das cinco empresas esteve assim dividida: três no subúrbio, sendo duas no Tanquinho e uma nos Campos Elíseos, na Rua Capitão Salomão e duas na periferia de Jatubazinho e da Villa Bonfim. As nacionalidades encontradas foram de cinco empresários ¹⁵.

Tabela 21- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Bebidas de 1870 a 1910

Classes de Produtos	1870 a 1890	1891 a 1910	Crescimento %
Aguardente	6	14	133,33%

¹⁵ Os cinco empresários, todos italianos, foram os seguintes: Salvatore Livi “un pistoiese” (BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1134), adjetivo pátrio referente aos naturais do município de Pistoia, na Itália; Giovanni (João) Bim “Nasceu em Rovigo, em 15/8/1888”; Quarto Bertoldi “Nasceu em Lavarone, Itália, dia 27/7/1876” (ROSA, 2007, pp. 244 e 415). José Zeberto “italiano” e Guido Gambini, “Natural da Itália” (1º CARTÓRIO, 1889 e 1955).

Cerveja	5	24	380%
Total	11	38	

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

O aumento de cinco para 24 fabricantes de cerveja (380%) refletiu o aumento do seu consumo tanto por antigos bebedores europeus como de novos brasileiros e em um período de ocupação desse crescente mercado apenas por pequenas indústrias antes da instalação das duas grandes indústrias, a filial da Companhia Antártica Paulista em 1911 e a Companhia Paulista de Bebidas em 1913.

A evolução de seis para 14 fabricantes de aguardentes (133,33%) foi devido à continuidade da sua produção na periferia como ao início no subúrbio em ambas as regiões com a coexistência vicinal da lavoura pequena de cana-de-açúcar junto aos engenhos mecânicos das pequenas indústrias.

Tabela 22- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Bebidas de 1891 a 1910

Duração (Anos)	Quantidade (Empresas)
1	9
2	9
4	12
5	1
6	3
7	1
8	1
12	2
16	1
39	1
46	1
MÉDIA (Anos)	5,8
TOTAL (Empresas)	41

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média de duração baixa do ramo nesse período de 5,8 anos ocorreu devido à grande quantidade de empresas com pequeno tempo de funcionamento, de um e dois anos apenas.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 23.

Tabela 23- Produtos Ferrosos de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade
---------	-------------------	---------	----------	---------------

ABC / Diederichsen	Máquinas Agrícolas	1903 a 1953	Saldanha Marinho	—
Arthur Gondolo	Ferraria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Bianchi	Metalúrgica	1900 a 1948	Duque de Caxias, 15	Italianos
Candido Lins	Ferraria	1902	Não Encontrado	—
Domingo Inck	Funilaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Domingo Palaci	Funilaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Francisco Crisci	Funilaria	1906 a 1921	General Osório	—
Francisco Gozella	Ferraria	1910 a 1916	Américo Brasil, 11	—
Giorgio Fiorelli	Cama de Ferro	1910	Saldanha M, 113	—
Gustavo Vielhaber	Fundição Bronze	1895 a 1900	Américo Brasiliense	Italiano
Henrique Tap	Ferraria	1910 a 1916	Duque de Caxias, 56	—
Jeferson Barreto	Fundição Ferramen.	1895 a 1906	Álvares Cabral	Brasileiro
João Beschizza	Peneira de Arame	1904 a 1921	Saldanha M., 99	—
Luiz J. Rangel	Ferraria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Luiz Saron	Ferraria	1900	Não Encontrado	—
Luiz Zaccaro	Cama de Ferro	1900 a 1903	Não Encontrado	—
Manoel Campos	Ferraria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Maurino Felizola	Funilaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Mendes Maragliano	Ferraria	1910 a 1916	Comércio, do 36	—
Miguel Amorozo	Serralheria	1895 a 1916	Saldanha M, 31	—
Paolo Martucci	Funilaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Pedro Bartholomeu	Portas e Grades	1908 a 1930	Saldanha M, 4	—
Philidory	Máquinas Agrícolas	1901	Não Encontrado	—
Vicente Paulino	Peneira de Arame	1904 a 1916	Não Encontrado	—

Fontes: THORMAN, 1895, THORMAN, 1896, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), A indústria no Estado de São Paulo em 1901 (APESP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1902 (APHRP), Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP), BEMPORAD & Figlio, 1906, Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1916 (APESP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP).

Um aumento ocorreu sobre o período anterior na quantidade de três (funilarias, ferrarias e fundição de bronze) para as seguintes nove classes de empresas e produtos fabricados (200%), tanto na continuidade das anteriores, como na nova introdução dessas: metalúrgica, camas de ferro (novas concorrentes das empresas de móveis de madeira), fundição de ferro e ferramentas, peneira de arame, máquinas diversas para indústrias e agricultura (roda d'água, engenho para cana, turbina, vácuo, moenda e parafuso) e artigos de serralheria (porta, caixilho e grade).

O capital inicial da fundição e fabricante de ferramentas de Jeferson Barreto originou-se da produção cafeeira para exportação, para instalá-la na Rua Álvares Cabral, no Centro, e esta já era uma empresa separada geograficamente da fazenda rural e em setor econômico diferente da cafeicultura, pois ele: “[...] era filho de Antonio Pereira Barreto Pedroso

Sobrinho, cafeicultor local e que, segundo seu inventário, tinha bens no município de Resende, estado do Rio de Janeiro” (LOPES, 2008, p. 141).

A fabricação de produtos feitos de ferro foi efetivada por algumas pequenas indústrias, pois: “[...] desde o início do século, formaram-se em Ribeirão Preto [...] inúmeras oficinas, para [...] fabricação de peças para substituir as importadas e que também fabricavam instrumentos agrícolas [...] componentes para engenhos de pinga e usinas de açúcar” (MICELI, 1984, p.51). Em especial pela Philidory, que produzia máquinas para beneficiar cereais e arroz. Outros dois casos singulares, das Oficinas Bianchi e do Banco ABC Construtor e Antônio Diederichsen, serão a seguir descritos.

A importância das Oficinas Bianchi pode ser medida tanto pela variedade de produtos fabricados (engenho para cana, roda d’água, máquinas para indústrias e para a agricultura) como pelo fato de o Estado e o governo municipais terem sido, também, uma parte dos seus consumidores, pois a mesma: “[...] concebeu e confeccionou os postes de ferro fundido que hoje estão na Praça XV e no Palácio Rio Branco. (ROSA, 2007, p.45).

O capital inicial dessa empresa teve origem na agricultura, em especial, com um antigo trabalhador agrícola, e de acordo com Lanza; Lamounier (2015, p. 600)

Outros, após algum tempo trabalhando nas fazendas de café e com a formação de um pecúlio, resolviam buscar a vida [...] na indústria. Vimos o exemplo do imigrante que veio com conhecimento técnico para a lavoura e em seguida partiu para a cidade em busca de melhores condições de vida, como é o caso de Adolpho Bianchi com sua oficina mecânica.

A outra pequena indústria, no início com a razão social de “Banco Construtor e Auxiliar de Santos, que havia montado em Ribeirão Preto uma fundição [...] para atender lavouras e máquinas de beneficiar café”. (AMORIM, 2001, p. 87).

Para depois ter uma alteração, inclusive em seu quadro societário, pois: “Em 1903 Antonio Diederichsen, quando em sociedade com o serralheiro João Hibbeln fundou o Antigo Banco Construtor, o ABC, na esquina das ruas José Bonifácio e São Sebastião [...] Em 1916 a sociedade com João Hibbeln terminou”. (Ibidem, p. 87).

A partir da compra da empresa por Antonio Diederichsen (a qual terá uma foto de sua fachada mostrada na página seguinte) além da manutenção da fundição, a empresa começa a diversificar a quantidade de produtos fabricados, ao transferir a planta produtiva do Centro, construída em 1912, para a Vila Tibério, em 1918 na rua Joaquim Nabuco, 4, começando a fabricar tanto equipamentos simples quanto máquinas mecânicas e/ou elétricas mais sofisticadas, e bens de consumo duráveis, caso do fogão de ferro, e de acordo com ABC – Associação Banco Construtor. O que fomos ontem... 1903, o que somos hoje (1953, p. 62)

Antônio Diederichsen [com] fundição de ferro e bronze [...] [fabricava] fogões, caixilhos de ferro, parafuso, máquinas para lavoura e usinas açucareiras [...] turbinas, moendas, vácuos e outros acessórios destinados a pequenas e grandes usinas de açúcar, produtores de aguardentes, álcool, serralheria [...].

Foto 4- Fachada Diagonal da Comércio e Indústria Diederichsen

Fonte: APHRP.

As nacionalidades encontradas foram de cinco empresários¹⁶. A localização de todas as 12 empresas foram no Centro, nas seguintes ruas: cinco na Saldanha Marinho, uma cada na Álvares Cabral, do Comércio e na General Osório; duas na Américo Brasiliense e Duque de Caxias; e nenhuma no subúrbio e na periferia.

Essa peculiaridade desse período de concentração da produção espacial em apenas uma região, o Centro, aconteceu em um ramo relativamente horizontalizado e formado por firmas de diferentes classes de produtos fabricados, dependentes entre si e de outras empresas fornecedoras e de consumidores (empresas e pessoas físicas) fixados no meio urbano a despeito de algumas atividades, como a ferraria e a fundição, terem sua origem no meio rural.

E devido ao fato de ser a manipulação do ferro e sua transformação em vários produtos um dos elementos destacados das atividades econômicas urbanas, para a construção

¹⁶ O brasileiro, Jeferson Barreto “Nasceu em Resende, RJ, dia 31/3/1867” (ROSA, 2007, p. 253); e quatro italianos Rocco (Roque) Bianchi (PISANI, 1937, p. 456); José Bianchi “Natural de Castiglione, Itália” (SILVA, 2008, p. 253); “Em 1890 a família Bianchi, natural de Castilhona Odon, província de Como, chegou ao Brasil Adolfo Bianchi nesta época tinha 17 anos, e um diploma de curso técnico de mecânica, concluído na Itália.” (SANTOS, 2004, p. 137; e Gustavo Vielhaber, presente no livro sobre os italianos emigrantes para o Brasil (BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1139).

civil, fornecendo produtos variados no comércio e estimulando a prestação de serviços através de trabalhos supervenientes de consertos assim como para a urbanização de Ribeirão Preto.

Tabela 24- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1870 a 1910

Classes de Produtos	1870 a 1890	1891 a 1910	Crescimento %
Ferraria	6	8	33,33 %
Funilaria	3	5	66,66%
Total	9	13	-----

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

As duas classes de empresas e produtos fabricados tiveram crescimento, de três para cinco funilarias (66,66%) e de seis para oito ferrarias (33,33%). A evolução menor desta ocorreu graças à inauguração de novas concorrentes, em especial, de três serralherias, incluindo uma empresa fabricante de portas e grades.

Tabela 25- Duração Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1891 a 1910

Duração(Anos)	Quantidade(Empresas)
1	4
4	8
6	1
7	3
12	1
13	1
16	1
18	1
22	1
23	1
49	1
51	1
MÉDIA (Anos)	11,12
TOTAL (Empresas)	24

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média alta, de 11,12 anos, foi proporcionada tanto por duas empresas com duração muito longa, 49 e 51 anos, como por oito firmas acima de 10 anos (33,33%). E houve muita diferença devido à grande variedade de anos de funcionamento, ocorrendo apenas três recorrências em anos (um, quatro e sete) com mais de uma firma.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 26.

Tabela 26- Minerais Não Metálicos de 1891 a 1910

Empresa	Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade
Andrea Castaldelli	Olaria	1900	Não Encontrado	—
Bertolinni Germano	Olaria	1895	Lagoinha e Palmeiras	—
Francisco Berling	Olaria	1892	Não Encontrado	—
Ítalo-Brasileira	Marmoraria	1892 a 1940	Duque de Caxias, 76	Italianos
Jacob Henrique	Olaria	1906 a 1916	Lagoa do Mato	—
Jeronymo Ipolito	Olaria	1900 a 1921	Av. Rio Pardo	—
João Verandini	Olaria	1906 a 1916	Córrego Palmeiras	—
Luis Nogueira	Olaria	1892	Não Encontrado	—
Milano Angelini	Olaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Pedro Giroldo	Olaria	1893 a 1904	Não Encontrado	—
Ramiro Pimentel	Olaria	1895 a 1896	Não Encontrado	—
Sebastião Lopes	Olaria	1896	Córrego Rib.Preto ¹⁷	—
Tibério Augusto	Olaria	1895 a 1896	Córrego Matadouro	Brasileiro
Vicente Cabani	Olaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Vicente Golfeto	Olaria	1900 a 1930	Tanquinho	Italiano

Fontes: Escritura de 5/11/1892 e Escritura de 15/7/1896 (1º Tabelião de Notas RP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1893 (APHRP), THORMAN, 1895, THORMAN, 1896, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP), Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP).

O aumento de seis para 14 olarias (133,33%) acompanhou com certo prodígio a evolução do setor da construção civil no município. Um exemplo foi a empresas de Vicente e Marco Golfeto, pois: “Os Golfeto, desde a chegada no Núcleo Colonial seguiram a atividade de oleiros em Ribeirão Preto, fornecendo tijolos para a construção da Catedral, do Palestra Itália [...]” (SILVA, 2006, p. 148).

Com efeito, foi criada uma nova classe de pequenas indústrias nesse período, através da instalação de uma única marmoraria, e alguns dos fatores para seu início foi que de acordo com Borges (1991, p. 383)

Toda a cidade, quando adquire ares urbanos, possui estrutura própria para manter uma marmoraria. Ribeirão Preto só teve condições para tal em 1892, quando nela se instalou a Marmoraria Italo-Brazileira do escultor Carlo Barberi. Havia, pois, fatores favoráveis para essa iniciativa pioneira, a saber: o cultivo do café iniciado em 1876; a reciclagem da mão-de-obra composta

¹⁷ Essa olaria descrita como localizada genericamente próxima ao córrego Ribeirão Preto poderia estar instalada em um raio de dezenas de quilômetros na divisa sul de Ribeirão Preto com Cravinhos, em Bonfim Paulista, no bairro da República, Vila Virgínia, Centro, Vila Tibério, Campos Elíseos, Barração, Tanquinho, no seu vale e margens norte até sua foz no Rio Pardo. Por isso, ela não estará presente de forma separada em uma das três regiões: Centro, subúrbio e periferia, justamente por poder estar nas três conjuntamente.

agora por imigrantes italianos; a instalação da ferrovia em 1884; o desenvolvimento do comércio; as feições da cidade que mudavam constantemente, sobretudo o trecho entre a estação Mojiana [sic] e a Praça XV de Novembro; a fundação do Cemitério da Avenida Saudade no bairro Campos Elíseos.

Um fator importante foi a imigração italiana e, em especial, a chegada de profissionais com conhecimento técnico no manuseio do mármore bruto desde seu país e região e “[...] estabelecidas por imigrantes italianos, que vieram a compor o estrato superior da classe média, uma vez que já chegaram com uma bagagem cultural e com um conhecimento técnico do ofício, adquiridos na Europa”. (BORGES, 1991, pp. 382-383).

E a inauguração dessa primeira marmoraria foi condicionada pelo crescimento e diversificação urbana por novos produtos tanto para construção civil como para decoração de túmulos do primeiro Cemitério, o da Saudade, criado especificamente para esse fim, em 1893.

A localização das oito empresas foi a seguinte: uma no Centro (na Rua Duque de Caxias); três no subúrbio (Córrego Matadouro, Avenida Rio Pardo e bairro e córrego do Tanquinho); três na periferia (Córrego Palmeiras, Lagoa do Mato e na região entre Lagoinha e Palmeiras). E, por último, uma olaria no Córrego Ribeirão Preto, que poderia estar instalada em qualquer uma das três regiões acima descritas. Com efeito, as pequenas indústrias desse ramo nesse segundo período estavam bem distribuídas pelo território do município de Ribeirão Preto.

Tabela 27- Duração Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1891 a 1910

Duração (Anos)	Quantidade
1	5
2	2
4	2
11	2
12	1
22	1
31	1
49	1
MÉDIA (Anos)	10,2
TOTAL	15

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média alta de 10,2 anos foi causada por seis empresas com mais de 10 anos de duração e entre essas de três acima de 20 (22, 31 e 49), sendo esta última a única marmoraria desse segundo período. As nacionalidades encontradas foram de cinco empresários¹⁸.

¹⁸ Quatro italianos - Vincenzo (Vicente) Golfetto (Golfeto) e Arduino Noccioli (PISANI, 1937, p. 456); Orlando Carlo Barberi “Nasceu em 1865 no território de Marina Di Massa, Forte Dei Marmi, em Querceta, jurisdição de Pietrasanta” (BORGES, 1991, p. 93), (os dois últimos sócios da marmoraria

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 28.

Tabela 28- Produtos Químicos de 1891 a 1910

Empresa	Produto	Duração	Endereco	Nacionalidade
A.G. Roxo	Químico/Farmacêutico	1900 a 1908	General Osório, 98	_____
Alberto Conferás	Sabão	1904 a 1909	Não Encontrado	_____
Angelo Pelicano	Sabão	1910 a 1916	Av.Saldanha M.,52	_____
Barbara Edini	Sabão	1906 a 1913	Não Encontrado	_____
Bonifacio Riccoi	Sabão	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Bortalo Barquieiro	Sabão	1900	Não Encontrado	_____
Buonacorsi & Sacchi	Sabão	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Eugenio Barichello	Sabão	1910 a 1939	Luiz Barreto, 46	Italiano
Ferdinando Pieri	Sabão	1904	Não Encontrado	_____
Fideles Cabregas	Fogos	1904 a 1913	Não Encontrado	_____
Helio Sacchi	Sabão	1893	Não Encontrado	_____
João Bertagnole	Sabão	1908	Cel.Luiz Cunha,56 ¹⁹	_____
José Luiz Ragozo	Sabão	1908	Cel.Luiz Cunha,56	_____
Jovino Silva Ramos	Sabão	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Luiz Fragoso	Sabão	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Marco Licença	Sabão	1904 a 1909	Não Encontrado	_____
Monsueto Bonacorsi	Sabão	1900 a 1904	Não Encontrado	_____
Nicolau Serpico	Fogos	1904	Não Encontrado	_____
Ramos & Cia	Sabão	1895 a 1904	Não Encontrado	_____
Virgilio Pitol	Sabão	1907 a 1909	Não Encontrado	_____

Fontes: Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1893 (APHRP), THORMAN, 1895, Almanaque Laemmert de 1900 (APESP), Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP), Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Almanaque Laemmert de 1907 (APESP), Catálogo da Exposição Nacional de 1908 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1916 (APESP).

Nesse período há um crescimento de duas para três classes de produtos fabricados, tanto com a continuidade da fabricação de fogos, seu fabricante também era nomeado de pirotécnico ou fogueteiro, que teve um aumento de uma para duas empresas, como da mudança do boticário para uma função semelhante, a do químico e farmacêutico, um caso de empresa comercial fabricante de produtos.

Por último, o início da fabricação de sabão por 17 empresas que ocorreu devido à urbanização e ao início da prática de separação entre produtor e consumidor através da venda

Ítalo-Brasileira); Gerolamo Ippolito (Jeronymo Ipolito), “Nativo di Castellabate, Provincia di Salerno” (BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1141). E o brasileiro Tibério Augusto Garcia de Senne “procedente de Minas Gerais” (PRATES, 1975, p.45).

¹⁹ A Rua Cel. Luiz da Cunha, nesta e na empresa abaixo, estavam localizadas na Villa Bonfim.

comercial desse produto em substituição à fabricação doméstica na qual cada família dispensava um tempo para produzir sua própria barra de limpeza.

As pequenas indústrias estavam localizadas nos seguintes endereços: a única no Centro, em especial, na General Osório, foi o pequeno laboratório químico/farmacêutico de A.G. Roxo. As demais quatro empresas, fabricantes de sabão, estavam instaladas em outras regiões, sendo duas no subúrbio (Avenida Saldanha Marinho e na Rua Luiz Barreto) e duas na periferia da Vila Bonfim, em especial, na Rua Coronel Luiz Cunha. A nacionalidade encontrada foi de um empresário ²⁰.

Tabela 29- Duração Das Pequenas Indústrias Químicas de 1891 a 1910

Duração(Anos)	Quantidade
1	6
3	1
4	4
5	1
6	2
7	1
8	1
9	1
10	2
30	1
MÉDIA (Anos)	5,8
TOTAL (Empresas)	20

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média de duração de 5,8 anos, baixa, foi causada pela existência de apenas uma empresa com mais de 10 anos de duração, prevalecendo a pequena quantidade de anos de funcionamento da sua maior parte.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 30.

²⁰ O sócio de Eugênio Barichelo, o italiano Pedro Barichelo (Barichelli) (PISANI, 1937, p. 456).

Tabela 30- Gráficas de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade
A Cidade	Gráfica/Jornal	1905 a 2017	Duque de Caxias	Brasileiros
Adolpho Gelber	Gráfica/Carimbo	1905	General Osório, 67	_____
A Gazeta	Gráfica/Jornal	1896 a 1897	General Osório, 15	_____
Armando Novaes	Gráfica	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Augusto Guimarães	Gráfica	1906 a 1921	General Osório, 71	_____
Claudionor Martins	Gráfica	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Diário da Manhã	Gráfica /Jornal	1898 a 1972	15 de Novembro, 117	Brasileiro
Enéas F. da Silva	Gráfica	1906 a 1909	Não Encontrado	_____
Giovanni Beschizza	Gráfica	1906 a 1972	Saldanha M., 99	_____
L'Unione	Gráfica/Jornal	1896	São Sebastião, 40	_____
O Imparcial	Gráfica/ Jornal	1895 a 1896	Não Encontrado	_____
O Repórter	Gráfica/Jornal	1895 a 1899	Não Encontrado	_____
Progresso	Gráfica/Jornal	1904	Vila Bonfim	_____

Fontes: THORMAN, 1895, THORMAN, 1896, L'UNIONE. Ribeirão Preto, 8 nov. 1896, LA GAZETTA de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 22 mar. 1897, Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Annuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Código de Posturas de 1921 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Ribeirão Preto: a capital da cultura, 1972 (APHRP).

Nesse segundo período em relação ao primeiro houve um aumento de duas para sete empresas (250%) que produziam jornais e a inauguração de cinco gráficas. A principal matéria-prima usada, o papel, era adquirido provavelmente das indústrias brasileiras, entre outras, a Melhoramentos (fundada em 1883) e a Klabin (inaugurada em 1902).

As gráficas fabricavam: “carimbo de borracha, folhinhas de ano” (A Cidade, 1 jan. 1905), “cartões de visitas, simples, à fantasia e com retratos, participações [convites] de casamentos, talões de recibo, fórmulas de faturas” (O Ribeirão Preto, 16 ago. 1891). E “fatture, buste, cartoni commerciale, di circolare, intestate, avvisi per teatri” (L'UNIONE., 8 nov. 1896).

As pequenas indústrias estavam localizadas nos seguintes endereços: sete no Centro, sendo uma cada nas ruas Duque de Caxias, Saldanha Marinho e São Sebastião e na Praça XV de Novembro; e três na General Osório. E uma apenas estava instalada na periferia da Vila Bonfim. A nacionalidade encontrada foi de três empresários ²¹.

²¹ Todos esses empresários eram brasileiros: os dois primeiros do Jornal e Gráfica A Cidade, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira “Nasceu em São Simão em 14 de maio de 1861” (MATTOS, 2004, p. 478) e Francisco Augusto Nunes “Nasceu e faleceu em Ribeirão Preto” (ROSA, 2007, p. 201); e Juvenal de Sá Macedo, proprietário do Diário da Manhã “Nasceu em Resende, RJ” (Ibidem, p. 304).

Tabela 31- Duração Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1891 a 1910

Duração (Anos)	Quantidade (Empresas)
1	3
2	2
4	1
5	1
16	1
67	1
75	1
113	1
MÉDIA (Anos)	26,09
TOTAL (Empresas)	11

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média bastante alta de 26,09 anos de duração foi condicionada pela existência de quatro empresas acima de 10 anos de funcionamento, e em especial de três com duração longa de 67, 75 e 113 anos, esta última o Jornal A Cidade ainda em funcionamento nos dias atuais (2017).

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 32.

Tabela 32- Carroças e Acessórios de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade
Eugenio Gallo	Carroça	1900 a 1909	Não Encontrado	—
Francisco Fante	Selaria	1906 a 1909	Não Encontrado	—
Henrique Martinelli	Carroça	1900 a 1916	Paraíba, 9	—
Joaquim Rangel	Selaria	1895 a 1909	Duque de Caxias	Brasileiro
José Cordeiro Silva	Carroça	1895 a 1916	Américo Brasil., 52	Brasileiro
José Duarte	Selaria	1910 a 1918	General Osório	—
Luiz Coradazzi	Carroça	1905 a 1921	Villa Bonfim	—
Luiz Gallo	Carroça	1910 a 1921	Av. Saldanha M, 35	Italiano
Manuel dos Santos	Selaria	1906	São Sebastião	—
Oreste Guil. Golfeto	Carroça	1900	Tanquinho	—
Severiano Mora S. V.	Selaria	1906 a 1909	Duque de Caxias	—

Fontes: THORMAN, 1895, Livro de Registro de Impostos de Indústrias, Comércio e Profissões, 1900 (APHRP), Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP).

Com o passar dos anos, em especial, a partir do segundo período, o ponto de trollys (ou trole), com sua parte superior fechada e com proteção contra chuva e poeira para transportar passageiros chegados de trem e de carroças abertas para fretes de mercadorias são inaugurados em frente e ao lado da entrada principal da estação ferroviária.

Neste sentido, cresceu a demanda por carroças, boa parte desta atendida pela fabricação dentro do município, a qual foi efetivada com a evolução de uma para seis fabricantes e, semelhante ao primeiro período, cinco pequenas indústrias fabricaram acessórios (selas e colchoarias).

O aumento na produção de carroças foi efetivado por quatro motivos: primeiro, graças ao aumento da circulação geral de mercadorias dentro do município e da consequente demanda por meios de transporte, proporcionado pelo desenvolvimento econômico, e consolidado nesse segundo período, da produção cafeeira comercial.

E, segundo, por seu maior prodígio nesse período na concorrência com outros meios de transporte movimentados através da força animal, tanto com os lombos de mula, por ter uma melhor capacidade de armazenar uma maior quantidade de mercadorias; e por sua vantagem comparativa de possuir, não este aspecto mencionado, conforme pode ser notado pela fotografia abaixo, no entanto, uma maior velocidade em relação aos carros de bois.

Foto 5- Carro de Boi com Madeira para a Serraria Vielhaber

Fonte: APHRP (João Passig, 1900).

A ausência do levantamento de qualquer pequena indústria fabricante de carros de bois nas dezenas de fontes pesquisadas sobre a economia e os transportes em Ribeirão Preto às quais desvelaram boa parte das pequenas indústrias desse trabalho, pode ser explicada pelo fato de sua fabricação estar restrita ao espaço rural da periferia e mesmo do subúrbio e pelo impedimento normativo pelos Códigos de Posturas Municipais de seu acesso e circulação à sua região econômica mais desenvolvida, o Centro.

Em síntese, devido a esses problemas externos como suas falhas internas, por exemplo, por sua considerada cada vez mais ineficiente pequena rapidez, os bois ficaram

circunscritos aos currais e aos caminhos de terra externos à Cidade e sofreram um abate lento e com o emudecimento do ranger das suas pesadas rodas de madeira, o fim de seu espetáculo, conforme mostra a foto abaixo, e sua saída de cena provocado pelo novo maestro da sinfonia de paralelepípedos, assim como um aspecto rural substancial do Ribeirão Preto, e tombaram definitivamente à concorrência com o transporte por carroças dentro do município.

Foto 6- Carro de Bois com madeira para a Serraria Vielhaber

Fonte: APHRP.

O terceiro motivo deveu-se à ausência de concorrência com a ferrovia dentro do transporte de curta distância (para as ruas do mesmo ou vizinhos bairros, região e dentro do município) para entrega dos fornecedores ou de mercadorias aos clientes.

Neste sentido, apesar da consolidação da presença da ferrovia em Ribeirão Preto nesse segundo período de 1891 a 1910, a lógica das suas companhias, Mogiana e Dumont, tinha como referência centenas de quilômetros, conforme o território de sua atuação (só da primeira) em regiões do estado de São Paulo e a logística entre a produção de café em fazendas no interior e sua exportação até o porto de Santos (das duas).

Essa situação redundou na criação de estações com distância de dezenas de quilômetros entre cada uma delas, dificultando, com isso, o transporte de mercadorias tanto dos fornecedores às pequenas indústrias como destas aos consumidores que não moravam próximos às quatro linhas e ramais ferroviários diferentes (Mogiana de Cravinhos a Jardinópolis, Guatapará, Sertãozinho e Dumont) e das seguintes sete estações distantes espacialmente entre si em todo o território do município nesse período: a) estação Central das Companhias Mogiana e Dumont ambas na Vila Tibério; b) Guimarães; c) Luiz Miranda; d)

Barracão; e) Viaducto (Villa Bonfim); f) Santa Tereza; g) Iracema (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012, p. 70).

Um exemplo dessa situação aconteceu com a empresa fabricante de aguardente de Pedro Cescado, instalada em Jatobazinho, no extremo noroeste do município, e localizada a vários quilômetros das duas estações de trem mais próximas, Iracema e Barracão, ou seja, era necessário o uso de carroças tanto pelos seus fornecedores como para entrega aos seus clientes.

O quarto motivo ocorreu devido à flexibilidade das carroças em poderem transportar mercadorias em qualquer hora e minuto do dia, diferente dos reduzidos horários fixos diários de saída e chegada do trem de ferro.

As nove pequenas indústrias nesse período estavam localizadas nos seguintes endereços: cinco no Centro, sendo uma cada nas ruas Américo Brasiliense, São Sebastião e General Osório; e duas na Duque de Caxias. Três no subúrbio (Avenida Saldanha Marinho, Rua Paraíba e Tanquinho). E uma na periferia da Vila Bonfim. As nacionalidades encontradas foram de três empresários²².

Tabela 33- Duração Das Pequenas Indústrias de Carroças e Acessórios de 1891 a 1910

Duração (Anos)	Quantidade(Empresas)
1	2
4	2
9	1
10	1
12	1
15	1
17	2
22	1
MÉDIA (Anos)	10,18
Total (Empresas)	11

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A média de 10,18 anos foi causada graças às quatro empresas acima de 10 anos de duração (36,36%) e por apenas duas firmas terem apenas um ano de duração, fato incomum nas pequenas indústrias nos demais ramos e períodos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 34.

²² O italiano Luiz Gallo “Natural de San Angelo di Salla, Província de Treviso, Italia” (SILVA, 2008, p. 265) e dois brasileiros, Joaquim Rangel “Natural de Descalvado” (1º CARTÓRIO, 1940) e José Cordeiro da Silva “Natural do Estado do Rio de Janeiro” (CARTÓRIO de Brodowski, 1940).

Tabela 34- Produtos Diversos de 1891 a 1910

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço
Beneditto Andreotti	Cigarros	1906 a 1918	Saldanha Marinho, 34
Felício Moranti	Cigarros/Charutos	1904 a 1906	Não Encontrado
José Fausto Tedeschi	Cigarros/Charutos	1904	Não Encontrado
João Ramos da Silva	Ourivesaria	1895	Não Encontrado
Marc. Gomes Duarte	Ourivesaria	1895 a 1909	General Osório
J.Trindade e A. Nasci	Ourivesaria	1904	Não Encontrado
Pendula Internaciona	Ourivesaria/Joalheria	1905	Amador Bueno, 82

Fontes: THORMAN, 1895, Anuário Comercial de São Paulo, 1904 (APESP), A Cidade 1 jan. 1905, Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Almanaque Laemmert de 1907 (APESP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909 (APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP).

A duração média das pequenas indústrias deste ramo nesse segundo período foi de 3,57 anos. A localização apenas no Centro tanto de uma fabricante de cigarros (na Rua Saldanha Marinho) como das ourivesarias e joalherias por estas, em especial, nas ruas General Osório e Amador Bueno, serem uma atividade exercida por empresas comerciais fabricantes de produtos, instaladas nesta região de predomínio econômico do comércio.

De 1891 a 1910 em comparação com o período de 1870 a 1890, houve um aumento de uma para quatro ourivesarias e de uma para duas classes de produtos fabricados, com o início da produção de cigarros e charutos.

Com a urbanização deixou-se de realizar todas as etapas da produção do cigarro: colheita, secagem, moagem e enrolamento dentro da palha do milho rumo a uma nova prática econômica de ofertar todo o produto já pronto para o consumo.

E para finalizar a análise desse período foi feito o Gráfico 2 de *Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1891 a 1910 conforme a Porcentagem dos Ramos*, em quantidade de empresas, a seguir analisado.

Gráfico 2- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1891 a 1910 conforme a Porcentagem dos Ramos

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A distribuição dos principais ramos de pequenas indústrias, nesse período, foi a seguinte: primeiro, bebidas com 19,9%; segundo, roupas e calçados com 13,1%; terceiro, móveis com 12,6% ; quarto e quinto com a mesma porcentagem alimentos e materiais ferrosos com 11,2%. Esses cinco, de forma conjunta, somaram a considerável porcentagem de 68%.

Dessa forma foi possível concluir, em linhas gerais, que no período de 1891 a 1910 houve uma maior distribuição da presença dos ramos devido, entre outros fatores, ao início de uma maior diversificação das classes de produtos fabricados.

Na próxima página está o quarto capítulo no qual serão descritas e analisadas as pequenas indústrias de Ribeirão Preto no período de 1911 a 1930 separadas em cada um dos seus 10 ramos.

CAPÍTULO 4

PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1911 A 1930

O presente capítulo terá em seu interior uma descrição e análise mais detida das 266 pequenas indústrias do período de 1911 a 1930 feitas conforme sua divisão em seus 10 ramos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 35.

Tabela 35- Serraria, Produtos de Madeira e Móveis de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade	Operários	Capital
Acherello Santo	Cadeiras	1913	Não Encontrado	—	—	—
Alceste Rossi	Móveis	1913 a 1916	Saldanha Marinho	Italiano	—	—
A. Antonioli	Cadeiras	1916	Saudade, 45	—	—	—
A. Gregorio Belio	Cadeiras	1913 a 1916	Anita Garibaldi, 1	—	—	—
Antonio Lago	Cadeiras	1913 a 1919	Av.Saldanha,72	Italiano	—	—
Arthur Gondolo	Carpintaria	1916	Saudade	—	—	—
Arthur Souza	Móveis	1916 a 1930	São Sebastião, 29	—	6	15:000\$000
Augusto Ferrari	Marcenaria	1913	Capitão Salomão	—	—	—
Barillari S.José	Porta e Janela	1916 a 1929	General O, 209	Italianos	3	10:000\$000
Carlos Gravina	Cadeiras	1913	Não Encontrado	—	—	—
Cristofani	Serraria	1925 a 2017	Sete de Setembro, 70	Italiano	16	40:000\$000
Domingos Zampol	Esquadrias	1929	Não Encontrado	—	3	7:000\$000
Francisco Ploteze	Carpintaria	1913 a 1916	V.R.Branco,29	—	—	—
Giovanni Bataglia	Móveis	1913 a 1916	Duque de C,46	Italiano	—	—
G& Genaro	Carpintaria	1916	Padre Feijó	—	—	—
H. Tarozzo	Móveis	1928 a 1940	Saldanha Marinho	Italiano	30	15:000\$000
Heitor Rigon	Móveis	1922 a 1960	Saldanha Marinho	Brasileiro	44	80:000\$000
Hilario Coralles	Bau	1913	Não Encontrado	—	—	—
Ignacio Trentini	Carpintaria	1913 a 1916	Florêncio Abreu	—	—	—
Innecchi	Móveis Colchões	1913 a 1922	Amador Bueno,28	Italiano	—	—
Ítalo Brasileira	Esquadrias	1929 a 1930	Cel L.da Cunha	Italiano	4	13:000\$000
João Chinano	Móveis de Vime	1913	Não Encontrado	—	—	—
João Ferreira	Tanoaria	1918	São Paulo,9	—	—	—
J.J. .A. Chinez	Móveis de Vime	1916	Saldanha Marinho	—	—	—
João Paschoal	Serraria	1918 a 1919	Capitão Salomão	—	—	—
José Capodário	Cadeiras	1913	Capitão Salomão	—	—	—
J. Corrêa Rangel	Serraria	1927 a 1930	Tamandaré, 34	—	16	120:000\$000
José de Souza	Móveis	1930	Saldanha Marinho	Português	5	20:000\$000
José Lusiardi	Cadeiras	1927 a 1929	Amazonas	—	3	10:000\$000
J. Pime.Carvalho	Móveis	1930	Prudente Moraes	—	5	100:000\$000
José Ruffato	Cadeiras	1913 a 1918	Ceará	—	—	—
Laudelino Ferreira	Carpintaria	1913 a 1916	Saudade, 116	—	—	—
Luiz Della Nina	Móveis de Vime	19 30 a 1945	Não Encontrado	Brasileiro	—	—
Luiz Lorenzon	Carpintaria	1916 a 1930	São Sebastião, 41	Italiano	5	10:000\$000
Luiz Mulin	Móveis	1929	Não Encontrado	Italiano	6	20:000\$000
Luigi Zaccaro	Serraria	1913	P. de Moraes	—	—	—
Luzo Brasileiro	Esquadrias	1929 a 1930	Bernardino Campos	—	3	20:000\$000
M.Piovezan	Marcenaria	1913 a 1918	Av.Saldanha, 70	—	—	—
Messina & Zacaro	Marcenaria	1916	Jerônimo Gonçalves	—	—	—
Ninto Carvalho	Marcenaria	1913	Não Encontrado	—	—	—
Nullo Coraucci	Móveis	1929	Paraíba	—	4	10:000\$000
Paulo Casanova	Móveis	1930	Saldanha Marinho	—	4	5:000\$000
Pelegrin França	Marcenaria	1916	Saldanha Marinho	—	—	—
Primo Faganhole	Cadeiras	1918 a 1919	Luiz Barreto	—	—	—

Continua

						<i>Continuação</i>
Prospero Zonari	Carpintaria	1913 a 1916	Lafaiete, 16	—	—	—
P. Martini	Marcenaria	1916	Saldanha Marinho	—	—	—
Raphael Baccaro	Berços, Cabides	1930	Não Encontrado	—	2	2:500\$000
Ricardo Canavarro	Cadeiras	1916	Commercio do, 78	—	—	—
Robusti	Móveis	1928 a 1995	Américo Brasiliense	Brasileiro	—	—
Ruffato Benedicto	Cadeiras	1913 a 1916	Amazonas, 1	—	—	—
São José	Porta e Janela	1929 a 1930	Rio de Janeiro, 61	—	2	8:000\$000
S.Miranda Veiga	Serraria	1913 a 1972	Prudente Moraes	Brasileiro	50	100:000\$000
Silvestro Grandini	Serraria	1929 a 1930	Américo Brasiliense	Italiano	12	18:000\$000
Thomaz Romero	Esquadrias	1927 a 1930	Minas, 91	Espanhol	4	20:000\$000
Veludo P. Leirão	Serraria	1928	Tibiriçá, 2	Português	23	350:000\$000

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1913 (APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919 (APHRP), Anuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1922-1923 (APESP), Almanaque Laemmert de 1927 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP), A Cidade 17 out., Ribeirão Preto: a capital da cultura de 1972.

As nove classes de produtos fabricados desse ramo nesse período foram as seguintes: uma cada (berços e cabides, baú e tanoaria), 11 de cadeiras, quatro de esquadrias, 25 de carpintarias, marcenarias e móveis (incluindo uma firma fabricante de colchão), três de móveis de vime, duas de portas e janelas e sete serrarias.

O crescimento na quantidade de 26 (de 1890 a 1910) para 55 empresas (de 1911 a 1930), de 111,53%, e de quatro para nove classes de produtos fabricados (125%), possibilitou tanto um desenvolvimento maior desse ramo como a instalação simultânea de pequenas e médias indústrias.

Além da continuidade e aumento da quantidade de 13 para 25 empresas de marcenarias, carpintarias e móveis (92,30%), houve uma maior especialização concretizada - tanto no aumento de classes de produtos fabricados, caso de: cadeiras e portas, batentes e janelas - como na fabricação estreante de um ou poucos produtos específicos (móveis de vime, berços e cabides, baú, esquadrias e caixilhos; e tanoaria - que produzia barris de madeira para armazenar bebidas alcoólicas).

Essa especialização esteve também presente na diferenciação e divisão de tipos de trabalhos entre carpintarias, que construíam partes da construção, teto ou forro e coluna vertical de sustentação, entre outros, e marcenarias fabricantes de móveis. De acordo com Lazari (2012, p. 73)

Profissão de São José, o carpinteiro é aquele que trabalha com madeiramento de telhados, pontes, formas para concreto, portas, janelas das construções e até embarcações, com madeiras mais pesadas e rústicas. Já o marceneiro trabalha com o acabamento mais refinado, fabricando móveis em geral de

residência e escritórios. As madeiras são mais leves, menores e exigem mais habilidades e um acabamento com mais detalhe.

A maioria dessas classes de produtos usaram como matéria prima a madeira “como a cannela, o cedro, o jacarandá, o pau d’alho, a perobeira, o vinhático, etc”. (ALMANACH ILISTRADO DE RIBEIRÃO PRETO, 1913, p. 19). No entanto, algumas empresas utilizaram outros materiais, caso do vime; isso foi indício de sua maior diversificação, explicitando, com isso, que parte da produção não estava mais restrita tão somente à disponibilidade de insumos locais.

Por outro lado, houve diminuição de empresas em algumas classes de produtos fabricados: de oito para sete serrarias (12,5%) e o fechamento de uma firma de espelho e quadro e duas de cadeiras de palha.

Tabela 36 - Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1911 a 1930

Duração	Quantidade
1	25
2	6
3	1
4	10
6	2
7	1
10	1
13	1
14	1
15	2
16	1
39	1
60	1
68	1
92	1
Média (Anos)	8,01
TOTAL (Empresas)	55

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 8,01 anos devido tanto à presença de 20 empresas com menos de 10 como de nove acima de 10 e, entre essas, de quatro de duração média (acima de 20 anos) algumas das quais ultrapassaram inclusive o recorte final desse trabalho (1930) e três estiveram instaladas até a década de 1990 e entre essas, uma ainda continua ativa atualmente (2017). A nacionalidade de 19 empresários foi encontrada²³.

²³ Dois portugueses - Antonio Lopes Veludo “Nasceu em Portugal em 7/4/1882” (ROSA, 2007, p. 66) e José de Souza “Natural de Funchal, Portugal. Residente nesta cidade na Rua Saldanha Marinho, 281” [mesma rua da empresa] (1º CARTÓRIO, 1947); e um espanhol Thomaz Romero “Natural de Hespanha” (1º CARTÓRIO, 1953). E quatro brasileiros: Luiz Della Nina “Nasceu em Ribeirão Preto, SP, no dia 17/11/1905”; Mário Robusti “Nasce em São Simão” (IDEM, 2007, pp. 321 e 352); Adolfo Serra “Natural do estado de Minas Gerais” (13º CARTÓRIO SP, 1947); e Heitor Rigon (a foto da

A instalação de 27 empresas no Centro ocorreu tanto em metade de suas bordas, na baixada geológica nos vales dos córregos Retiro e Ribeirão Preto, como na sua parte plana e mais alta de comércio intenso, sendo uma cada nas seguintes ruas: Amador Bueno (sendo uma delas, a Móveis Innechi, mostrada na fotografia da página seguinte), Bernardino de Campos, do Commercio, Duque de Caxias, Florêncio de Abreu, General Osório, Jerônimo Gonçalves, Lafaiete, Sete de Setembro, Tibiriçá e Visconde do Rio Branco; na Américo Brasiliense e São Sebastião duas, Prudente de Moraes três e Saldanha Marinho oito.

Foto 7- Fachada da Móveis Innechi em 1922

Fonte: APHRP.

Das 20 pequenas indústrias no subúrbio, 18 estiveram instaladas nos Campos Elíseos, uma cada nas ruas: Anita Garibaldi, Ceará, Luiz Barreto, Minas, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo e Tamandaré; Amazonas duas, Capitão Salomão três e Avenida Saldanha Marinho e Saudade cinco. E duas na Vila Tibério, sendo uma cada nas ruas Coronel Luiz da Cunha e Padre Feijó.

empresa estará na página 81) “Natural de Ribeirão Preto” (1º CARTÓRIO, 1985). E 12 italianos: H. Tarozzo (a foto da sua fachada estará na página 81); Alceste Rossi, Arduino Noccioli (da esquadrias Ítalo Brasileira), Luigi (Luiz) Mulin, Luiz Lorenzon (Lorenson) e Silvestro Grandini (PISANI, 1937, p. 456). Domingos Innechi “Natural de Rivello, Itália” e Antonio Lago “Natural de Pádova, Itália” (1º CARTÓRIO, 1944 e 1947). Os sócios da pequena indústria São José, Domenico (Domingos) Barillari e Giuseppe (José) Barillari “Nasceram em Capistrano – Província de Vibo Valentim (Sul da Itália) (SIMÕES, 2003, p.23); Francesco Cristofani “Nasceu em Lucca, Itália, 7/7/1875” (ROSA, op. cit., p. 202); Giovanni Bataglia “Destino: Ribeirão Preto, fazendeiro: Cel Schimdt, chegada em 1905”. Disponível em: <http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=074&pagina=025&familia=04240>>. Acesso em 09 abr.2017.

Na periferia não foi encontrada nenhuma empresa por esta ser uma classe nesse período que requeria mais alguns equipamentos urbanos, como energia elétrica, para uso de algumas máquinas e ferramentas, e devido à grande dependência dos meios de transporte movidos a animais, era necessária uma maior proximidade com o mercado consumidor citadino e suburbano. E, por outro lado, de uma menor necessidade em estarem instaladas próximas às matas fornecedoras de sua matéria prima principal, as madeiras, inclusive as serrarias.

Foto 8 – Fachada e Calçada da Móveis H.Tarozzo

Fonte: APHRP.

Foto 9- Operários da Móveis Heitor Rigon em 1922

Fonte: APHRP.

**Tabela 37- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias do Ramo de Madeiras de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor de Capital	Operários	Valor de Capital	Operários	Valor de Capital	Operários
H.Rigon	80:000\$000	44	75:000\$000	34	80:000\$000	9
Veludo	350:000\$000	23	350:000\$000	22	—	—
H.Tarozzo	—	—	30:000\$000	15	20:000\$000	11
S.Grandin	—	—	18:000\$000	12	18:769\$000	9
A.Souza	—	—	15:000\$000	6	15:000\$000	3
L.Lorenzon	—	—	10:000\$000	5	8:000\$000	2
Serra	—	—	100:000\$000	50	100:000\$000	30
Luso Br	—	—	20:000\$000	3	20:000\$000	2
Romero	—	—	20:000\$000	2	20:000\$000	4
Italo Br	—	—	13:000\$000	4	12:000\$000	2
S.José	—	—	8:000\$000	—	8:000\$000	—
				MÉDIA	44:250\$000	11,09

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

A quantidade média de 11,09 operários foi possibilitada por sete firmas com mais de 10 trabalhadores (duas com 16; uma cada com: 12, 23, 30, 44 e 50) e 14 com nove ou menos funcionários (uma com seis, duas com dois, três com cinco, quatro com três e, também, com quatro).

A ampla maioria das nove empresas (90%) deste ramo de 1929 a 1930 tiveram diminuição na quantidade de operários. Essa situação foi condicionada pela conjuntura da crise econômica de 1929, pois apesar da crescente robustez das atividades econômicas urbanas de Ribeirão Preto (entre as quais as pequenas indústrias) nesse período a dependência sobre a produção cafeeira e sua crise mostrou-se substancial na queda da procura, do investimento e da produção, aqui em especial da contratação de seus principais agentes, os trabalhadores.

O valor de capital médio de 44:250\$000 foi obtido graças, em especial, a três serrarias e uma fábrica de móveis acima de 100:000\$000. O valor de capital médio por operário de 5:452\$479 teve uma grande variação entre as 23 pequenas indústrias, desde uma firma com 15:000\$000 -pequeno para uma quantidade de 30 operários- efetivando um índice 500, ou seja, a mesma era muito dependente da habilidade técnica e da força manual desses trabalhadores.

Por outro lado, foram levantadas sete empresas com valores acima do índice 4000, por exemplo, uma fabricante de móveis com um capital de 100:000\$000 divididos para uma relativa pequena quantidade de cinco operários, ou seja, estes realizavam tarefas mais artísticas e elaboradas e uma boa parte das etapas de produção eram efetivadas através do uso de utensílios e máquinas variadas.

A origem desse capital ocorreu tanto no próprio setor das pequenas indústrias, através de antigos operários que depois tornaram-se empresários, caso de Francesco Cristófani, que “Iniciou seu trabalho [...] na fábrica de bebidas de Quarto Bertoldi. [...] foi funcionário da fábrica de licores Silvano e Dante Malerba. Montou uma fábrica de cadeiras e, logo depois, deu início à fábrica de tacos São Francisco”. (ROSA, 2007, pp. 72-73).

Como, também, no setor de prestação de serviços urbanos, caso da serraria Serra, Miranda e Veiga - a qual tinha dois sócios em 1913 - (Adolfo Serra e José Pedro Veiga Miranda); este último sócio deveria ser parente (quicá irmão) de João Pedro Veiga de Miranda, o qual: “foi engenheiro, escritor, professor [...] Em janeiro de 1908, assumiu o cargo de prefeito municipal de Ribeirão Preto. Foi ministro da Marinha no governo de Epitácio Pessoa [...] Foi também deputado federal”. (Ibidem, p. 468). E ele pode ter sido um dos aplicadores de capital nessa nova firma.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 38.

Tabela 38- Pequenas Indústrias de Roupas e Calçados de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade	Operários	Capital
A. G. Coimbra	Alfaiataria	1918 a 1921	Italianos	—	—	—
Alfredo Vicente	Alfaiataria	1916	Comércio do,	Brasileiro	—	—
Antonio Borelli	Alfaiataria	1910 a 1916	Gal.Osório, 116	Italiano	—	—
Antônio Santos	Alfaiataria	1916	São Sebastião, 3	Português	—	—
Ântonio Viesti	Calçados	1930 a 1957	Não Encontrado	Italiano	11	8:384\$550
Barracão	Curtume	1929	Capitão Salomão	Italiano	10	160:000\$000
Benedicto	Alfaiataria	1918 a 1921	Faz. Santa	—	—	—
Carlos Russo	Calçados	1929	Não Encontrado	Italiano	14	20:000\$000
Casa S.Benedicto	Mala e Cinto	1928 a 1929	Não Encontrado	—	20	80:000\$000
Constante Val	Alfaiataria	1918 a 1921	Portugal	—	—	—
C. Spiropoulos	Alfaiataria	1916 a 1921	Saldanha M. 6	Grego	—	—
De Gaspari	Malas	1918 a 1921	Saldanha	—	—	—
Domingos Faccio	Calçados	1913 a 1921	Saldanha	Italiano	—	—
Edu.Gonçalves	Alfaiataria	1916	S. Marinho, 43	Português	—	—
Elias Marin	Calçados	1921 a 1930	Américo B, 177	Grego	12	6:974\$400
Erminda Portelli	Modista	1916	Mal Hermes, 18	—	—	—
Fiorina Raile	Coletes	1916	Liberdade, 16	—	—	—
Guido Ungaretti	Alfaiataria	1913 a 1921	Mons.Siqueira, 15	Brasileiro	—	—
Guido Zampolo	Algodoeira	1925	Praça Bonfim,253	Brasileiro	—	—
Hilario Corrales	Mala	1916 a 1921	Comércio, do, 50	—	—	—
Hilário Gora	Calçados	1918 a 1921	Caramuru	—	—	—
Izidoro Faccio	Alfaiataria	1916	Não Encontrado	Italiano	—	—
João Binotto	Calçados	1930	C.. L.da Cunha,	—	4	4:000\$000
João Massaro	Alfaiataria	1918 a 1921	Vila Bonfim	—	—	—
José Ladeira	Alfaiataria	1918 a 1921	Capitão Salomão	—	—	—
José Saiani	Calçados	1928 a 1966	Vila Tibério	Brasileiro	—	—
Julio Franceschini	Alfaiataria	1918	Av. Saldanha,	—	—	—
Luiz Trombeta	Calçados	1918 a 1921	Portugal	Italiano	—	—
Luiz Zanolli	Calçados	1913	Av.Saldanha, 48	—	—	—
Manoel Real	Calçados	1918 a 1921	Santos Dumont	—	—	—
Mazzeto	Calçados Botinas	1929 a 1930	São Sebastião, 10	—	20	22:700\$000
Pedro Pontin	Calçados	1912	Não Encontrado	Brasileiro	—	—
Picão	Alfaiataria	1920	Não Encontrado	Português	—	—
Ragazzi	Calçados Chapéus	1918 a 1928	Saldanha M,118	—	16	800:000\$000
Riograndense	Solas	1928 a 1930	Não Encontrado	—	3	18:8650\$000
Sebastião Pedro	Calçados	1913	Não Encontrado	—	—	—
Sensato José	Calçados	1913	Capitão Sal., 47	—	—	—

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1916 (APESP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, A Cidade 1916, Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930(APESP).

Nesse período houve um crescimento na quantidade total de 27 (de 1891 a 1910) para 36 empresas (33,33%) e de cinco para seis classes de produtos fabricados (20%) na continuidade de quatro delas: de 11 para 15 alfaiatarias (36,36%); 12 para 15 calçados (25%); de um para dois curtumes e de uma para três fabricantes de malas, cintos, carteiras e pastas.

A fabricação estreante de uma algodoeira, empresa descaroçadora e processadora do algodão vendido às fiações e tecelagens e de uma fabricante de polaina e coletes. A exceção ocorreu com o fechamento de duas firmas de chapéus.

Novos curtumes foram criados -como o Barracão- para atender ao crescimento na demanda urbana por alguns produtos como vaqueta, pelica e sola; assim como a fabricação única e especializada desta mercadoria por uma empresa- a Riograndense.

Os curtumes estavam localizados na margem do Ribeirão Preto, pois “[...] um dos motivos para [sua] instalação: a existência de água em abundância em virtude dos diversos rios e córregos que circundam a região” (BARBOSA, 2006, p. 40); usada, por exemplo, para lavar e despejar os restos orgânicos que vinham junto com o couro retirado dos bois.

Tabela 39- Evolução Da Quantidade de Empresas de Roupas e Calçados de 1891 a 1930

Classes de Produtos	1891 a 1910	1911 a 1930	Crescimento %
Calçados	12	15	25%
Alfaiatarias	11	15	36,36%
Total	13	30	

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

As alfaiatarias usavam como matérias-primas brin, casimira e sarja, entre outros tecidos; e o principal era o de algodão -obtido através da compra em tecelagens e fiações de outros municípios- e estas eram o destino de parte da produção cotonicultura realizada no próprio município, pois: “As colheitas de algodão oscilam de um para outro anno entre 50.000 e 100.000 arrobas”(EGAS, 1925, p. 1546).

Na fase comparativa formada por dois períodos -a final de 1911 a 1930 sobre 1891 a 1910- houve um crescimento das alfaiatarias de 36,36% menor do que sua congênere inicial de 1891 a 1910 sobre 1870 a 1890 de 238,64%.

Essa diferença ocorreu porque de 1891 a 1910 houve uma grande instalação de alfaiatarias e, por outro lado, de 1911 a 1930 ocorreu certa estabilização no empreendimento das mesmas graças a uma maior concorrência com roupas fabricadas em outros municípios brasileiros e estrangeiros e ofertados em maior quantidade e diversidade pelo comércio ribeirão-pretano - já consolidado nesse último período.

A importância dos alfaiates proprietários das alfaiatarias pode ser verificada tanto pela presença numérica deles em Ribeirão Preto até 1930 (pelo menos 29); como pela existência de uma associação de classe que os juntavam em interesses comuns - caso da “Sociedade dos Alfaiates, dirigida em certa ocasião pelo alfaiate Faccio” (ROSA, 2007, p. 248). Como

também a existência de uma publicação dirigida e voltada especificamente para esse segmento, caso de: “O Almofadinha – Surgiu em 1927. Órgão do Clube dos Alfaiates”. (CIONE, 1992, p. 224).

O crescimento menor na quantidade de empresas fabricantes de calçados nesse último período foi devido à concorrência com a maior oferta de sapatos vendidos no comércio local, e, também, porque a maioria da população ribeirão-pretana ainda morava nas regiões periférica e suburbana com grande influência rural a qual não tinha o hábito predominante urbano de andar calçado.

Por isso, um tipo de calçado fabricado e consumido era as “[...] tradicionais fábricas de botas, apreciadas por fazendeiros, administradores de fazendas e até os próprios colonos adquiriam-nas para proteção dos seus pés e contra as picadas de cobras.” (PRATES, 1983, p. 53).

O aumento na quantidade de empresas fabricantes de calçados em suas duas fases comparativas -formadas cada uma por dois períodos- foi a seguinte: a inicial de 1891 a 1910 (12) sobre 1870 a 1890 (8) de 50% e a final de 1911 a 1930 (15) sobre 1891 a 1910 de 25%. Apesar dessa diferença de evolução, a produção calçadista teve um crescimento mais estável, graças a sua pequena variação entre o número de firmas em cada um dos três contextos.

Tabela 40- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1911 a 1930

Duração (Anos)(Anos)	Quantidade (Empresas)
1	15
2	2
3	1
4	9
6	2
7	1
9	2
10	1
11	1
28	1
39	1
MÉDIA (Anos)	5,08
TOTAL (Empresas)	36

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 5,08 anos devido tanto à presença de uma maioria de 33 empresas com menos de 10 - e entre essas de nove com quatro e de seis entre cinco e 10-

como de três acima de 10; e entre essas, de duas de duração média (acima de 20). A nacionalidade de 17 empresários foi encontrada²⁴.

A igualdade de quantidade de pequenas indústrias (12) no Centro (uma cada nas ruas Américo Brasileiro, General Osório e Liberdade; na Saldanha Marinho cinco; Comércio e São Sebastião duas cada) e no subúrbio- sendo seis nos Campos Elíseos (uma na Marechal Hermes, duas na Avenida Saldanha Marinho e três na Capitão Salomão); duas no Retiro (Italianos e Monsenhor Siqueira); três na Vila Tibério (Coronel Luiz da Cunha, Santos Dumont e rua não especificada deste bairro) e uma na República (Caramuru).

E somada às cinco empresas na periferia de Santa Cruz do José Jacques (Portugal duas), Villa Bonfim, Praça Bonfim e Fazenda Santa Amélia – mostrando, com isso, a irradiação de empresas de roupas e calçados em vários bairros e regiões bastante residenciais de Ribeirão Preto, e de limitada presença mercantis.

**Tabela 41- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias do Ramo de Roupas e Calçados de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor de	Operários	Valor de	Operários	Valor de	Operários
Casa S Be	80:000\$000	14	80:000\$000	20	—	—
Riogrand	10:000\$000	3	18:000\$000	2	18:865\$000	2
Ragazzi	800:000\$000	16	—	—	—	—
Mazetto	—	—	22:500\$000	20	22:750\$000	5
Russo Ra	—	—	16:000\$000	11	20:000\$000	14
Barracão	—	—	160:000\$000	10	80:000\$000	6
Elias M	—	—	—	—	6:974\$400	12
A Vieste	—	—	—	—	8:384\$550	11
J Binotto	—	—	—	—	4:000\$000	4
				MÉDIA	89:831\$533	10

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

²⁴ Sete italianos: Angelo Maggioni, do curtume Barracão e Antônio Viesti (PISANI, 1937, p. 456); Izidoro Faccio “Nasceu em Vicenza, Itália, dia 28/5/1892” (ROSA, 2007, p. 235); Antonio Borelli, Domingos Faccio e Luiz Trombeta “Natural da Itália”; Carlos Russo “Natural de Nápoles, Itália” (1º CARTÓRIO, 1971, 1944 e 1957). Cinco brasileiros: Alfredo Vicente e Guido Ungaretti ambos os dois “Natural de Ribeirão Preto” (1º CARTÓRIO, 1938 e 1940); Guido Zampolo “Nasceu no distrito de Bonfim Paulista em 19/10/1906” (GUIMARÃES et al, 2012, p. 69). José Saiani “Nasceu dia 11/4/1905, em Cravinhos” e Pedro Pontin “Nasceu em Dumont, SP, dia 30/9/1888” (ROSA, op. cit., pp. 297 e 405). Um fator interessante foi a confirmação de dois empresários gregos: Constantino Spiropoulos “Nascido na Grécia, chegou ao Brasil no ano de 1900. [...] foi o proprietário da primeira alfaiataria grega de Ribeirão Preto.” (ROSA, op. cit., pp. 143- 144) e Elias Marin (PRATES, 1981, p. 115), fato peculiar devido à pequena comunidade helênica em Ribeirão Preto. E, também, a presença destacada de três empresários portugueses: Antônio dos Santos “Nasceu em Forcada, Portugal em 1877” e Eduardo Gonçalves “Natural de Portugal” (1º CARTÓRIO, 1941 e 1959); Joaquim Ramos Picão “Nasceu dia 12/7/1896, em Eça, Portugal” (ROSA, op. cit., p. 273). Essa situação foi possível de ocorrer por ser a alfaiataria uma empresa comercial fabricante de produtos, e no comércio ribeirão-pretano os lusitanos tiveram importante participação.

A quantidade média de 10 operários foi possibilitada por uma maioria (75%) de seis entre oito firmas com mais de 10 trabalhadores e entre essas duas acima de 20. E, por outro lado, de apenas duas com menos de 10.

O valor de capital médio de 89:831\$533 - a despeito das cinco firmas abaixo de 20:000\$000- foi obtido graças as três empresas com mais de 50:000\$000, e em especial de duas acima de 100:000\$000, tanto o curtume Barracão o qual era uma classe de produto que necessitava em sua produção de variadas máquinas e ferramentas.

Como uma em especial (a Manufatura Ragazzi) fabricante de vários e diversos tipos de calçados: botina, sandália e chinelo; e com valor de capital muito alto de 800:000\$000 para uma quantidade pequena de operários, ou seja, era uma empresa que usava muitas máquinas em boa parte de seu processo de produção.

O valor de capital médio por operário de 8:983\$153 foi determinado em boa medida por três fabricantes de calçados com pequeno capital abaixo de 20:000\$000 - mas com número de proletários não tão pequeno - acima de 10, ou seja, eram empresas que dependiam mais da habilidade e técnica manual dos calçadistas aliado a um uso menor de máquinas e equipamentos mais complexos.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 42.

Tabela 42- Empresas de Alimentos de 1911 a 1930

Empresa	Produto	Duração	Endereco	Nacionalidade	Onerários	Capital
Adolpho Posi	Fubá	1913	Capitão Salomão	—	—	—
Alemã Bombonier	Bombom e Praliné	1916 a 1930	General Osório, 96	—	5	10:000\$000
Amadeu Scovalli	Moinho ²⁵	1918 a 1919	Marquês do Pombal	—	—	—
Antonio Vernile	Macarrão	1920	Mj Fco Gandra,327	—	—	—
Basile	Massas	1925 a 1975	José Bonifácio, 2	Italiano	18	60:000\$000
Bonifacio Mirand	Café	1916	Saldanha M, 36	—	—	—
Brancale & Sassi	Macarrão	1916 a 1921	General Osório, 89	—	—	—
Brasil	Café	1913	Amador Bueno,47	—	—	—
Caetano Loureiro	Massas	1916	Comércio, 68	—	—	—
Carmo Barra	Arroz	1916 a 1921	Cerqueira César, 7	—	—	—
Central	Arroz	1913 a 1919	Duque Caxias, 2	—	—	—
Central	Café	1913	P.XvNovembro,117	—	—	—
Francisco Furtado	Fubá	1913	Não Encontrado	—	—	—
Francisco Gandra	Macarrão	1919	Villa Bonfim	Brasileiro	—	—
Francisco Rigo	Massas	1913 a 1916	Comércio, do, 69	Italiano	—	—
Frederico A Primo	Arroz	1919	V. do Rio Branco	—	—	—
Industrial	Massas	1929 a 1954	Saldanha M, 209	Italiano	12	110:000\$000
Innecchi	Massas	1916 a 1930	José Bonifácio	Italiano	60	150:000\$000
Iria Alves Ferreira	Laticínios	1911	Rio Pardo	—	—	—
I. Brand Vinholes	Arroz	1916 a 1921	Comércio, do, 72	—	—	—
<i>Continua</i>						

²⁵ A denominação genérica de moinho pode referir-se ao beneficiamento de alguns desses produtos agrícolas: milho, arroz e café, o(s) qual (is) dele(s) individualmente não foi possível confirmar.

						<i>Continuação</i>
J.Simões	Fubá	1918 a 1919	Capitão Salomão	—	—	—
J Gomes Carneiro	Açúcar	1913	Não Encontrado	—	—	—
J. G. Oliveira	Café	1918	Visconde R.B.14	—	—	—
José Chufalo	Arroz	1920	Comércio, do	Brasileiro	—	—
J.Souza Machado	Arroz	1916	Henr. Dumont, 6	—	—	—
Jose Izaías	Café	1919	Visconde R. B.	—	—	—
José Salomão	Café e Arroz	1916	Duque Caxias, 10	—	—	—
J Thomaz Alves	Café	1918	Villa Bonfim	—	—	—
Luiz Gallo	Macarrão	1913	Av. Saldanha,35	—	—	—
Manoel Henrique	Café	1913 a 1916	Amador Bueno, 54	—	—	—
Napolitana	Sorvetes	1916	Saldanha M, 125	—	—	—
Paulo Fiori	Massas	1913 a 1916	Américo B, 15	—	—	—
Pesca	Laticínios	1930	Amador Bueno	—	—	—
Pisani	Sorvetes	1921 a 2017	Não Encontrado	Italiano	—	—
Rodrigo Barroso	Café	1918	Villa Bonfim	—	—	—
Rossi & Gonçalves	Café e Arroz	1913	Não Encontrado	—	—	—
Sante Spadoni	Arroz	1921	Comércio, do	—	—	—
Santo Antônio	Doce Conserva	1930	São Sebastião, 148	Italiano	7	10:000\$000
Santo Antônio	Geleia	1920	Minas, 80	Brasileira	—	—
Santo Manfrin	Fubá	1919 a 1927	Capitão Salomão	Italiano	—	—
Savóia	Massas	1916 a 1932	Não Encontrado	Italiano	4	15:000\$000
Soniegghi & Cia	Caramelo	1913	Não Encontrado	—	—	—
Thomas DCiampa	Massas	1913 a 1918	Av.Saldanha, 26	—	—	—
Verissimo Stos	Arroz	1919	Commercio	Português	—	—
Ypiranga	Frigorífico	1921	Capitão S.169	Italiano	—	—
Ypiranga	Confeito e Torção	1929 a 1930	Saldanha M, 74	Italiano	14	50:000\$000

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), A Cidade 1916, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), A Cidade 1919, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Almanaque Laemmert de 1925 (APESP), Almanaque Laemmert de 1927 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP), A Cidade 17 out. 1930.

Um crescimento de 109,09% ocorreu na quantidade total de 22 (de 1891 a 1910) para 46 empresas (de 1911 a 1930) e de sete para nove classes de produtos fabricados (28,57%) entre estas houve aumento de uma para oito empresas de torrefação de café, de uma para quatro de moagem de fubá e sorvete de uma para duas. O beneficiamento do arroz, com a inauguração de oito empresas. Por outro lado, o açúcar refinado teve uma queda de duas para uma firma; e ocorreu o fechamento de uma pequena indústria de óleo.

A diminuição da quantidade de cinco para três empresas processadoras de vários alimentos ocorreu graças a uma maior concentração em apenas um desses produtos; caso de milho, arroz, café, açúcar e fubá.

A existência de apenas uma empresa frigorífica e processadora de carne pode ser explicada pela concorrência com um empreendimento público, o Matadouro Municipal, instalado no Centro em 1874 e transferido para o Barracão em 1903 (SILVA, 2008, p. 101), o qual ocupou uma boa faixa de mercado.

A inauguração de uma quantidade pequena de dois laticínios - processadores de leite e de produtos derivados- caso da manteiga, ocorreu, pois era provável que o leite fosse vendido diretamente pelos produtores aos consumidores finais ou negociado por revendedores, caso dos comerciantes leiteiros, ou como ingrediente e insumo na produção posterior de outros produtos alimentícios, sem um tratamento e beneficiamento específico. E deveriam ser produzidos nas áreas suburbana, periférica e rural do município e mesmo na região próxima dos municípios vizinhos por empresas de produção no espaço doméstico e familiar.

Tabela 43- Evolução da Quantidade De Pequenas Indústrias de Alimentos de 1891 a 1930

Classes de Produtos	1891 a 1910	1911 a 1930	Crescimento %
Massas e Pastifício	9	12	33,33 %
Doces Diversos	2	5	%
Total	11	17	

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

Os doces tiveram crescimento tanto na quantidade de duas para cinco empresas (150%) como na variedade de quatro (bala, bombom, caramelo e chocolate) para oito de tipos fabricados (100%) (os anteriores somado a doce em conserva, geleia, praliné e torrão ou torrone).

Os pastifícios tiveram um crescimento de nove para 12 empresas (33,33%); a maioria destes atendiam consumidores locais e alguns, também, regionais, caso do “[...] pastifício Paschoal Innechi. Exportou macarrão para todo o Estado de São Paulo, Triângulo Mineiro e Goiás.” (ROSA, 2007, p. 396) (com a foto de sua fachada mostrada abaixo). E uma parte da matéria prima era importada, pois: “A fábrica de macarrão [de Antonio Vernile, na Villa Bonfim] dependia de farinha importada da Itália” (GUIMARÃES et al, 2012, p. 78).

Foto 10- Fachada de Esquina e Interior do Pastifício Innechi em 1922

Fonte: APHRP.

Tabela 44- Duração Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1911 a 1930

Duração (Anos)	Quantidade (Empresas)
1	15
2	2
3	1
4	9
6	2
7	1
9	2
10	1
11	1
28	1
39	1
MÉDIA (Anos)	5,08
TOTAL (Empresas)	36

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 5,08 anos devido tanto à presença de uma maioria de 33 empresas com menos de uma década - e entre essas de nove com quatro e de seis entre cinco e nove- como de três acima de 10; e, entre essas, de duas de duração média (acima de 20 anos). A nacionalidade de 14 empresários foi encontrada²⁶.

²⁶ Os 10 empresários italianos: Arcângelo Cecconi (confeitos Ypiranga); Eugênio Basile e Giuseppe (José) Martinelli, este sócio da fábrica de doces Santo Antônio (PISANI, 1937, p. 456). Francisco Rigo “Natural de Veneza, Itália” (1º CARTÓRIO, 1942), Bernardino Pisani “Natural de Benevento, Italia” (3º CARTÓRIO, 1972); José Ignacchiti, proprietário da Massas Savóia, “Nasceu dia 29/1/1880 em Rivello, Itália”; Léo Vecchi, do frigorífico Ypiranga, “Nasceu em Ferrara, Itália, dia 1º/8/1883”; Paschoal Innechi “Nasceu em Rivello, Italia, dia 5/12/1887”; Torquato Rizzi, sócio da pequena indústria de massas Industrial, “Nasceu em Castelgueliemo, Rovigo, Itália, em 1875” (ROSA, 2007, pp. 273, 312, 396 e 417). E Santo Manfrin “Origem: Itália” (SILVA, 2008, p. 72). Um português, Veríssimo dos Santos “Nascido na cidade de Santarém no ano de 1874” (PRATES, 1975, p. 264); e três brasileiros: Francisco Ferreira Gandra “Nasceu em Jundiá, SP” (ROSA, op. cit., p. 204), José

A localização das 39 pequenas indústrias esteve distribuída nas seguintes ruas: 25 no Centro (Américo Brasiliense, Cerqueira César, Praça XV de Novembro e São Sebastião uma cada; Amador Bueno, Duque de Caxias, General Osório e José Bonifácio duas; Visconde do Rio Branco três; Saldanha Marinho quatro; do Comércio seis).

O subúrbio contou com nove empresas, sendo oito nos Campos Elíseos (Marquês Do Pombal e Minas uma, Capitão Salomão quatro e Avenida Saldanha Marinho duas) e uma no Retiro (Henrique Dumont). E cinco na periferia (na Villa Bonfim quatro, sendo uma na Rua Major Francisco Gandra; e no vale e margem do Rio Pardo).

**Tabela 45- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias do Ramo de Alimentos de 1929 a 1930**

Empresa	1929	Operários	1930	Operários
	Valor de Capital		Valor de Capital	
Innecchi	150:000\$000	64	150:000\$000	45
Industrial	110:000\$000	12	—	—
Basile	60:000\$000	18	60:000\$000	15
Savoia	15:000\$000	4	—	—
Ypiranga	20:000\$000	8	50:000\$000	14
B Alemã	10:000\$000	5	5:000\$000	2
S.Antônio	—	—	10:000\$000	7
		MÉDIA	58:181\$000	17,63

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1929 a 1930.

A quantidade média de 17,63 operários - elevada para o padrão de 8,74 da pequena indústria local- foi possibilitada por duas empresas com mais de 10 trabalhadores e entre essas de uma (pastifício Innecchi) com quantidade elevada de 64 (em 1929) e 45 (em 1930).

O valor de capital médio de 58:181\$000 foi obtido graças a três empresas com mais de 50:000\$000, e, em especial, de duas acima de 100:000\$000- a despeito das cinco firmas abaixo de 20:000\$000.

Uma pequena indústria em especial, a Massas Industrial (com a foto de sua fachada mostrada abaixo) com 110:000\$000, uma quantidade pequena de 12 operários e com um alto valor de capital médio por operário de 9:166\$000, ou seja, era uma empresa que usava muitas máquinas em boa parte de seu processo de produção.

Chúfalo “nasceu em Ribeirão Preto, no dia 17 de março de 1892” (GUIÃO, 2014, p. 55) e Serafina de Almeida, fabricante das geleias Santo Antônio “Natural de Cravinhos” (1º CARTÓRIO, 1947).

Foto 11- Fachada da Massas Industrial Torquato Rizzi em 1922

Fonte: APHRP.

O baixo valor de capital médio por operário de 3:300\$000 foi determinado em boa medida por duas empresas doceiras com capital bem pequeno de 10:000\$000 -para sete e cinco proletários- ou seja, eram empresas que dependiam mais da habilidade e eficiência humanas na confecção de doces aliado a um uso menor de ferramentas e equipamentos simples.

O major Francisco Ferreira Gandra “[...] foi comerciante em Bonfim, estabelecido com uma fábrica de macarrão. Fazendeiro e ex- proprietário da fazenda ‘Santana’ em Bonfim Paulista” (ROSA, 2007, p. 204), ou seja, a origem do capital para a criação dessa pequena indústria esteve principalmente na cafeicultura comercial.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 46.

Tabela 46- Empresas de Bebidas de 1911 a 1930

Empresa	Produto	Duração	Endereço	Nacionalidade	Onerários	Capital
A.Buratti	Cerveja	1918	Lafaiete,65	—	—	—
Angelo Mucalin	Aguardente	1916	Macaúba	—	—	—
A. Alves Mariani	Aguardente	1916	Esgoto	—	—	—
Ant.J.Fagundes	Aguardente	1916	Córrego Palmeiras	—	—	—
Brasil	Licor e Vinho	1929	Não Encontrado	Italiano	3	10:000\$000
C.Guazzelli	Licor e Vinagre	1929 a 1930	Floriano P, 51	—	1	20:000\$000
J.Christi	Cerveja	1918	Saldanha M,156	—	—	—
Joaq.C.Carvalho	Aguardente	1916	Macaúba	—	—	—
José Ignacchiti	Aguardente	1915	Não Encontrado	—	—	—
Julio Bonati	Cerveja	1915 a 1916	Amador B, 19	—	—	—
L.Delphino Andra	Aguardente	1916	Esgoto	—	—	—
Luzitana	Cerveja e Gasosa	1929 a 1930	São Paulo,50	Português	5	20:000\$000
Nordeste Paulista	Licor e Vinho	1929 a 1930	Gonçalves D, 32	Brasileiro	3	10:000\$000
P.Cust.P. Martins	Gasosa e Farmacê	1928 a 1929	Não Encontrado	—	3	20:000\$000
Ramos	Vinagre ²⁷ Gasosa	1929 a 1930	Saldanha M, 254	—	2	10:000\$000
Salsaparrilha	Cerveja	1916	Visconde Inha, 33	—	—	—
Silvano &Malerba	Cerveja e Xarope	1913 a 1937	São Sebastião, 115	Italiano	4	294:584\$000
Trento & Trieste	Licor e Cerveja	1915 a 1921	Américo Bras, 75	—	—	—
Viúva Morandini	Aguardente	1916	Esgoto	—	—	—

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1915, Almanaque de Ribeirão Preto de 1916(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930(APESP), PISANI, 1937.

Nesse período, ocorreu um aumento de seis para oito classes de produtos fabricados (33,33%), tanto de três novas mercadorias (vinho feito de uva ou de frutas diversas, vinagre e produtos farmacêuticos), como a continuidade de cinco produtos já fabricados: aguardente, cerveja, licor, gasosa e xarope. A exceção foi o fim da fabricação de gelo.

Por outro lado, houve diminuição da quantidade total de pequenas indústrias, de 41 para 19, situação causada principalmente pelas suas principais classes de bebidas, cerveja e aguardente. Esta teve uma queda de 14 para sete empresas fabricantes devido à concorrência com outras bebidas alcoólicas, em especial a cerveja, pois nesse último período, além das pequenas cervejarias foram instaladas duas indústrias, a filial local da Antarctica e a Companhia de Bebidas Paulista.

E, por não ter acompanhado o crescimento da ocupação na área urbana e suburbana do município, pois não foi confirmada a localização de engenhos e alambiques em nenhuma

²⁷ O vinagre poderia estar no ramo de alimentos, mas por não ser produzido separadamente, mas junto com outras bebidas, foi colocado neste ramo.

dessas regiões com maior desenvolvimento econômico de 1911 a 1930, por isso, foi uma atividade concentrada nas paisagens periféricas e rurais.

Das décadas de 1880 a 1900, o “grande número de fábricas de cervejas tratava-se provavelmente de produção artesanal em pequena escala.” (MARCONDES; GARAVAZZO, 2004, p.213). No entanto, a década de 1910 teve uma grande importância para o ramo industrial de bebidas e cerveja esta em especial, em Ribeirão Preto: a criação de duas importantes indústrias, caso da filial da Companhia Antarctica Paulista construída em 1911, e a Companhia Cervejaria Paulista, criada em 1913. As duas empresas que desde essa década, sua fusão na década de 1970 e até seu fechamento em 1999, criaram um novo paradigma de produção cervejeira neste município, no interior paulista e brasileiro.

A despeito da importância inequívoca dessas duas indústrias para esse setor, ambas não foram as primeiras a começarem a produzir cerveja em Ribeirão Preto, pois quando a primeira delas, a filial da Antarctica Paulista, tinha sido criada em 1911, já existia, pelo menos, 29 fabricantes cervejeiros ribeirão-pretanos, quantidade maior do que a criação posterior, que supostamente poderia ter sido estimulada pelas duas empresas, entre outros fatores, de sete firmas, inclusive: “Teria sido o sucesso da cervejaria Livi & Bertoldi que teria atraído a atenção da Cervejaria Antarctica para a cidade e influenciado na escolha de Ribeirão Preto para a montagem da primeira filial da cervejaria fora da cidade de São Paulo.” (CASTRO, 2015, p. 92).

Um fator econômico pode ter contribuído para o início do oligopólio dessas duas indústrias cervejeiras com a consequente queda na instalação de novas pequenas cervejarias: a inicial e rápida consolidação do modelo de produção industrial de cerveja nesse ramo, da criação de um novo mercado e sua ocupação quase sufocante por elas e ao pequeno espaço dado à ação e concorrência pelas pequenas cervejarias - exceto algumas de pequenas a médias empresas que conseguiram se manter, por exemplo, a Livi & Bertoldi- as quais tiveram suas falhas explicitadas- como suas gestões pouco planejadas e racionalizadas.

O novo modelo criador de escalas de produção industriais com predomínio da oferta de produtos para criar um novo mercado de consumo foi uma estratégia radical e que causou choques em um mercado de pequenas indústrias como o ribeirão-pretano, caracterizado por ações tímidas e individualizadas de fabricação de novos produtos conforme as encomendas prévias.

Com isso, o espaço para os pequenos produtores de cerveja ficou muito concorrido e mais restrito, pois forçou a uma maior profissionalização e racionalização dessa classe de produtos, algo pouco comum neste e nos demais ramos das pequenas indústrias ribeirão-

pretanas, com uma necessidade de mudança de atitude de um fabricante que produzia para clientes próximos (amigos, parentes e vizinhos) rumo a uma produção mais formalizada e voltada a consumidores desconhecidos e distantes com os quais se mantêm relações formais de venda e compra.

Alguns profissionais, como alguns antigos cervejeiros que - devido a seu ofício predominantemente artesanal deveriam possuir uma grande habilidade no manuseio dos ingredientes e na fabricação da cerveja e de outras bebidas - dominariam boa parte do processo de produção. Por isso, provavelmente foram contratados para trabalharem em algumas dessas grandes empresas em cargos médios e com a obtenção de bons salários e outros benefícios, em certos casos, maior até do que a renda que seu pró-labore mensal gerava quando era sócio proprietário de uma pequena indústria que gerava pequenos lucros.

A comedida permissividade da Igreja Católica, perante a opressão protestante, sobre o usufruto com moderação de bebidas com baixa concentração alcoólica por parte dos católicos - a maior parte dos praticantes religiosos ribeirão-pretanos de 1870 a 1930- originada já na Europa e reproduzida em Ribeirão Preto, foi um fator para estimular e aceitar seu consumo.

Em todo o ramo de bebidas (tanto alcoólicas quanto não alcoólicas) a cerveja teve a maior quantidade de empresas produtoras, 36, maior inclusive do que a produção de 27 engenhos de aguardente, mesmo este sendo um produto que tinha iniciado sua fabricação há mais tempo do que a produção cervejeira em Ribeirão Preto.

Tabela 47- Nacionalidade dos Empresários Cervejeiros de 1870 a 1930

Nº	Empresário(s)	Nacion	Ordem	Nº	Empresário(s)	Nacionalidade(s)	Ordem
1	A.Buratti	Ita. ²⁸	1º	20	João Siriolem	Ita.	13º
2	Alfredo Tiezzi	Italiano	1º	21	José Cogulo	Ita.	14º
3	Baptista Baldochi	Ita.	2º	22	José Pieri	Ita.	15º
4	Benjamin Marinai	Ita.	3º	23	José Zeberto	Italiano	4º
5	Calixto Tegnano	Ita.	4º	24	Julio Bonati	Ita.	16º
6	Dante Malerba	Ita.	5º	25	Julio Rozanetti	Ita.	17º
7	Demetrio Pitol	Ita.	6º	26	Justino Paulinelli	Ita.	18º
8	Domingos Gregaulo	Ita.	7º	27	Luporini Vicente	Ita.	19º
9	Doni Bock	Ale.	1º	28	Marcolino Maroni	Ita.	20º
10	Ernesto Esquibole	Ita.	8º	29	Olyntho P. Ir	Bra.	2º
11	Feliac Landucci	Ita.	9º	30	Paulo Puccetti	Ita.	21º
12	Franceschi & Cia	Ita.	10º	31	Pedro Giachetto	Italiano	5º
13	Francesco Cristofani	Italiano	2º	32	Quarto Bertoldi	Italiano	6º
14	Guido Gambini	Italiano	3º	33	Salvatore Lívi	Italiano	7º
15	J.Christi	Ita.	11º	34	Silvano Malerba	Italiano	8º
16	Jacob Boemer	Alemão	1º	35	Thomaz Pacanhelo	Ita.	22º
17	João Bernardes	Bra.	1º	36	Valente Fantato	Ita.	23º
18	João Betoni	Ita.	12º	37	Vicente Toschi	Ita.	24º
19	João Ferreira Ribeiro	Português	1º	38	Virgilio Pitol	Ita.	25º

Fontes: PISANI, 1937, p. 456; ROSA, 2007, p. 202, 402 e 415; LOPES, 2004, p.173; BEMPORAD & Figlio, 1906, p. 1134.

Com a verificação da nacionalidade através de fontes chegou-se a uma maioria de oito italianos sobre um alemão e português cada (80%) assim como pelo uso dos sobrenomes dos quais predominaram 32 italianos sobre dois alemães e brasileiros cada e um português (86,84%).

Por isso, ficou comprovado que a maioria dos empresários das pequenas indústrias de cerveja eram italianos - e estes mais do que os brasileiros, portugueses e alemães de forma separada e/ou conjunta - foram protagonistas nessa classe de produto fabricado em todo o contexto de 1870 a 1930.

Os endereços das pequenas indústrias nesse ramo estiveram assim distribuídos nas seguintes ruas: oito no Centro (Lafaiete, Amador Bueno, Américo Brasiliense, Floriano Peixoto, São Sebastião e Visconde de Inhaúma uma cada e duas na Saldanha Marinho); duas no subúrbio (Gonçalves Dias na Vila Tibério e São Paulo nos Campos Elíseos).

E seis na periferia (Córrego das Palmeiras uma, Esgoto três e Macaúbas duas). A grande quantidade de pequenas indústrias nessa região, maior do que no subúrbio com crescente quantidade de empresas, ocorreu por causa, em especial, da aguardente a ser

²⁸ As nacionalidades dos empresários encontradas apenas por aproximação- conforme seus sobrenomes- estarão abreviadas assim: Ita. (italiano), Ale. (alemão) e Bra. (brasileiro). E aquelas colocadas todo o adjetivo pátrio foram confirmadas com fontes explicitadas na parte inferior da Tabela.

fabricada na mesma paisagem agrícola da produção de cana-de-açúcar para atender a demanda de consumidores na mesma região de destilação e em áreas vizinhas.

As nacionalidades de quatro empresários foram encontradas²⁹. A duração média das pequenas indústrias do ramo de bebidas nesse período foi de 2,89 obtidos com 11 empresas que duraram um, seis empresas dois, uma com sete e outra com 25 anos.

**Tabela 48- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias de Bebidas de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor Capital	Onerários	Valor Capital	Onerários	Valor Capital	Onerários
Malerba	50:000\$000	6	213:000\$000	5	294:584\$000	4
Luzitana	_____	_____	5:000\$000	3	20:000\$000	5
C.Guazzelli	_____	_____	20:000\$000	1	6:000\$000	3
Brasil Tiezzi	_____	_____	10:000\$000	3	_____	_____
Ramos	_____	_____	10:000\$000	2	_____	_____
Nordeste Paulista	_____	_____	10:000\$000	3	10:000\$000	3
				MÉDIA	54:416\$727	5,90

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

A média baixa de 5,90 operários foi obtida porque todas as pequenas indústrias desse ramo nesse período contaram com menos de 10 trabalhadores. O alto valor de capital médio de 54:416\$727 foi condicionado pela Destilaria Malerba a qual possuía um alto montante de 213:000\$000 e 294:584\$000 e influenciou nessa soma a despeito das demais empresas possuírem valores aquém de 20:000\$000.

O valor de capital médio por operário foi de 9:223\$172. Na Destilaria Malerba ele foi atípico de 37:172\$266 porque essa empresa contava com poucos operários (menos de 10) para um montante elevado de capital, ou seja, era uma firma com grande quantidade de máquinas e equipamentos destinadas a fabricar uma gama diversificada de tipos de bebidas (licor, cerveja, vinho, vinagre e xarope) e provavelmente contava com imóvel próprio e específico para sua atividade econômica.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 49.

²⁹ Dois italianos, Alfredo Tiezzi, da empresa Brasil, e Silvano Malerba (PISANI, 1937, p. 456); um português João Ferreira Ribeiro, sócio da pequena indústria Luzitana, “Natural de Açores, Portugal” (1º CARTÓRIO, 1955). E um brasileiro, Francisco Octavio Pacca “Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8/4/1885” (ROSA, 2007, p. 206), proprietário da Nordeste Paulista.

Tabela 49- Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade	Operários	Capital
Ângelo Bevilacqua	Ferraria	1918 a 1921	Cel. Luiz Cunha, 75	Italiano	—	—
Angelo Franzaglia	Funilaria	1916 a 1921	Américo B, 13	—	—	—
Antonio França	Rastelo	1918 a 1921	Guataparã	—	—	—
Antonio Pasqualin	Serralheria	1919 a 1972	Álvares Cabral,	Italiano e Brasileiro	12	50:000\$000
Augusto Tarrazo	Ferraria	1913 a 1916	Florêncio A, 44	—	—	—
Cosme Frentini	Ferraria	1918 a 1921	Portugal	—	—	—
David Noccioli	Peneira de Arame	1916 a 1926	Antarctica, 8	Italiano	—	—
Francisco Mauriso	Funilaria	1916	Amador B, 78	—	—	—
Franciso Chiarello	Funilaria	1916 a 1921	General O, 65	—	—	—
Francisco Selner	Serralheria	1913	Não Encontrado	—	—	—
G. Battista Ferrari	Móveis de Ferro	1928 a 1930	Não Encontrado	Italiano	9	59:000\$000
Helio Andreotti	Serralheria	1918	Cesário Motta ³⁰	—	—	—
Jorge Peters	Camas de Ferro	1928 a 1930	Saldanha M, 105	—	3	14:000\$000
José Roberti Irmão	Funilaria	1916	Padre Feijó, 13	Italiano	—	—
Luiz Giorgini	Facas	1913	Av. Saldanha, 83	Italiano	—	—
Manoel Martins Jr	Prego	1918 a 1921	Florêncio Abreu	—	—	—
Moderna	Cama de Ferro	1912	Não Encontrado	—	—	—
Innecchi	Móveis Ferro	1910 a 1930 ³¹	Mariana Junq, 3	—	61	150:000\$000
Paulo Ferlin	Grade e Portão	1929 a 1930	Prudente M, 42	Italiano	6	8:000\$000
Pedro Zerbinate	Serralheria	1913 a 1916	Saldanha M, 64	—	—	—
Salvador Spadoni	Parafuso e Bucha	1930	Tibiricá, 53	Italiano	6	114:000\$000
Sebastião Lourenço	Funilaria	1916	Saldanha M, 28	—	—	—
Silvestre Desiderio	Latoaria	1916	General O, 37	—	—	—
V. Barbosa Filhos	Funilaria	1916	Saldanha M, 68	—	—	—

Fontes: A Cidade 1912, Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918, Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Almanaque Laemmert de 1926 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP), Ribeirão Preto: a capital da cultura. 1972.

Nesse período houve aumento de nove para 12 classes de produtos fabricados (33,33%) tanto os já presentes no período anterior (camas e móveis de ferro, ferrarias, funilarias, grades, peneira de arame, portão e portas onduladas e serralheria), como seis surgiram apenas no presente período: lavatório, bucha de carro, faca, latoaria, prego e rastelo,

A queda de duas para uma empresa que fabricavam peneiras de arame foi devido à queda e crise na produção de café para exportação no período de 1911 a 1930 e na demanda por essa mercadoria.

Com o crescimento da quantidade de marmorarias no município, de uma no período de 1891 a 1910 para seis de 1911 a 1930, algumas ferrarias passaram a ter essas empresas como

³⁰ “A Avenida Cesário Motta [era] apenas para o lado direito [...] do córrego do Retiro” (CIONE, 1997, p. 429-430) na sua margem norte onde se localizavam os bairros Retiro e Campos Elíseos.

³¹ O seu funcionamento foi interrompido de 1913 a 1928.

clientes, pois as mesmas faziam produtos que depois eram partes dos jazigos-capela e dos túmulos com bastantes adereços de mármore, granito e aqui, em especial, de ferro, pois: “Ao ferreiro [...] cabia a feitura e a colocação das grades, portas e janelas de ferro fundido” (BORGES, 1991, p. 78).

O lavatório foi um produto que só foi possível de ser utilizado com o início da construção de reservatórios urbanos de água- como o Schmidt, inaugurado em 1904, e ainda hoje existente (2017), nas esquinas das ruas Campos Salles e Marechal Deodoro- da sua canalização, ligação e abastecimento das redes hidráulicas domésticas, em especial, das casas e empresas do Centro.

As funilarias tiveram um crescimento de quatro para seis pequenas indústrias sobre o período anterior (50%). As ferrarias, ao contrário, tiveram uma queda de oito para duas empresas, devido, entre outros fatores, ao aumento da especialização e concorrência com outra classe, as serralherias, que tiveram um aumento de três para cinco firmas (66,66%).

As latoarias e as funilarias -diferentes das ferrarias e das serralherias que produziam mercadorias e objetos para as casas, empresas e construção civil - manipulavam metais mais leves do que esses, feitos a partir de folha de flandres ou de latão.

Esses produtos, em formatos de chapa, funil e cone, tinham como finalidade servirem para embalar e armazenar parte da produção ribeirão-pretana de materiais secos e sólidos como grãos, e vários líquidos, como óleo, e parte das bebidas alcoólicas produzidas localmente, tanto destiladas (aguardente) como fermentadas (cerveja, vinho e licor).

O rastelo era um instrumento simples usado na agricultura tanto para mexer e limpar a terra de sujeiras e resíduos indesejados como para juntar os grãos de café dispersos no terreiro de secagem.

A fabricação especializada de um único produto, o prego, atendia demandas tanto da construção civil como de outras pequenas indústrias (a fixação de partes e superfícies de madeira nas empresas de móveis e marcenarias, por exemplo). E mesmo da agropecuária, como por exemplo, na pregação de metais alinhados nas cercas das fazendas criadoras de gado.

As matérias-primas principais desse ramo foram: a) o ferro, comprado novo em metalúrgicas ou usado em fundições de sucata; b) a madeira usada como base e fixação de várias máquinas e ferramentas, por exemplo, para o cabo destas.

A fabricação desses produtos dependia menos de máquinas eletromecânicas e mais da força e habilidade de ferreiros com uso de ferramentas simples, do fogo e da forja para manusear o ferro, como por exemplo, para decoração de portões e grades com filetes

retorcidos rumo a formas curvas e onduladas e com vários traços pictóricos (florais ou desenhos geométricos simplificados), de estilo *art-nouveau* e *art-déco*, e o corte era feito manualmente no arco de serra.

Os produtos de ferro para entrada e saída das casas (grades, portas onduladas e chapadas e portões) foram originalmente urbanos, pois no meio rural os mesmos eram feitos de madeira.

As maiores das 14 pequenas indústrias estiveram instaladas no Centro nas seguintes ruas: Américo Brasiliense, Álvares Cabral, Amador Bueno, Mariana Junqueira, Prudente de Moraes e Tibiriçá uma cada; Florêncio de Abreu e General Osório duas; Saldanha Marinho quatro. No subúrbio seis, sendo três na Vila Tibério, duas na Coronel Luiz da Cunha e uma na Padre Feijó; e uma cada nos Campos Elíseos (na Avenida Saldanha Marinho), no Retiro (Avenida Cesário Motta), na República (Guataparã) e uma na periferia de Santa Cruz do José Jacques (Portugal).

Tabela 50- Duração Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1911 a 1930

Duração (Anos)	Quantidade (Empresas)
1	10
2	1
3	2
4	6
6	2
7	1
11	1
54	1
MÉDIA (Anos)	5,12
TOTAL (Empresas)	24

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 5,12 causada por uma boa quantidade de 10 empresas com apenas um e por apenas duas firmas com mais de 20 e entre as mesmas só uma com a expressiva soma de 54 anos. Todos os nove empresários que tiveram sua nacionalidade confirmada eram italianos³².

³² Antonio Pasqualin; Ângelo Bevilacqua “Nasceu em Verona, Itália, em 1893”; Salvador Spadoni “Nasceu em San Giovanni, Marignani, Itália, dia 26/1/1882”; Vitório Paschoalim “Nasceu em São Paulo, SP, em no dia 2/2/1892” (ROSA, 2007, pp. 48, 440 e 474). David Noccioli “Nacionalidade: italiana, destino: Guataparã”. <http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=058&pagina=060&familia=36060>; Giuseppe (José) Roberti “Destino: Ribeirão Preto”, <http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=003&pagina=104&familia=55910>; Giovanni Battista Ferrari (PISANI, 1937, p. 456); Luiz Giorgini (1º CARTÓRIO, 1949); e Paulo Ferlin (CARTÓRIO VILA MARIANA, 1937).

**Tabela 51- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias de Materiais Ferrosos de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários
Innecchi	154:000\$000	10	150:000\$000	61	—	—
J.B.Ferrari	59:000\$000	7	59:000\$000	9	59:000\$000	5
Jorge Peters	13:000\$000	4	14:000\$000	3	5:000\$000	3
A.Pasqualin	—	—	50:000\$000	12	34:412\$000	14
P.Ferlin	—	—	8:000\$000	6	8:000\$000	3
P.Bartolomeu	—	—	5:000\$000	3	10:000\$000	3
S.Spadoni	—	—	—	—	114:000\$000	6
				MÉDIA	49:494\$133	9,93

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

O alto valor de capital médio de 49:494\$133 foi possibilitado pelas quatro empresas acima de 50:000\$000 e entre essas de duas com mais de 100:000\$000 a despeito da existência de três com menos de 20:000\$000.

A quantidade média de operários de 9,93 foi causada por duas empresas acima de 10 trabalhadores e entre estas, uma, em especial, com 61 proletários em 1929. E o valor de capital médio por operário foi de 4:984\$303.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 52.

Tabela 52- Minerais Não Metálicos de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereço	Nacionalidade	Operários	Capital
Amador	Pedra, macadame	1914	Amador Bueno	—	—	—
Angelo Milani	Olaria	1916 a 1921	Lagoinha	Italiano	—	—
Antonio Rosiello	Marmoraria	1921	Duque Caxias,	Italiano	—	—
Antônio Spanó	Ladrilho	1917 a 1965	Gonçalves D, 17	Italiano	—	—
Artística	Marmoraria	1926	Não Encontrado	Italiano	—	—
Caetano Pedrassi	Olaria	1916	Córrego	—	—	—
Dante Saviolli	Ladrilhos	1928 a 1930	Castro Alves, 4	—	5	18:000\$000
Ernesto Ferreri	Ladrilhos	1916	Américo B, 137	—	—	—
Franceschini Facci	Marmoraria	1919	Duque de Caxias	—	—	—
Franc Ant Calil	Tijolos	1929	Não Encontrado	—	14	10:000\$000
Franc.Francischini	Olaria	1916	Lagoinha	—	—	—
Italiana	Marmoraria	1914 a 1944	Duque Caxias,	—	—	—
J.Maced.Bittencourt	Ladrilhos	1921	Cerqueira C,70	Brasileiro	—	—
Jorge Zeraik	Tijolos	1929	Não Encontrado	—	7	10:000\$000
José Bertani	Olaria	1918 a 1921	Lagoinha	—	—	—
José Chimarelli	Olaria	1916 a 1921	Lagoa do Campo	—	—	—
José L.Atimo	Ladrilho e Mosaico	1928 a 1929	Não Encontrado	—	8	25:000\$000
Luiz Reginato	Olaria	1916	Lagoa do Mato	—	—	—
Mano Conc Lama	Cerâmica	1918 a 1922	Não Encontrado	—	—	—
Manoel Ferraz N.	Olaria	1918 a 1921	Lagoa do Campo	—	—	—
Mengethe Michele	Olaria	1916	Lagoa do Campo	—	—	—
Paulista	Marmoraria	1926 a 2017	Saldanha M, 15	Italiano	—	—
Pedro Giroldo	Pedreira	1913	Não Encontrado	—	—	—
Pompeu Camargo	Ladrilhos	1921	General O,108	Brasileiro	—	—
Progresso	Marmoraria	1918 a 1978	Lagoa do	Italiano	—	—
Santo Lania	Ladrilho e Mosaico	1925 a 1930	Saldanha M, 127	Italiano	8	20:000\$000
Umberto Pedrassi	Olaria	1918 a 1921	Tanquinho	—	—	—
Vecchi Irmãos	Cerâmica	1929	Não Encontrado	Italiano	10	30:000\$000
Vergilio Vorzin	Olaria	1916	Não Encontrado	—	—	—

Fontes: Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1913(APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918(APESP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Anuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1922-1923 (APESP), Almanaque Laemmert de 1925 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930(APESP).

Nesse período houve um aumento de duas (olarias e marmorarias) para cinco classes de produtos fabricados: as anteriores, somadas às de ladrilho e mosaico, pedras e macadame (150%).

À medida que a classe das marmorarias desenvolvia era necessária a reprodução do seu saber técnico específico aos mais jovens, principalmente brasileiros, e uma das formas encontradas para essa transmissão foi, de acordo com Borges (1991, passim)

[...] as marmorarias tiveram que formar seus próprios aprendizes de ofício e arte no interior de suas oficinas marmóreas. [...] O marmorista responsável pelo setor de produção procurava desenvolver um ensino informal no interior da marmoraria, seguindo o mesmo processo por meio do qual

aprendera o ofício na Itália. Preocupava-se em adaptá-lo à realidade brasileira com seus problemas de ordem econômica, material e humana. Recorria, enfim, ao aprender fazendo [...].

As técnicas de produção eram simples, com emprego concomitante de máquinas junto com a habilidade manual, pois de acordo com Borges (1991, p.385)

As marmorarias associaram-se de maneira parcial ao sistema de produção industrial ao produzirem peças seriadas. Foram facilitadas pelo uso das máquinas – favorecia o barateamento do seu custo. Mas, o acabamento era de feitura artesanal, momento em que o artista-artesão interferia com sua criatividade. Vimos então, que a produção industrial e artesanal coexistiram e se comunicaram.

Com a consolidação e aperfeiçoamento das marmorarias ribeirão-pretanas algumas conseguiam atender mercados distantes e várias demandas regionais, pois vendiam para outras regiões e estados brasileiros, e “[...] explorando o mercado [...] em todo o oeste paulista, na região do Triângulo Mineiro, chegando até Goiás”. (BORGES, op. cit, p. 34).

As matérias-primas usadas pelas marmorarias eram: “[...] bronze, para decorar vários materiais, gesso, argila, azulejos, cimento, cal, abrasivos”. (Ibidem, p. 79). O mármore era tanto importado da Itália quanto nacional e o granito brasileiro e serviam para a “[...] cidade dos vivos para produzir fachadas de prédio, altares de igrejas, escadas, banheiras, vasos, pias e lavabos e para a cidade dos mortos” (Ibidem, pp. 383-384), para construir e adornar capelas, túmulos e lápides no Cemitério da Saudade.

Ademais: “Os retalhos que sobravam dos blocos de mármore bruto eram reaproveitados, isto é, moídos e transformados em granilite, muito empregado na feitura de pias” (Ibidem, p. 78); eram usadas tanto máquinas simples, caso de esmeril, como ferramentas e vários tipos de “instrumentos manuais simples, em certo sentido quase primitivos, como a ponta, o martelo simples, o martelo especial – “picola”, a picareta, a maquineta, raspa de metal, pedras minerais, scarpello, cinzel denteado e violino” (Ibidem, pp. 75-76). E: “A manutenção [com] forja que consta de um conjunto de fornalha, fole, bigorna e lima” (Ibidem, p. 78).

As pedreiras cortavam, tratavam as pedras e as transformavam em macadame (ou paralelepípedo) usado para fazer sarjeta e pavimentar os antigos caminhos de terra e transformá-los em ruas.

Uma nova e especializada classe de produtos fabricados surgiu: os ladrilhos e mosaicos feitos de cerâmica e de pedra, para calçar o chão, para pisos de casas, calçadas e praças. Essas mercadorias serviam para amenizar e controlar a grande poeira da terra vermelha, ou terra roxa, ribeirão-pretana.

O capital inicial da empresa de ladrilho de Joaquim Macedo Bittencourt - funcionando em 1921, ou seja, após o final de seu mandato como prefeito de Ribeirão Preto que durou de 1911 a 1920 - provavelmente teve origem em outras atividades econômicas do setor de prestação de serviços, tanto a profissão de médico que ele exercia antes da prefeitura, como na educação, nos setores público e privado, e ele, de acordo com Cunha (2000, pp. 60-61)

[era] lente [professor] de Francês [...] [e] fundou uma escola noturna para atender alunos da classe trabalhadora, com apoio da Prefeitura Municipal [...] Em 1907 foi nomeado para o Ginásio [do Estado] e no ano seguinte tornou-se vereador, aliado ao Coronel Junqueira [...] Em 1921 foi designado diretor do Ginásio.

As suas informações e conhecimentos sobre as demandas da infraestrutura, da construção civil e dos melhoramentos e equipamentos urbanos locais adquiridos nos cargos de vereador e de alcaide podem ter contribuído para a efetivação desse novo empreendimento.

A empresa Antônio Spanó e Filhos fabricava artefatos de cimento diversos e vasos sanitários, estes pouco conhecidos à época e produzidos de cerâmica, mas pouco consumidos a favor da prática recorrente de usar nos fundos e quintal da casa um buraco dentro de um compartimento fechado de madeira e alvenaria, semelhante a um banheiro rústico.

No entanto, apesar do crescimento das olarias e das fabricantes de ladrilho e mosaico nesse período, suas mercadorias eram preteridas a favor de outros produtos de origem rural, mais rudimentares e obtidos na natureza, pois havia muitas casas com piso de terra batido, os tijolos para a lateral e paredes das casas tinham a concorrência das paredes com pau-a-prumo, pau-a-pique ou taipa de pilão, feitos com galhos de árvores e com a massa feita com restos de fibras vegetais e barro para dar consistência e mesmo com as madeiras, obtidas pelo próprio morador e construtor da casa nas matas ao redor de sua casa, e as telhas eram desdenhadas a favor de palha, sapé e capim.

Uma citação exprime bem o hábito de não uso do tijolo e da alvenaria, e de acordo com Tuon (2010, p.26)

A chegada na fazenda de café impressionava os imigrantes. Para Freitas (1994, p. 6),” nos primeiros tempos de cultivo de café até os proprietários viviam em casas simples. Os colonos que chegavam, embora fossem pobres na Europa, já estavam acostumados a um tipo de construção que era melhor que a oferecida nas fazendas de café. De modo geral, eram casebres de madeira, mal construídos, que mais lembrava as antigas senzalas do que casas de verdade, ou moradias. Freitas afirma que “a colônia e o tijolo são indícios da presença italiana”. Assim, apesar da imensa maioria dos imigrantes virem para plantar café, o conhecimento da técnica de alvenaria altera radicalmente e remodela a arquitetura do interior da província de São Paulo.

Os produtos do ramo de minerais não metálicos foram feitos por operários especializados em certas funções laborais (oleiros, ceramistas, marmoristas e ladrilheiros) os quais foram mais solicitados conforme o aumento na demanda por novos produtos.

A semelhante quantidade de olarias no segundo (1891 a 1910) e terceiro (1911 a 1930) períodos (14), e o fim do seu crescimento, foi devido a quatro fatores: primeiro ao fim do privilégio quase total do barro queimado e início de uma concorrência mais incisiva com outros produtos de alvenaria, caso do cimento e concreto, concretizado com o início da instalação de empresas especializadas na fabricação de pisos de ladrilho (apesar de estes terem sido menos produzidos pelas cerâmicas do que os tijolos e telhas).

Um segundo fator afetou a concorrência com os principais produtos fabricados, telhas e tijolos: à concorrência com similares de municípios regionais próximos (Tambaú, Casa Branca e Porto Ferreira) que começaram a se especializar na produção oleira e poderiam oferecer preços mais baixos do que as olarias ribeirão-pretanas.

E terceiro: o fato de boa parte do barro e da argila extraídos em Ribeirão Preto serem de qualidade inferior, e o caso citado a seguir poderia ser generalizado para outros córregos, e segundo Alvares ³³(1902 apud EMBOABA, 1955, p.33) “Por estar na cabeceira ‘antigo correquinho’, hoje córrego do Matadouro [...] [Nele] existe uma olaria em abandono, outrora explorada pelo falecido Tibério Augusto, sendo de inferior qualidade a argila para esse mister”. E isso afetou as olarias do município pouco acostumadas à competição intermunicipal.

O aumento de uma para seis marmorarias deveu-se à existência tanto de profissionais imigrantes técnicos e artistas habilidosos no manuseio do mármore como a formação e consolidação de novo hábito de consumo pelas classes médias e altas ribeirão-pretanas de túmulos de mármore construídos para homenagear parentes e amigos enterrados no Cemitério da Saudade.

³³ ALVARES, J.C. Memorial, 20 mai. 1902.

Tabela 53- Duração Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1911 a 1930

Duração (Anos)	Quantidade (Empresas)
1	16
2	1
3	1
4	3
5	1
6	3
31	1
49	1
61	1
92	1
Média (Anos)	9,96
TOTAL (Empresas)	29

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 9,96 devido à grande quantidade de 16 empresas com apenas um ano às quais ajudaram a diminuir o valor final e ofuscaram as quatro firmas acima de 30 anos (31, 49, 61 e 92).

As nacionalidades encontradas foram de nove empresários³⁴. A localização das pequenas indústrias esteve distribuída nas seguintes regiões e ruas: 10 no Centro (Amador Bueno, Américo Brasiliense, Cerqueira César, General Osório e Largo do Mercado uma cada; Saldanha Marinho duas; Duque de Caxias três). Três no subúrbio, sendo duas na Vila Tibério (Castro Alves e Gonçalves Dias) e uma no Tanquinho. E oito na periferia (Córrego das Palmeiras e Lagoa do Mato uma; Lagoa do Campo e Lagoinha três cada).

Nenhuma olaria esteve localizada no Centro ao contrário das marmorarias, ladrilharias e pedreiras todas estas instaladas na área urbana desta região e sua expansão para o subúrbio de bairros próximos.

A grande presença de 11 olarias de 1870 a 1930 na zona leste (68,75%) - oposta à pequena porcentagem de duas cada nas áreas oeste (Avenida Rio Pardo e Córrego do Matadouro) e norte (Tanquinho) e uma no vale do córrego Ribeirão Preto (31,25%) – em especial, na região plana de formação de muitas lagoas e de cabeceiras dos córregos das

³⁴ Sete italianos Ângelo Milani “Nacionalidade: Italiana, Destino: Ribeirão Preto, Fazendeiro: Antonio Barbosa (Ferraz Junior) (dono em 1913 das fazendas Boa Vista e Santo Antônio), Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=04B&pagina=045&familia=42590>>. Acesso em 21 abr. 2014; Antônio Spanó “Nasceu em Caiveno (província de Nápolis), Itália.” (ROSA, 2007, pp. 72-73); Amleto Belloni, da Marmoraria Progresso e Antônio Rosiello (PISANI, 1937, p. 456); este e Renato Bulgarelli, ambos da Marmoraria Paulista, o último “Nasceu em Mântua, Italia, em 1908” (BORGES, 1991, p. 112); Alfredo Gelli “Nasceu em Pisa, Italia, 1868” (Ibidem, p. 107) ambos sócios da Marmoraria Artística; e Manfredo Vecchi “Nasceu em Ferrara, Itália” (SIMÕES, 2003, p.160). E dois brasileiros, Joaquim Macedo Bittencourt “Nasceu na Bahia, dia 21/6/1862” e Pompeu de Camargo “Nasceu em Campinas, SP, dia 9/7/1882” (ROSA, op. cit., pp. 329 e 410).

Palmeiras e do Esgoto, futuramente nomeada como Lagoinha, Jardim Interlagos, Parque dos Lagos e Lagoa do Saibro, ocorreu provavelmente pela boa qualidade do barro para a fabricação de tijolos e telhas vendidas não apenas nesta região oriental e nordeste de Ribeirão Preto, mas para atender parte da evolução demográfica, imobiliária e da construção civil concentradas no Centro e região suburbana limítrofe.

**Tabela 54- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias de Minerais Não Metálicos de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários
Santos Lania	10:000\$000	8	20:000\$000	8	10:000\$000	6
D.Saviolli	8:000\$000	5	18:000\$000	5	—	—
J.Átimo	5:000\$000	8	25:000\$000	8	—	—
J.Zeraik	—	—	10:000\$000	7	—	—
Ir.Vecchi	—	—	30:000\$000	10	30:000\$000	4
F.A.Calil	—	—	10:000\$000	14	—	—
V.Golfeto	—	—	—	—	40:000\$000	—
				MÉDIA	18:000\$000	7,54

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

O valor de capital médio foi de 18:000\$000 e a quantidade média de operários de 7,54. Por isso, houve um certo equilíbrio naquele entre 8:000\$000 e 25:000\$000 com apenas uma empresa abaixo e duas acima dessas somas e neste abaixo de 10 trabalhadores exceto apenas uma firma.

O pequeno valor de capital médio por operário de 2:387\$267 ocorreu por ser esse ramo formado por pequenas indústrias com pequenos montantes de capitais e bastante dependentes da força e habilidade de seus proletários.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 55.

Tabela 55- Produtos Químicos de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade	Onerários	Capital
A.Fumagalli	Sabão	1916	Saldanha M, 92	—	—	—
Ache Travassos	Químico/Farmacêutico	1925 a 1930	Não Encontrado	—	—	—
Angelo Lombardi	Fogos	1916	Commercio, 85	Italiano	—	—
Demetrio V Pitol	Sabão	1913 a 1921	Rio Gde Norte, 4	—	—	—
Fraissat & Nunes	Verniz e Isolante	1924	Saldanha M, 178	—	—	—
Franc. Mandolari	Fogos	1913 a 1921	Florêncio A, 30	—	—	—
Franc.Orlando	Sabão e Perfumes	1913 a 1921	José Bonifácio, 4	—	—	—
João Flechatte	Sabão	1919	Saudade	—	—	—
João Temporini	Sabão	1913 a 1921	Comércio, do	—	—	—
José Dini	Sabão	1916 a 1921	Castro Alves, 11	—	—	—
José Rossini	Fogos	1916	Sete de Setembro	—	—	—
Leão Moy Secaf	Fogos	1916	Av. Saldanha M	—	—	—
Luiz Ignacio	Sabão	1930	Não Encontrado	—	4	25:000\$000
Luiz La Rocca	Sabão	1916	Álvares Azevedo	—	—	—
Marte	Tintas para Sapato	1930	Pde Euclides, 69	Italiano	2	1:500\$000
Pastore	Tinturaria	1918 a 2017	General Osório	Brasileiro	—	—
Peroluz	Sabão	1929	Não Encontrado	—	4	24:000\$000
Roque Nacarato	Sabão	1916 a 1929	Álvares Azev, 13	Italiano	5	10:000\$000
Ypiranga	Sabão e Sabonete	1916 a 1939	Capitão S, 169	Brasileiro	6	14:000\$000

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), A Cidade 12 fev. 1924, O Estado de São Paulo 1925, Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP), Relatório Doação Asilo Padre Euclides de 1939.

A diversificação desse ramo nesse último período esteve presente no aumento da quantidade de classes de produtos fabricados, tanto na continuidade dos três anteriores (sabão, produtos farmacêuticos e fogos) como de seis novos produtos (isolante, perfume, sabonete, tinta para sapato, tinta tipográfica e verniz), totalizando nove (e um aumento de 200%).

A única empresa de todo esse setor que produzia para empresas era a empresa Fraissat & Nunes que fabricava isolante e verniz para atender às várias firmas de móveis de madeira, marcenarias e carpintarias do município e tinta tipográfica usada na impressão por parte das várias gráficas e tipografias instaladas em Ribeirão Preto.

A tinturaria - apesar de estar no ramo químico, semelhante à empresa Marte que produzia tinta para lustrar calçados- tinha uma relação direta com as empresas de roupas, pois atendia pessoas que queriam tingir de nova ou com outras cores suas roupas.

A pequena quantidade de empresas que produziam sabonete, duas (junto com sabão, também) em um total de 29 empresas produtoras de saponáceos, aconteceu, pois até 1930 era comum tomar banho apenas com o segundo, não havendo então, uma separação, como depois aconteceria do segundo para limpeza geral de produtos e da casa e do primeiro para lavar o corpo das pessoas.

A variedade limitada de produtos químicos para limpeza e higiene corporal de uso pessoal (com predominância no sabão) foi condicionada pelas limitadas necessidades consumidoras por parte da população ribeirão-pretana por variadas mercadorias, que poderiam estimular o surgimento de novas empresas fabricantes.

A evolução econômica do setor de saúde, médico, hospitalar e farmacêutico em Ribeirão Preto até 1930 teve predomínio do comércio, em especial as drogarias, e da prestação de serviços- aqui incluindo os hospitais Santa Casa de Misericórdia, Lazareto ou de Isolamento e Beneficência Portuguesa inaugurados em 1896, 1897 e 1907 respectivamente, clínicas e médicos particulares- ligadas à presença justaposta com a medicina popular exemplificada nas parteiras e no uso de ervas e medicamentos naturais no tratamento de enfermos, contou com uma singela contribuição das três pequenas empresas fabricantes de produtos farmacêuticos.

A queda de 17 para 12 pequenas indústrias fabricantes de sabão foi devido à concorrência com similares produzidos em outros municípios brasileiros e estrangeiros e ao aumento do tamanho de pequena para média planta produtiva de algumas empresas desse ramo como Paschoal Innechi, Roque Nacarato e Ypiranga que canalizaram para elas mesmas parte da evolução crescente e constante na demanda por essa mercadoria.

O aumento de duas pequenas indústrias fabricantes de fogos para quatro (100%) ocorreu graças às realizações de eventos religiosos e de santos, como ao apreço da população em gozar de momentos de diversão e lazer materializados com as festas e comemorações informais, de amizade, familiares e parentais.

Alguns fogueteiros e pirotécnicos se instalavam, por motivo de segurança, em lugares afastados, caso de José Rossini que tinha sua empresa na Rua Sete de Setembro em 1916, à época uma das últimas ruas urbanas do município, e a empresa de Leão Moysés Secaf na Avenida Saldanha Marinho localizada no bairro suburbano, à época relativamente afastado Campos Elíseos.

No entanto, havia fogueteiros que causavam riscos aos vizinhos moradores, comerciantes e clientes e se instalavam em ruas bem centralizadas da época, caso da Rua do Commercio (atual Mariana Junqueira), já em 1916 umas das principais e mais movimentadas ruas do Centro e do município.

Tabela 56- Duração Das Pequenas Indústrias Químicas de 1911 a 1930

Duração (Anos)	Quantidade (Anos)
1	9
6	2
9	4
14	1
24	1
100	1
MÉDIA (Anos)	10,83
TOTAL (Empresas)	18

. Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média das pequenas indústrias desse ramo nesse período foi de 10,83 a qual foi aumentada por três empresas acima de 10 (14 e 24) e entre elas uma com 100 anos e ainda hoje (2017) funcionando. As nacionalidades encontradas foram de cinco empresários³⁵.

A localização das pequenas indústrias esteve igualmente distribuída em oito firmas cada no Centro (Florêncio de Abreu, General Osório, José Bonifácio e Sete de Setembro uma; Commercio e Saldanha Marinho duas) e no subúrbio (três na Vila Tibério, sendo duas na Álvares de Azevedo e uma na Castro Alves; quatro nos Campos Elíseos, com duas na Avenida Saldanha Marinho e uma cada na Capitão Salomão e Padre Euclides; e uma no Barracão, na Rio Grande do Norte).

Tabela 57- Valor de Capital e Quantidade de Operários Das Pequenas Indústrias Químicas de 1928 a 1930

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários
Ypiranga	14:000\$000	6	14:000\$000	3	14:000\$000	5
E.Barichelo	13:000\$000	5	13:000\$000	3	_____	_____
R.Nacarato	10:000\$000	4	10:000\$000	5	10:000\$000	4
P.C.Martins	20:000\$000	3	_____	_____	_____	_____
Peroluz	_____	_____	24:000\$000	4	_____	_____
Marte	_____	_____	_____	_____	1:500\$000	2
L.Ignácio	_____	_____	_____	_____	25:000\$000	4
				MÉDIA	14:041\$666	4

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

³⁵ Três empresários italianos

<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=066&pagina=068&familia=39090>; Ângelo Lombardi Hugo Martini, da pequena indústria química Marte “Nasceu em Mantova, Itália, em 30/8/1875” (ROSA, 2007, p. 396); Rocco (Roque) Naccarato (PISANI, 1937, p. 456). E dois brasileiros, José Antônio Pastore “Nasceu em Pirassununga” (1º CARTÓRIO, 1983) e Roberto Vecchi “Nasceu em Brodowsky” (SIMÕES, 2003, p.160).

O valor de capital médio foi de 14:041\$666 e a quantidade média de operários foi de quatro. Neste sentido, houve certo equilíbrio naquele entre 10:000\$000 e 25:000\$000 com apenas uma empresa abaixo (1:500\$000) e neste sempre abaixo de 10 trabalhadores e com padrão entre três e seis proletários.

O baixo valor de capital médio por operário de 3:510\$416 ocorreu por ser esse ramo formado por pequenas indústrias com pequenos montantes de capitais igual ou abaixo a 25:000\$000 e dependentes da competência, destreza e força muscular de seus trabalhadores.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 58.

Tabela 58- Gráficas de 1911 a 1930

Empresa	Produto	Duração	Endereço	Nacionalidade	Operários	Capital
A Tarde /J.Manhã	Gráfica/Jornal	1919 a 1943	Não Encontrado	Brasileiro	—	—
Aché Travassos	Gráfica	1930	Lafaiete, 65	—	3	10:000\$000
Antonina	Gráfica	1916	Não Encontrado	—	—	—
Ant. Carlos Silva	Gráfica	1913	Não Encontrado	—	—	—
Barilari	Gráfica	1921 a 1972	Saldanha M, 121	Italiano	6	15:000\$000
Bernal & Demrath	Gráfica	1913	Não Encontrado	—	—	—
Casa Selles	Gráfica	1913 a 1928	Amador B, 45	Italiano	10	80:000\$000
Daniel Kujawski	Gráfica	1918	Álvares Cabral	Alemão	—	—
Diário de Notícias	Gráfica/ Jornal	1928 a 1972	Visconde Inh, 677	—	22	80:000\$000
Frederico Bernal	Gráfica	1916	Saldanha M, 38	—	—	—
Guil.Dionysio	Gráfica	1918	Amador Bueno, 3	—	—	—
Livro Verde	Gráfica	1921 a 1924	Não Encontrado	—	—	—
Mordocco	Gráfica	1930	São Sebastião, 15	—	4	15:000\$000
Oliveira & Val	Gráfica	1913 a 1916	Álvares C, 34	—	—	—
Olympico Neves	Gráfica	1913	Não Encontrado	—	—	—
Vallada e Central	Gráfica	1928 a 1930	General O, 106	Brasileiro	14	100:000\$000
Veríssimo Santos	Gráfica	1918 a 1921	General O, 1281	—	—	—

Fontes: Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918(APESP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928(APESP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930(APESP), RIBEIRÃO PRETO: a capital da cultura de 1972.

Com o desenvolvimento do ramo de gráficas ocorreu uma fabricação de quatro tipos de produtos, os quais tinham o papel como matéria-prima principal: a) de informação; b) venda de anúncios às empresas; c) impressos fiscais e contábeis; d) impressos comerciais diversos, a seguir descritos.

Os veículos de mídia impressa (jornais, revistas e almanaques) - produtos periódicos com circulação frequente (diária, semanal, mensal e anual) - consolidam-se em Ribeirão Preto nesse terceiro período para além dos focos comerciais com objetivos de opinião, formação cultural e educacional.

Os anúncios eram vendidos e destinados aos potenciais leitores e consumidores das empresas anunciantes, de vários setores econômicos e das pequenas indústrias em particular³⁶, pois em alguns ramos - como o de móveis, com maior concorrência, tanto com empresas locais como de outros municípios paulistas (tanto do interior como da Capital) e brasileiros - “era necessário aparecer para conquistar a fidelização dos clientes locais e atrair os de outras bandas. Justamente nesta necessidade de melhor posicionar-se no imaginário comercial coletivo é que se destacaram as funções das revistas, jornais e almanaques da época” (SOUZA, 2009, p. 50).

Outra característica verificada foi a importância da reprodução pelos jornais, almanaques e revistas de novos hábitos de consumo originários de outros municípios brasileiros (São Paulo e Rio de Janeiro em especial) e estrangeiros (da Europa e dos Estados Unidos em especial).

Os impressos fiscais e contábeis (caso de livros usados para registrar e fiscalizar o movimento de caixa das empresas) eram utilizados por guarda-livros (nome dado aos antigos contadores) - os representantes das empresas privadas nessas áreas- ou por órgãos do governo municipal (Câmara Municipal e Prefeitura) e mesmo para outras repartições de órgãos públicos das esferas estadual e federal dos três poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, com representação em Ribeirão Preto até 1930 (caso, por exemplo, do Fórum).

Os impressos de divulgação comercial: panfleto, folder, “cartões especiais, carimbos, mala direta” (BORGES, 1991, p. 64); e os cartazes de papel, feitos para serem afixados em muros de Ribeirão Preto como suporte da propaganda.

Apesar dessa evolução, os anunciantes potenciais eram apenas uma parte das empresas locais as quais não faziam uso de propaganda por esses motivos: a) por desconhecimento e indiferença; b) o lucro de algumas firmas era tão restrito, a despeito do preço baixo do anúncio, que os gastos com publicidade eram mais despesas do que investimento, pois ajudava a desequilibrar a restrita liquidez dos pagamentos e isso causava uma diferença na quitação das contas mais substanciais, como o pagamento de fornecedores referente às compras de matérias primas.

³⁶ Não foram levantados anúncios de pequenas indústrias em rádio por que: “[...] como as demais emissoras de rádio, a PRA-I [a primeira rádio de Ribeirão Preto criada em 1924] não podia comercializar espaço em sua programação e veicular qualquer tipo de anúncio publicitário. O governo federal não autorizava. Somente em 1932, Getúlio Vargas autorizou a inserção de anúncio comercial no rádio, através do decreto presidencial no 21.111, de 1º de março”, ou seja, apenas em um período após o recorte histórico final desse trabalho (1930) (SANTIAGO; REZENDE, 2005, p.219).

E, por último, por não conseguir atender potenciais novas e maiores encomendas com uma ampliação no conhecimento dessas firmas anunciadoras por mais consumidores, por possuir pequeno capital de giro e poucas possibilidades de investir na compra de mais insumos, ferramentas e máquinas, mesmo as mais simples, e limitadas chances em conseguir no mercado de trabalho local profissionais com competência técnica necessária para ser empregado em uma específica classe de fabricação de produtos, e de acordo com Bandeira Junior (1901, p. 12)

Sem propaganda, sem divulgação, não despertando a curiosidade pública, não alargarão os industriaes o círculo de suas relações. Alguns limitam-se a pequenos annuncios em secção de jornais não lidos e mesmo assim, ressentem-se esses anúncios do laconismo de quem os faz ou de uma prolixidade inútil.

Neste último período houve um aumento de cinco gráficas para 15 (200%), possibilitado tanto pelo desenvolvimento das atividades econômicas urbanas (comércio, indústria, prestação de serviços, mercado imobiliário e construção civil) e rurais (agricultura e pecuária), com o consequente crescimento da concorrência dentro de alguns ramos, por exemplo, entre os fabricantes de móveis, e essa situação teve como efeito a evolução na demanda por anúncios mercantis em jornais e revistas.

O alemão Daniel Kujawski foi um empresário que se dedicou a variadas atividades econômicas- caso da pequena indústria gráfica, localizada na Rua Álvares Cabral, entre as ruas Duque de Caxias e General Osório defronte à Praça Quinze de Novembro, em um dos prédios demolidos a partir do final da década de 1920 para a construção do Theatro Pedro II.

E a sua empresa comercial fabricante de produtos, pois manteve uma livraria e papelaria; na prestação de serviços tanto como jornalista correspondente do jornal Folha da Manhã como lente (professor) de alemão no antigo Ginásio do Estado (futura Escola Estadual Otoniel Motta); às atividades imobiliárias de venda de imóveis, pois foi responsável pelo loteamento da Vila Paulista” (ROSA, 2007, p. 152), e atualmente nomeia uma das ruas deste bairro, em especial, do Jardim Macedo; com negócios financeiros, como corretor e banqueiro informal, pois emprestava dinheiro a juros, ou seja, ele pode ser considerado um exemplo emblemático de empreendedor das atividades econômicas urbanas ribeirão-pretanas anteriores a 1930.

Tabela 59- Duração Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1911 a 1930

Duração	Quantidade
1	9
3	1
4	1
16	1
25	1
45	1
52	1
Média (Anos)	9,52
TOTAL (Empresas)	15

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A duração média foi de 9,52 possibilitada por quatro empresas com mais de 10 e em especial de duas com 45 e 52 anulando a grande quantidade de nove firmas com apenas um ano. As nacionalidades de cinco empresários foram encontradas³⁷.

Todas as gráficas localizadas nesse período estiveram no Centro nas seguintes ruas: Lafaiete, São Sebastião e Visconde de Inhaúma uma cada; e duas na Álvares Cabral, Amador Bueno, General Osório e Saldanha Marinho.

Foto 12- Fachada da Livraria e Gráfica Selles

Fonte: Memórias de Ribeirão Preto, 2000, p. 100.

³⁷ Dois brasileiros José Osório Diniz Junqueira, proprietário do Jornal A Tarde e Jornal da Manhã “Nasceu na Fazenda Chimborazo, em Cravinhos, SP, em 18/10/1881” e Lydio de Oliveira Vallada “Nasceu em Cravinhos em 1894 (ROSA, 2007, pp. 326, 388 e 389). E a mesma quantidade dos italianos Mario Barillari e Antônio Salomone, este da gráfica Selles (PISANI, 1937, p. 456), (a qual terá a foto de sua fachada mostrada abaixo). E um alemão Daniel Kujawski “Nasceu em Breslau, Alemanha, em 21/12/1883” (ROSA, op. cit., p. 152).

A queda de sete (de 1891 a 1910) para duas (de 1911 a 1930) empresas que produziam jornais, interrompendo o aumento da fase comparativa anterior (formada pelos períodos de 1891 a 1910 sobre 1870 a 1890), ocorreu por ser a produção jornalística de acesso mais restrito e realizado em boa parte por empresários brasileiros membros das classes econômicas média e alta locais (com pouco espaço para ações empreendedoras de imigrantes europeus e italianos, em especial). A tabela abaixo esclarecerá melhor essa situação.

Tabela 60- Nacionalidade dos Empresários Fabricantes de Jornais de 1870 a 1930

Onde Firmas	Empresa	Período	Ordem Sócios	Empresário(s)	Origem
1	A Lucta	1870 a 1890	1º	Ramiro Pimentel	Brasileiro
2	O Ribeirão Preto	1870 a 1890	1º	Antônio Guimarães	Brasileiro Provável
		1870 a 1890	2º	Manuel França	Brasileiro Provável
3	A Cidade	1891 a 1910	1º	Durval Vieira de	Brasileiro Provável
			2º	Enéas Ferreira da	Brasileiro Provável
			3º	Rodolpho de Paiva	Brasileiro Provável
			4º	Joaquim da Cunha	Brasileiro
			5º	Francisco Augusto	Brasileiro
		1891 a 1910	6º	Renato Barilari	Italiano Provável
4	A Gazeta	1891 a 1910	1º	Giuseppe Fadin	Italiano Provável
5	Diário da Manhã	1891 a 1910	1º	Juvenal Sá Macedo	Brasileiro
		1891 a 1910	2º	Ozório Correia	Brasileiro Provável
6	L'Unione	1891 a 1910	1º	Ângelo Alario	Italiano Provável
7	O Imparcial	1891 a 1910	_____	_____	_____
8	O Repórter	1891 a 1910	_____	_____	_____
9	Progresso	1891 a 1910	_____	_____	_____
10	A Tarde e Jornal da	1911 a 1930	1º	José Osório Diniz	Brasileiro
11	Diário das Notícias	1911 a 1930	1º	José da Silva Lisboa	Brasileiro Provável
		1911 a 1930	2º	Juvenal Guimarães	Brasileiro Provável

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

Dentro da divisão da produção do ramo de gráficas em impressos diversos e jornais, a confecção dos segundos teve um fator de exceção: o predomínio de empresários brasileiros, tanto de cinco confirmados, como de oito com sobrenomes portugueses, mas provavelmente, sendo na sua maioria, nacionais.

Com efeito, de um total de oito jornais verificados o nome de um ou mais de seus proprietários, apenas dois, conforme seu nome (25%), eram provavelmente italianos, uma minoria, situação pouco recorrente nos demais ramos das pequenas indústrias, em especial nos segundo (1891 a 1910) e terceiro (1911 a 1930) períodos, de enorme presença dos peninsulares.

**Tabela 61- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias Gráficas de 1928 a 1930**

Empresa	1928		1929		1930	
	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários
Central	100:000\$000	13	100:000\$000	14		
C.Selles	35:000\$000	19	80:000\$000	10	35:000\$000	6
Barilari	15:000\$000	6	15:000\$000	6	15:000\$000	6
D.Manhã	_____	_____	30:000\$000	6	30:000\$000	6
Brasil	_____	_____	5:000\$000	6	4:000\$000	5
Achê T.	_____	_____	_____	_____	10:000\$000	3
Mordocco	_____	_____	_____	_____	15:000\$000	4
Diário N.	_____	_____	_____	_____	80:000\$000	22
Vallada	_____	_____	_____	_____	173:000\$000	8
A Cidade	_____	_____	_____	_____	50:000\$000	10
				MÉDIA	46:588\$235	8,82

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

O alto valor de capital médio de 46:588\$235 foi possibilitado pelas seis empresas com mais de 30:000\$000 e entre essas duas com 100:000\$000, situação efetivada graças à evolução e consolidação deste ramo em Ribeirão Preto as quais proporcionaram a instalação dos três maiores jornais e de duas gráficas médias e estas canalizaram para si essa constante e crescente demanda por seus produtos.

O valor de capital médio por operário foi de 5:282\$112 e a média relativamente baixa de 8,82 operários perante o alto capital médio acima descrito ocorreu por estar boa parte do capital dessas firmas do setor gráfico imobilizado em pesadas e caras máquinas tipográficas às quais condicionavam boa parte desse montante.

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 62.

Tabela 62- Carroças e Acessórios de 1911 a 1930

Empresa	Produto/Atividade	Duração	Endereco	Nacionalidade	Operários	Capital
Alberto Jerbe	Carroça	1916	Saldanha M.31	—	—	—
Antônio Tripper	Carroça	1916	Saldanha M.91	—	—	—
Dante Bergo	Carroça	1919	Paraíba	Italiano	—	—
Emilio Favero	Carroça	1913 a 1930	Pará,9	Italiano	3	30:000\$000
João Temporim	Selaria e Arreio	1918	Saldanha M.,55	—	—	—
Joaq.Centelefre	Carroça	1913 a 1916	Saldanha M.202	Italiano	—	—
Paulista	Selaria e Arreio	1911 a 1930 ³⁸	Duque Caxias, 36	Italiano	4	4:984\$000
Roque Tambellini	Carroça	1916	Av. Saldanha ,35	—	—	—
Samuel Martinelli	Carroça	1909 a 1919	Saldanha M.157	Italiano	—	—
Vecchi Irmãos	Carroça	1916 a 1930	Capitão Salomão	Italiano	5	10:000\$000

Fontes: Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial do Brasil para 1909(APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913(APHRP), Almanaque de Ribeirão Preto de 1916 (APHRP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918(APESP), Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919(APHRP), Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930 (APESP).

A fabricação de carroças nesse período teve evolução de seis para oito empresas (33,33%) sobre 1891 a 1910, menor do que o aumento de 500% efetivado neste sobre 1870 a 1890.

Um dos motivos foi a queda de cinco empresas fabricantes de acessórios para carroças (selaria, colchoaria e arreio) para duas. Neste sentido, de 1911 a 1930 houve um crescimento da concorrência com os veículos automotores e com o transporte ferroviário, a seguir, descritos.

Algumas empresas usaram veículos automotores utilitários, tanto por possuírem capital suficiente para aquisição de: “auto caminhão para qualquer transporte” (REVISTA da Semana, 25 nov. 1922) como por fabricarem produtos de maior valor, como os móveis da Casa Innechi, nos quais o custo do frete era amortizado com equilíbrio, e por proporcionar um diferencial de maior rapidez na entrega da mercadoria ao cliente tanto para distâncias dentro de Ribeirão Preto como para as pequenas indústrias que tinham consumidores nos municípios vizinhos.

Esses veículos eram importados e de alto preço, adquiridos em São Paulo e no comércio local, em especial, com a inauguração pela empresa de Antônio Diederichsen em “1923, ano da primeira revenda de automóveis (General Motors) de Ribeirão Preto” (SCOTT, 2004, p. 46).

A urbanização definitiva do Centro - e a transformação progressiva das suas artérias viárias em novas ruas e avenidas retificadas construídas dentro de uma lógica racional e

³⁸ Essa empresa interrompeu suas atividades de 1913 a 1917.

geométrica, algumas das quais foram demarcadas em continuidade aos antigos caminhos de terra vermelha, e totalmente fincadas pelos calcetadores (profissionais colocadores de macadames, ou paralelepípedos em vias públicas) - estava pronta para receber os carros com potência de cavalos mecânicos e com motores e inaugurar a frota automotiva ribeirão-pretana. Um desses caminhões foi usado em 1925 pela empresa de ladrilhos Spanó, conforme a foto abaixo.

Foto 13- Caminhão da Pequena Indústria de Ladrilhos Spanó

Fonte: CIONE, 1997, p. 1000.

A concorrência com os fretes ferroviários ocorreu na distribuição das pequenas indústrias aos consumidores de municípios vizinhos e de outras regiões paulistas e mineiras, pois os meios de transporte movidos por animais eram muito dispendiosos e vagarosos, conforme a interpretação dos dados e conceitos geográficos dos vários mapas pesquisados ³⁹.

Por isso, é possível supor que houvesse uma grande precariedade nos caminhos de terra para outros municípios com seus vários obstáculos naturais, tortuosos e irregulares construídos conforme o condicionamento em seus níveis geológico, hidrográfico e florestal, porque ainda não havia estradas de rodagem minimamente eficientes, com pedregulho, saibro, abaulado e aterrado.

E graças ao aumento de quatro para cinco linhas e ramais diferentes (com a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Minas para Serrana em 1928) e de seis novas estações ferroviárias: “1913 (do Alto, Silveira do Val, Joaquim Firmino e Francisco Maximiano), 1928 (Ribeirão Preto da São Paulo Minas, Usina e Evangelina Velha)” (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012, p. 70).

³⁹ A relação completa desses está no tópico *Mapas* dentro das Referências, nas páginas 163 e 164.

Por fim, o trecho a seguir sintetiza bem a presença justaposta entre meios de transporte movido por animais e automotores e mecânicos, e de acordo com Souza (2009, pp.48-49)

Menos visível para quem olha atualmente a cidade cheia de carros e de animais eventualmente soltos ou perdidos em meio ao cenário contemporâneo é a dívida que a modernização das ferramentas urbanas tem ao uso concatenado destes parceiros dos homens de imemorial data. Neste ponto destaca-se o uso de cavalos, mulas e mesmo bois, que tanto eram usados para transporte pessoal e de cargas quanto de passageiros, numa época em que pagar serviços de transporte em charretes, antes de ser visto com desabono, era ato de distinção e de reconhecimento social positivo. Foi assim que aos poucos a parceria de máquinas modernas (filhas da engenharia, da intelectualidade científica) e o uso de animais selaram-se, sem que a natureza técnica e a natureza biológica das forças motrizes, respectivamente, representassem para alguém como algo ambíguo, destoante ante a pretensão da elite local de ficar em dívida com as cidades-modelo que irradiavam o “perfil civilizacional requintado”, cujo destaque incontestante para a época era Paris. Todavia, o bufar dos animais passou algum tempo depois a ficar desarmônico ao barulho da respiração das máquinas.

A duração média das pequenas indústrias desse ramo nesse terceiro e último período foi de sete anos com quatro empresas acima de 10 e seis com menos de uma década, num total de 10 empresas. A nacionalidade de seis empresários foi encontrada⁴⁰.

A localização das empresas esteve assim distribuída nas seguintes ruas: seis no Centro (Saldanha Marinho cinco e uma na Duque de Caxias) e quatro no subúrbio (três nos Campos Elíseos – Paraíba, Avenida Saldanha Marinho e Capitão Salomão - e uma no Barracão, Pará).

**Tabela 63- Valor de Capital e Quantidade de Operários
Das Pequenas Indústrias de Carroças e Acessórios de 1929 a 1930**

Empresa	1929		1930	
	Valor Capital	Operários	Valor Capital	Operários
Paulista	4:900\$000	3	4:984\$000	4
E.Fávero	—	—	30:000\$000	3
Ir.Vecchi	—	—	10:000\$000	5
		MÉDIA	12:471\$000	3,75

Fonte: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

As médias foram as seguintes: o valor de capital de 12:471\$000, quantidade de 3,75 operários e o valor de capital por trabalhador foi de 3:325\$600. Esses montantes estiveram aquém da média geral por esse ramo ser formado por empresas de pequeno capital e número de proletários.

⁴⁰ Todos esses empresários eram italianos: Dante Bergo “Natural da Itália” (1º CARTÓRIO, 1940); Emílio Fávero “Nascido na Itália”; Giovanni (João) Vecchi “Nasceu em Ferrara, Itália, no dia 24/7/1896”; Joaquim Senteleghe “Nasceu em Treviso, Itália, em 1875”; Pedro Pizzioli, proprietário da selaria Paulista “Nasceu na Itália, dia 20/3/1882”; Samuel (Samoel) Martinelli “Nasceu na Itália” (ROSA, 2007, pp. 175, 248, 269, 402 e 441).

A seguir, a discussão dos ramos prosseguirá, conforme Tabela 62.

Tabela 64- Produtos Diversos de 1911 a 1930

Empresa	Produto	Duração	Endereco	Nacionalidade
Aug. Vasques	Cigarros	1913	Não Encontrado	Italiano
Domingos Acero	Cigarros	1913	Não Encontrado	—
Julieta P. Cunha	Cigarros	1918	Florêncio Abreu	—
Vergilio Zonzin	Cigarros	1913	Acre, 17	—
J. Panazzolo	Colchões	1918 a 1972	Pernambuco	Italiano
Portugal D. Bosc	Flores de Plástico	1916 a 1921	13 de Maio, Pça	—
Antonio Berlim	Instrum. Musicais	1913	Não Encontrado	—
Santiago E. Soares	Instrum. Musicais	1913	Não Encontrado	—
João Ragazzi	Vassouras	1918	Saldanha M, 118	—

Fontes: Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. In: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906 (APESP), Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto de 1913 (APHRP), Annuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1916 (APESP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil de 1918 (APESP), Anuário Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo do Brasil, 1921 (APESP), RIBEIRÃO PRETO: a capital da cultura de 1972.

A quantidade das classes de produtos fabricados neste período aumentou, tanto devido à continuidade, por exemplo, de três empresas fabricantes de cigarros para quatro (33%) sobre o período anterior, de 1891 a 1910, como a inauguração de quatro, caso de: colchão, flores de plástico, duas de instrumentos musicais e vassouras. A exceção foi o não levantamento de ourivesarias.

O colchão - fabricado por uma única pequena indústria- foi feito “de lã, de crina vegetal, animal e algodão” (REVISTA da Semana, 25 nov. 1922) e, também, de paina e taboa. Essa classe de produto fabricado possuía uma relação próxima com as fabricantes de camas de madeira e de ferro.

A existência de apenas uma empresa ocorreu porque a sua demanda era suprida pela produção artesanal e doméstica pelas mulheres que usavam os mesmos insumos da Panazzolo, porém esta contava com operários que dividiam e otimizavam as tarefas e partes de sua manufatura.

A fabricação por duas empresas de instrumentos musicais atendeu uma demanda de parte da crescente e cada vez mais heterogênea população de Ribeirão Preto e dos principais agentes dessas mercadorias formados pelas várias bandas e músicos individuais, amadores ou profissionais, e pelos consumidores ouvintes.

As flores de plástico produzidas por uma firma- a Portugal e Casa Dom Bosco- localizada na Praça 13 de Maio (futura Praça das Bandeiras) próximo ao novo e definitivo

prédio da Catedral serviam de decoração para casas, altares e cemitérios e eram materiais urbanos feitos de uma matéria prima artificial, importada ou quiçá obtida por indústrias químicas paulistanas e fluminenses, substituindo, em parte, as similares naturais, de origem rural, devido a sua maior durabilidade em relação a estas.

A produção especializada por uma empresa de vassouras- feitas de cabos de madeira e de fibras vegetais como a piaçava- esteve condicionada pela necessidade de manter limpo e higienizado o chão e não mais o terreiro forrado apenas de terra, mas agora com ladrilhos, cerâmicas, pedras e mármore, o qual tinha um grande inimigo: a sujeira, formada por resíduos maiores e menores, em especial, a poeira de terra com gradientes cromáticos justapostos de vermelho e marrom de Ribeirão Preto.

A duração média das firmas foi de 7,55 anos. A sua localização esteve distribuída nas seguintes ruas: três no Centro (Florêncio de Abreu, Praça 13 de Maio e Saldanha Marinho) e duas no subúrbio, uma cada no Barracão (Acre) e outra nos Campos Elíseos (Pernambuco). A nacionalidade de dois empresários foi encontrada⁴¹.

E para finalizar a análise desse período foi feito o Gráfico 3 de *Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1911 a 1930 conforme a Porcentagem dos Ramos*, em quantidade de empresas, a seguir analisado.

⁴¹ Os dois eram italianos: Augusto Vasques “nacionalidade italiana, destino: Ribeirão Preto, fazendeiro: Dr. Uchôa”.

<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=067&pagina=126&familia=16130> “ e Jerônimo Panazollo “ Nasceu na Itália” (ROSA, 2007, p. 235).

Gráfico 3- Distribuição das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1911 a 1930 conforme a Porcentagem dos Ramos

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A distribuição dos principais ramos de pequenas indústrias, nesse período, foi a seguinte: primeiro, móveis com 20,7%; segundo, alimentos com 17,7%; terceiro, roupas e calçados com 13,9%; quarto, minerais não metálicos com 10,9%. Esses quatro, de forma conjunta, somaram a considerável porcentagem de 63,2%.

Dessa forma foi possível concluir, em linhas gerais, que no período de 1911 a 1930 houve a continuidade de uma maior distribuição da presença dos ramos devida, principalmente, à consolidação de uma maior diversificação das classes de produtos fabricados.

Na página seguinte será analisado o quinto e último capítulo.

CAPÍTULO 5

PANORAMA ECONÔMICO E PRODUTIVO ESPACIAL DAS PEQUENAS INDÚSTRIAS DE RIBEIRÃO PRETO DE 1870 A 1930

Nesse capítulo será empreendido um panorama com os principais aspectos econômicos e de ocupação espacial recorrentes em boa parte das pequenas indústrias de Ribeirão Preto nos variados ramos nos três períodos (de 1870 a 1930).

A maioria das pequenas indústrias pertenceu apenas ao setor econômico secundário, mas algumas tiveram relações condicionadoras e condicionadas com outros setores produtivos municipais das atividades econômicas rurais (pecuária, agricultura e extrativismo mineral) e urbanas (comércio, prestação de serviços, mercado imobiliário e construção civil).

A relação com a agricultura esteve presente por essa ser produtora de várias culturas (café, algodão, milho e arroz) às quais foram fornecedoras de insumos e de produtos agroindustriais tanto de origem rural como na continuidade do beneficiamento destes no espaço urbano, como o açúcar refinado, por exemplo.

E de acordo com Truzzi (2007, pp. 136-137)

O primeiro tipo de atividade industrial que se impôs, decorrente da importância da economia cafeeira na região [de São Carlos, mas aplicável à Ribeirão Preto], foi a indústria de beneficiamento [...] as primeiras máquinas de benefício são estabelecidas inicialmente nas próprias fazendas [...] Aos poucos, entretanto, começam a ser instaladas máquinas de beneficiamento de café e de alguns cereais na própria cidade, e esse trabalho passa a ser encarado não apenas como mais uma fase que sucede a colheita dos grãos em uma determinada fazenda, mas como uma atividade industrial distinta dos latifúndios, especializada em tal operação, sobretudo monetarizada e capaz de gerar suas próprias receitas independentemente do latifúndio que lhe deu origem, deixando, portanto, de ser usufruto exclusivo de um só proprietário.

A relação com a cafeicultura comercial ocorreu, primeiro com as pequenas indústrias instaladas no próprio espaço produtivo da fazenda e sendo um dos elementos do complexo cafeeiro (CANO, 1977, p. 100) e depois produzindo e fornecendo algumas máquinas para a mesma; com a pecuária fornecedora de couro, mas depois tratado e processado pelo curtume em novos produtos, pelica, por exemplo. E com o extrativismo mineral das pedras polidas, quebradas e transformadas em novas mercadorias, como o macadame.

As pequenas indústrias contribuíram com suas centenas de mercadorias fabricadas (charuto, revista, livro, praliné e chocolate, por exemplo) para a evolução de uma parte do comércio local.

Além dessa situação, a relação com o comércio efetivou-se com a percepção do comerciante de que - dentre as várias mercadorias vendidas - algumas que devido ao peso, caso dos móveis grandes e pesados de madeira maciça, o valor baixo, peneira de arame, por exemplo, que tornava o frete alto por circular desde outros municípios, como São Paulo- sua confecção era vantajosa pelos custos comparativamente menores em relação aos seus concorrentes paulistas.

Esse fenômeno foi empreendido pelas empresas comerciais fabricantes de produtos. Por exemplo, a Casa Beschizza, criada em 1888 o comércio e só depois os ramos de pequenas indústrias. Em 1904 de peneiras de arame, quadros e espelhos; em 1906 gráfica e tipografia.

A crescente e diversificada fabricação de uma gama variada de produtos, em especial, concretizada em seu conserto e manutenção futuros contribuíram com o setor econômico de prestação de serviços, e “[...] passaram a atender também às necessidades das empresas agrícolas, com reparos e fabricação de peças para máquinas e meios de transportes, tais como carroças [...]” (LANZA; LAMOUNIER, 2015, p. 599). Assim como aos consumidores finais - caso das alfaiatarias - que tanto fabricavam novas roupas como remendavam outras já prontas.

Em um contexto de frequente evolução demográfica, efetivou-se a relação com o setor da construção civil e do mercado imobiliário. Situação empreendida graças à produção de partes dos imóveis, tanto bens de consumo (ladrilho, mármore, madeira, tijolo, portas de ferro, por exemplo), nas casas; como bens de capital transformados assim através das empresas que imobilizaram parte do seu patrimônio financeiro em edificações e prédios mercantis e, de acordo com Souza (2009, pp. 53-54)

A demanda de mão de obra e de materiais criada pela construção civil foi suprida, acreditamos, pelas olarias locais que já estavam em funcionamento durante este processo de transformação espacial do território. Utilizando o “solo barreiro”, os donos das olarias beneficiavam-se do fato de estarem numa região carente destes materiais, especialmente de tijolos e de telhas, já que esta demanda era fruto simultâneo do aumento populacional e da entrada de capitais, ambas relacionadas diretamente à economia cafeeira.

Um montante de 537 pequenas indústrias se dedicou apenas a uma função produtiva. No entanto, 15 empresas (2,72%) estiveram presentes em dois ou mais ramos - instaladas em diferentes ou semelhantes prédios produtivos- concomitante temporalmente ou não⁴².

⁴² Caso das seguintes empresas: Bernardo Alves Pereira (boticário e aguardente); Casa Beschizza (gráfica, peneira de arame, quadro e espelho); Manufatura Ragazzi (chapéu de sol, calçados, chapéu e vassoura); Innechi (pastifício, massas, móveis, colchões e cama de ferro); Irmãos Vecchi (sabão, sabonete, frigorífico, charque, cerâmica e carroças); José Ignacchiti (aguardente e massas); Luigi Zaccaro (olaria, serraria e alfaiataria); Luiz Gallo (carroça, ferraria e macarrão); Ramiro Pimentel (olaria e gráfica); Banco ABC Construtor e Antônio Diederichsen (fundição, máquinas agrícolas e serraria); Virgílio Pitol e Irmão (sabão e cerveja); Fazenda Boa Vista (móveis e fubá); Jeronymo

Com efeito, nestes casos o procedimento adotado foi o de contabilizar as empresas separadas em cada um dos dois ou mais ramos industriais nos quais elas faziam parte, pois: “Quando as explorações industriais reuniam, no mesmo local, unidades destinadas à fabricação de produtos de natureza diferente, sujeitos, por isso, a mais de uma classificação, foram desdobradas em tantos estabelecimentos quantos os produtos de natureza diversa” (IBGE. Recenseamento Geral do Brasil de 1950, p. 6).

Os bens de consumo não duráveis foram predominantes e consumidos por pessoas físicas. Os mesmos voltados para variadas funções corporais e fisiológicas, tais como: comer, beber, vestir, morar, limpar-se, lazer, fruição, diversão, educacional e cultural (charutos e revistas, por exemplo), de “bens de consumo para assalariados” (MELLO, 1982, p. 89).

Por outro lado, por uma minoria de “indústrias leves de bens de produção” (Ibidem, p. 109), caso de: serraria, curtume, tinta tipográfica, isolante, verniz para móveis e marcenarias, algodoeira, carroça, fundição, parafuso, prego, rastelo, faca usada em açougues, peneira de arame para separar café, esta parte do “complexo cafeeiro” (CANO, 1983, p. 100), entre outros, pois: “[...] passaram a atender também às necessidades das empresas agrícolas, com [...] fabricação de peças para máquinas e meios de transportes, tais como carroças [...]” (LANZA; LAMOUNIER, 2015, p. 599).

A ampla maioria de 503 pequenas indústrias (91,28%) possuía como razão social o nome completo do seu empresário proprietário ou partes- em especial, seu sobrenome- com a ocorrência de apenas 48 empresas (8,72%) nomeadas com uma marca comercial, e no uso de algum nome de fantasia. Por exemplo, fábrica de fogos Cruzeiro do Sul de propriedade de José Gomes do Amorim.

A instalação da maioria das firmas ocorreu em locais não separados - mas anexos às casas dos empresários- tanto na sua frente como nos fundos, exemplificados nas pequenas indústrias de “fundo de quintal” e em uma maioria de imóveis alugados.

A grande presença de elementos parentais e familiares - tanto nas funções de operários como de sócios e empresários- com a presença em parte da nomeação da razão social das empresas de, por exemplo: mãe, pai e filhos (funilaria Viúva Barbosa e Filhos) e irmãos (serralheria Antônio Pasqualin e Irmãos), por exemplo.

Os empresários masculinos foram predominantes, no entanto foram encontradas essas cinco mulheres empreendedoras (0,90%): a modista Erminda Portelli, Fiorina Raile fabricante

Ipolito (massas e olaria); Verissimo dos Santos (beneficiamento de arroz e gráfica); Francisco Cristofani (serraria e bebidas Trento e Trieste).

de coletes, viúvas Barbosa (sócia de uma funilaria) e Morandini (destiladora de aguardente) e Iria Alves Ferreira proprietária de um laticínio.

Tabela 65- Pequenas Indústrias Fundadas Antes de 1930 Com Duração Superior A 20 Anos

Número	Nome Empresa	Ramo Industrial	Duração	Qtde (Anos)
1	Antônio Pasqualim	Serralheria	1919 a 1972	54
2	Antônio Spanó Fi	Ladrilhos	1917 a 1965	49
3	Antônio Viesti	Calçados	1930 a 1957	28
4	Barilari	Gráfica	1921 a 1972	51
5	Biagini,	Moagem Café	1902 a 1960	59
6	Bianchi	Metalúrgica	1900 a 1948	49
7	Bimbo	Sorvetes	1893 a 1972	80
8	Casa Beschizza	Gráfica	1906 a 1972	67
9	Cristofani	Serraria	1925 a 2017	93
10	Delloiagono	Móveis	1901 a 1993	93
11	Diário da Manhã	Gráfica	1898 a 1971	74
12	Diário de Notícias	Gráfica	1928 a 1971	44
13	Diederichsen	Fundição/ Máquina	1903 a 1953	51
14	Eugênio Barichelo	Sabão	1910 a 1939	30
15	Heitor Rigon	Móveis	1928 a 1960	33
16	Italiana	Marmoraria	1914 a 1944	31
17	Ítalo-Brasileira	Marmoraria	1892 a 1940	49
18	João Bim	Aguardente	1908 a 1953	46
19	Jornal A Cidade	Gráfica	1905 a 2017	113
20	José Saiani	Calçados	1928 a 1966	39
21	Livi e Bertoldi	Bebidas	1892 a 1930	39
22	Miguel Torres	Funilaria	1887 a 1921	35
23	Pastore	Tinturaria	1918 a 2017	100
24	Paulista	Marmoraria	1926 a 2017	92
25	Pisani	Sorvetes	1921 a 2017	97
26	Progresso	Marmoraria	1918 a 1978	61
27	Robusti	Móveis	1928 a 1995	68
28	Serra, Mira. Veiga	Serraria	1913 a 1972	60
29	Silvano Malerba	Bebidas	1913 a 1937	25
30	Torquato Rizzi	Massas	1929 a 1954	26
31	Vecchi	Sabão	1916 a 1939	24
32	Vicente Barilari	Móveis	1900 a 1929	30
33	Vicente Golfeto	Olaria	1900 a 1930	31
34	Ypiranga	Frigorífico	1921 a 1950	30
35	Zeferino Ferrei Silva	Ferraria	1873 a 1896	24

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

Das 551 pequenas indústrias, uma maioria de 523 (94,92%) teve duração curta (de até 20 anos). Por outro lado, uma minoria de 35 empresas (6,35%), presentes na tabela anterior, tiveram duração, pelo menos, mediana- acima de 20 anos de duração. Esse número está em conformidade com a noção temporal de pelo menos uma geração, e, em especial, a passagem da propriedade de um ascendente para um descendente- por exemplo, de pai para filho. Tal

situação foi recorrente em boa parte das pequenas indústrias ribeirão-pretanas- perfazendo uma média de funcionamento geral de 7,35 anos.

A duração média geral de 7,35 anos possibilitou um fenômeno: a falência com certa rapidez e frequência de boa parte das pequenas indústrias de Ribeirão Preto. Esse fenômeno deixava constantes vazios na esfera da produção e, com efeito, possibilitava uma reiterada sobrevida às novas empresas. No entanto, por menos de uma década de existência, pois essas segundas também durariam pouco e seriam substituídas por terceiras e sucessivas firmas.

Assim, ocorreu o desenvolvimento de um ambiente mercantil estimulante tanto a certos tipos de antigas mercadorias como em uma parte deste à constante produção de novos e diversificados bens. Fato propício em um contexto de grande crescimento econômico e demográfico do município o qual contava com muitos produtores e consumidores de variadas origens, práticas produtivas e consumistas; nativos, imigrantes e migrantes. Em especial de 68 classes fabricantes de 114 produtos diferentes (mostrados na tabela a seguir).

Tabela 66- Classes de Produtos Fabricados Por Período Específico de 1870 a 1930

Quantidade de Empresas					Quantidade de Empresas				
Classe Produto	1870 a 1890	1891 a 1910	1911 a 1930	Período Total	Classe Produto	1870 a 1890	1891 a 1910	1911 a 1930	Período Total
Açúcar Refi.	0	2	1	3	L.Musicais	0	0	2	2
Aguardente	8	14	7	29	Ladrilho	0	0	7	7
Alfaiataria	4	11	15	30	Laticínio	0	0	2	2
Algodoeira	0	0	1	1	Latoaria	0	0	1	1
Alimentos ⁴³	2	5	3	10	Licor	0	1	0	1
Arroz Benef.	0	0	8	8	Lavatório	0	0	1	1
Baú	0	0	1	1	Mala e Cinto	0	1	3	4
Berço e Cabide	0	0	1	1	Máq.Agrícolas	0	2	0	2
Doces ⁴⁴	0	3	6	9	Marmoraria	0	1	6	7
Cadeira	0	1	11	12	Massas	0	9	12	21
Cadeira Palha	0	2	0	2	Metalúrgica	0	1	0	1
Café Moído	0	1	8	9	Móveis ⁴⁵	21	13	25	59
Calçados	8	12	15	35	Móv.Vime	0	0	3	3
Cama de Ferro	0	2	4	6	Olaria	6	14	14	34
Carroça	1	6	8	15	Óleo	0	1	0	1
Cerveja	5	15	4	24	Ourivesaria	1	4	0	5
Bebidas ⁴⁶	0	10	7	17	Parafuso	0	0	1	1
Chapéus	0	2	0	2	Pedreira	0	0	2	2
Cigarro/Charuto	0	3	4	7	Peneira	0	2	1	3
Colchão	0	0	1	1	Porta Janela	0	1	2	3
Colete	0	0	1	1	Prego	0	0	1	1
Curtume	0	1	2	3	Químico/Farma	1	1	2	4
Espelho/Quadro	0	1	0	1	Rapadura	2	0	0	2
Esquadria Mad	0	0	4	4	Rastelo	0	0	1	1
Faca	0	0	1	1	Sabão	0	17	11	28
Ferraria	6	8	3	17	Selaria	5	5	2	12
Flor Plástico	0	0	1	1	Serralheria	0	1	4	5
Fogos	1	2	4	7	Serraria	1	8	7	16
Frigorífico	0	0	1	1	Sorvete	0	1	2	3
Fubá	1	1	4	6	Tanoaria	0	0	1	1
Fund/Ferram	1	2	0	3	Tinta Tipog	0	0	1	1
Funilaria	3	5	6	14	Tinturaria	0	0	1	1
Gelo	0	1	0	1	Vassoura	0	0	1	1
Gráfica	2	13	17	32	Verniz Isolante	0	0	1	1
Subtotal	42	122	148	314	Subtotal	37	83	117	237
Produtos ⁴⁷	114		Classes	68	TOTAL	79	206	266	551

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

O aumento entre 1891 a 1910 sobre 1870 a 1890 - tanto na quantidade total de 79 para 206 empresas (de 160,75%)- como de 20 para 41 classes de produtos fabricados pelas pequenas indústrias (de 105%). E de 1911 a 1930 sobre o segundo, respectivamente de 206

⁴³ O beneficiamento de dois ou mais tipos desses alimentos: açúcar, arroz, café e fubá.

⁴⁴ Bala, bombom, caramelo, confeito, doces em conserva, geleia, praliné e torrão (ou torrone).

⁴⁵ Inclui marcenaria e carpintaria.

⁴⁶ A produção de dois ou mais desses tipos de bebidas: cerveja, gasosa, licor, vinagre e vinho.

⁴⁷ Caso de: almanaque, amargo estomacal, arreio, botina, bucha para carro, carimbo de borracha, carteira, chinelo, colchoaria, correia, fogão, grade, jornal, livro, manteiga, moenda, mosaico, pasta, perfume, polaina, portão, revista, sabonete, sandália, trole, turbina, vácuo, valise, vaso sanitário e xarope.

para 266 firmas (de 29,12%) e de 41 para 62 (de 51,21%), conforme a tabela, desvela a efetivação de uma constante evolução média (exceto algumas classes em certos períodos).

Por isso, a algumas classes de produtos com maior quantidade de pequenas indústrias foi possível a criação de nichos, em especial, de uma produção especializada de um ou poucos produtos, por exemplo, dentro do ramo de móveis e madeiras, a fabricação específica de apenas berços e cabides por uma empresa.

No entanto, apesar da fabricação de novos produtos contarem em seu início com a possibilidade de consumo certa - com concorrência interna quase nula e menores possibilidades de riscos e apropriadas a capitalistas conservadores- e se beneficiariam. No entanto, por pouco tempo, da rapidez com que efetivaram seu novo negócio, em alguns anos seriam empresas antigas e falidas por serem esquecidas pelos consumidores pouco fidelizados.

A oferta de produtos funcionava com dois elementos: primeiro, através do atendimento a uma demanda pré-existente de consumo. Dentro do fenômeno de substituição de uma nova pequena indústria sobre outra falida que teve, em média, uma curta duração. Aqui a iniciativa partia do cliente - após a sua encomenda prévia para futura fabricação em uma pequena e individualizada escala de produção.

Por exemplo, a pequena indústria de Paulo Casanova que contava com uma limitada quantidade de quatro operários, provavelmente com a participação do seu proprietário na produção, e um capital pequeno de cinco mil réis (5:000\$000). Com efeito, dentro desse montante não era possível que houvesse um estoque de matéria prima suficiente para a fabricação de móveis. Por isso, era provável que a quitação de seu fornecedor só fosse efetivada após a encomenda prévia de um cliente quiçá apenas mediante uma entrada a qual ele conseguisse comprar parte dos insumos necessários.

O segundo aconteceu no âmbito de estímulo à novidade e a criação de novas ofertas de produtos. Aqui a iniciativa partia do produtor tanto com uma demanda já existente- por exemplo, em outros locais previamente a Ribeirão Preto- como a produção e consumo italianos de massas e cervejas, desconhecidos dos ribeirão-pretanos e a partir da sua sistemática emigração foram reproduzidos localmente.

Por outro lado, ocorreu a criação de uma demanda original prevendo um potencial consumo posterior. Tal situação aconteceu em uma minoria de firmas, tanto cumprindo posteriormente esse objetivo inicial assim como de sua futura e constante expansão. Essa estratégia - recorrente na média e grande indústria- esteve presente, por exemplo, com a concepção de um novo produto, a produção de fogões por Antônio Diederichsen, que poderia

facilitar certo serviço, como o cozimento dos alimentos mais rápido do que o fogão de lenha e causando menores resíduos e sujeiras.

Em alguns ramos com uma razoável quantidade de empresas, caso dos calçados, o mesmo esteve subdividido em vários e especializados tipos de produtos fabricados (bota, botina, calçado, sapato, chinelo e sandália), pois, de acordo com Cano (1977, p. 211)

[...] mesmo no caso em que convivem, num mesmo mercado, várias empresas de uma mesma classe de produtos, torna-se necessário examinar mais cuidadosamente o tipo de produto, que, embora pertencentes a uma só classe, podem ser de gênero distinto. Tome-se por exemplo a fabricação de calçados ou de chapéus: desde cedo, muitas fábricas se especializam na produção de calçados (ou chapéus) para homens, outras, para mulheres ficando agora mais claro que a existência de um número “x” de fábricas de calçados (ou de chapéus) num mesmo mercado pode dar uma falsa ideia de possível grau de concorrência existente.

A produção possuiu vários elementos limitadores à sua maior progressão: a concorrência externa foi pequena graças a grande limitação desse mercado, ocorrendo uma reserva deste em vários setores com produtos de preços baixos, de grande volume e com alto custo de transporte que pouco interessava às indústrias paulistas, fluminenses, estadunidenses e europeias.

Por outro lado, foi grande a concorrência interna com a produção doméstica para o próprio consumo do produtor e de sua família, caso das massas e do macarrão feitos em casa. Em uma minoria de algumas classes de produtos fabricados havia maior quantidade de empresas e de concorrência (com outras firmas do município) caso de móveis, por exemplo, por se tratarem de produtos largamente consumidos e a produção local conseguia atender uma interessante parte do mercado, no qual o aumento no número de pequenas indústrias instaladas, apesar de menor, conseguia, de certo modo, acompanhar o aumento da demanda.

Uma das estratégias empregadas foi o uso de anúncios de propaganda, em 1916, por exemplo, por duas empresas do mesmo ramo e classe, no caso carpintarias, Francisco Ploteze e Ignacio Trentini, ambas instaladas próximas umas às outras, nas ruas Visconde do Rio Branco e Florêncio de Abreu no Centro (ALMANAQUE de Ribeirão Preto, 1916).

As fontes de energia usadas foram variadas, caso da hidráulica, aproveitada em alguns curtumes; a vapor a qual era obtida através da queima de lenha para fazer carvão, e era usada para abastecer os fornos de cerâmicas e olarias, em máquinas a vapor de beneficiar arroz, café e outros vegetais e nas serrarias de Antonio de Salles Barretto e de Antônio Diederichsen.

A instalação da rede de eletricidade em 1899 permitiu o uso de máquinas elétricas, ambas usadas ainda em menor quantidade, porque eram caras e importadas e eram compradas

na capital de São Paulo (com altos valores de fretes e transportes) e, em alguns casos, no comércio de Ribeirão Preto.

A força muscular dos profissionais das pequenas indústrias (tanto operários como empresários) foi muito importante, pois “[...] proprietários de oficinas [...] iniciaram seus negócios tendo sua própria força de trabalho como elemento fundamental do empreendimento” (BARBOSA, 2006, p. 55); assim como as habilidades manuais e técnicas para a fabricação específica de certos produtos manipulados a partir de algumas matérias primas: ferro, por exemplo.

Essas competências eram aprendidas através da audição e observação desse modo de fazer técnico durante a própria jornada de trabalho, através do ensino de um ofício por um mestre a um aprendiz.

Com efeito, devido ao aumento da diversificação econômica foi necessária a formação de novos e variados contingentes de mão de obra. A efetivação ocorreu através da criação de duas instituições de ensino técnico-mecânico em Ribeirão Preto que ofereciam cursos mediante matrícula: o Liceu de Artes e Ofícios dentro da Igreja São Benedito e a Escola Profissional Secundária Mista de Artes e Ofícios em prédio próprio na Rua Tamandaré (nomeada futuramente de Colégio Industrial e ETEC José Martimiano da Silva).

Tabela 67- Pequenas Indústrias Conforme a Quantidade de Operários

No	Sequência de Numeração	Quantidade
1	1 a 9 operários	47
2	10 a 19 operários	16
3	Acima de 20 Operários	11
	TOTAL	74

Fontes: Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo de 1928 a 1930.

Os dados da tabela acima, referentes a mão de obra em 74 pequenas indústrias de 1928 a 1930, permitiram inferir que as mesmas contavam com uma quantidade média de 8,74 operários por empresa.

Os operários, em uma boa parte, deveriam receber baixos salários provocados pelos seguintes fatores: primeiro avalizados pelos governos da República Velha no tocante à ausência de legislação trabalhista, aqui em especial, de índices mínimos de salários.

Em segundo lugar devido à imigração (com mais trabalhadores do que postos de trabalho), o êxodo rural de trabalhadores em momentos de crise e queda na produção do café e por vontades e aptidões em ofícios urbanos por certos grupos populacionais contribuindo

para uma oferta maior de mão de obra a qual contribuía para a queda no valor dos proventos médios.

E por último, graças aos valores baixos de capital das pequenas indústrias; ambos determinavam soldos insatisfatórios e um baixo poder aquisitivo desse operariado inclusive para o consumo de produtos fabricados pelas firmas nas quais trabalhavam.

A prática da poupança, pois parte dos colonos europeus que se instalavam nas fazendas de café tinham objetivos de juntar uma quantidade de pecúlio para depois retornar com capitais a Europa, isso foi pouco concretizado visto que a maioria deles, em especial, de seus descendentes tornava-se brasileiros.

E, nesse caso, o montante era investido em bens duráveis e de valores mais elevados, caso de imóveis, impedindo, com isso, a circulação de uma parte do dinheiro local, em especial de sua canalização para o consumo das mercadorias fabricadas pelas pequenas indústrias.

O consumo dos produtos fabricados pelas pequenas indústrias locais foi preterido por parte das classes econômicas média e alta ribeirão-pretanas formadas por comerciantes, prestadores de serviços, profissionais liberais, técnicos de empresas privadas, funcionários públicos graduados e mesmo alguns proprietários de indústrias médias e os poucos industriais do município, pois, de acordo com Dean: “[...] A falta de aceitação e de consumo pelo produto manufaturado nacional, geralmente simples e de qualidade inferior ao importado e, isso, como um fator para a limitação e crescimento da produção.” (DEAN, 1971, p. 17).

Esses produtos, em sua maioria, simples e baratos, eram preteridos pelos similares importados de qualidade e preço melhores, e em menor grau paulistanos e cariocas, e vendidos a uma parte da maioria da pobre população ribeirão-pretana formada por colonos, lavradores, operários das pequenas e grandes indústrias, comerciários e prestadores de serviço e de suas famílias, devido ao grande desenvolvimento da oferta de diversas mercadorias do comércio varejista em Ribeirão Preto.

Os três elementos descritos acima- salários baixos dos operários, poupança e alheamento e recusa das classes econômicas média e alta ribeirão-pretanas - limitaram o tamanho e o crescimento desse potencial mercado consumidor local dos produtos fabricados pelas pequenas indústrias de Ribeirão Preto.

Os valores de capital foram, em média, de quarenta e um mil réis (41:032\$477) com uma quantidade média de 8,74 operários por empresa resultando em um valor de capital médio por operário de 4:694\$791 o qual mostrou um grande uso de capital por trabalhador e

dependência destes, visto que o uso de máquinas era limitado a certas funções e na maioria das pequenas indústrias prevaleciam a habilidade, técnica e força dos proletários.

Tabela 68- Quantidade de Empresários Segundo Seus Locais de Nascimento

Ordem	Estrangeiros	Quantidade	Ordem	Brasileiros	Quantidade
1º	Italianos	89	1º	Paulistas	29
2º	Portugueses	12	2º	Fluminenses	5
3º	Gregos	2	3º	Mineiros	4
4º	Alemães	2	4º	Baiano	1
5º	Espanhol	1	5º	Est. N/E ⁴⁸	1
6º	Francês	1			
	Subtotal	107		Subtotal	40
				TOTAL	147

Fonte: PISANI, 1937; ROSA, 2007; BEMPORAD & Figlio, 1906; Guias dos Cartórios de Registro Civil Para o Cemitério; Livros de Registros de Entradas da Hospedaria de Imigrantes.

Em um universo total de 513 nomes de empresários e sócios levantados, a maioria, 365, não tiveram seus locais de nascimentos confirmados. Dentro dos 147 confirmados, a maioria era formada por 107 estrangeiros, e entre estes as comunidades mais importantes foram as dos 89 italianos, seguida por 12 portugueses, dois alemães e gregos e por um francês e espanhol cada.

O grande predomínio dos peninsulares, inclusive sobre os 40 brasileiros, em boa parte das pequenas indústrias locais, foi devido ao fato de serem possuidores de habilidades prévias necessárias a um labor específico, por exemplo, artesãos marceneiros, e por terem noções elementares de manuseio de outros instrumentos e ferramentas, inclusive agrários, que, mesmo se tivessem ofício diferente na Europa, os habilitavam de certo modo às novas atividades laborais, pois: “[...] muitos imigrantes vinham de seus países com conhecimentos técnicos, isso lhes permitia aventurarem-se no meio urbano-industrial, fabricando e atendendo às demandas de seus compatriotas” (LANZA; LAMOUNIER, 2015, p. 568).

Os 29 empresários paulistas foram a maioria, entre os brasileiros, seguido por cinco fluminenses, quatro mineiros, um baiano e um empresário com seu estado e província de origem não encontrado. A quantidade maior de fluminenses sobre os mineiros, apesar de esta comunidade migrante ser muito maior em Ribeirão Preto, ocorreu pela migração substancial de capitalistas do estado do Rio de Janeiro para a região e para este município, com objetivos iniciais ligados à cafeicultura comercial, mas, de certo modo, reverberados nas pequenas indústrias.

⁴⁸ Essa sigla (Est. N/E) significa: Estado Não Encontrado, ou melhor, de nascimento do empresário.

Entre os 29 empresários paulistas 12 eram nativos ribeirão-pretanos, 10 nascidos em municípios da região e próximos (três em São Simão, dois em Cravinhos; e um cada em Descalvado, Pirassununga, Dumont, Brodowsky e Sertãozinho). E os demais em sete localidades mais afastadas, sendo dois em Campinas e na capital e Guaratinguetá, Jundiaí e Areias com apenas um. Esses dados mostram como Ribeirão Preto até 1930 atraiu empresários de várias partes do estado de São Paulo e do Brasil.

Esses migrantes e imigrantes, seus gostos e hábitos de consumo, influenciaram a produção de bens, muitos deles fabricantes locais de mercadorias de origem europeia, e de acordo com Dean (1971, p. 60)

[com o] [...] mercado que as massas rurais e urbanas nascidas na Europa proporcionaram aos que estavam familiarizados com seus gostos e hábitos. Nem a elite rural nem o grupo de negociantes nascidos no país conheciam muita coisa das preferências dietéticas, indumentárias ou arquitetônicas dos europeus. [...] Comerciantes italianos, portugueses e sírios importavam [...] a *pasta* [...] a cerveja [...] e o vinho de que os europeus gostavam, e logo principiaram a manufaturá-los, ao lado de outros produtos, cuja importação da Europa teria sido excessivamente dispendiosa, como trabalhos ornamentais de mármore e móveis de madeira.

Com o crescimento e diversificação dos grupos sociais em Ribeirão Preto ocorreu uma influência recíproca e a assimilação de novos hábitos de consumo entre vários grupos étnicos e sociais, e de acordo com Dean (1971, p. 60)

Conquanto os imigrantes, à proporção que passava o tempo, aceitaram até certo ponto os padrões brasileiros de consumo como o uso [...] dos chapéus de palha, a gradativa assimilação dos padrões europeus pela população nascida no país parece ter sido muito mais difundida e contrabalançou qualquer perda de mercado.

Os altos custos do transporte de mercadorias com valores baixos e pesos e volumes altos foram um dos fatores para a criação e manutenção de muitas pequenas indústrias em vários municípios paulistas (entre eles Ribeirão Preto), pois, de acordo com Cano (1977, pp. 198- 199)

Situação um tanto distinta ocorreria em relação aos núcleos mais interiorizados: as dificuldades ou grandes distâncias para o acesso no sentido litoral-interior criavam barreiras naturais adicionais que reforçavam a proteção (por custos diferenciais de transporte) às atividades industriais aí localizadas, abrigando-as, tanto da competição com os produtos importados – em menor medida, é claro – quanto da concorrência com produtos nacionais de outras regiões ou mesmo de outros locais da mesma região, porém relativamente mais distanciados. [...] beneficiavam-se assim, de uma dupla proteção [...] quanto mais interiorizadas fossem essas cidades, maiores condições surgiriam para que o implante industrial se desse de forma nitidamente espalhado, permitindo que se produzisse “localmente” uma ampla variedade de bens [...] se bem que os altos custos de transporte no sentido litoral-interior criassem aquela margem extra de proteção, esses mesmos custos, no sentido interior/litoral, impediam a conquista de

mercados exteriores àquelas localidades, restringindo assim a possível ampliação de tais indústrias.

As barreiras naturais citadas por Cano inviabilizaram o consumo das mercadorias feitas pelas pequenas indústrias em Ribeirão Preto em outros municípios de regiões próximas do nordeste, norte e centro paulista, caso de Araraquara, São Carlos, Franca e Jaboticabal, e mesmo municípios vizinhos, Brodowsky, Jardinópolis, Sertãozinho e Cravinhos, pois para a maioria dos produtos fabricados com baixos preços os custos de transporte até essas municipalidades eram onerosos e inviabilizavam financeiramente sua circulação.

A despeito de- na logística da produção cafeeira, Ribeirão Preto e região estarem relativamente próximos e integrados ao circuito paulistano e santista do ensacamento, comercialização e exportação do café, através do uso da ferrovia Mogiana - por outro lado, no setor industrial especificamente, a despeito de a mesma via férrea estar disponível, seja para compra de insumos oriundos de outras regiões, municípios capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, estados e países (por exemplo, a cevada para produzir cerveja) como para receber os imigrantes, parte dos futuros empresários e operários, estava localizada pela estrada de terra criada em 1922 a uma grande distância de 356 quilômetros (CIONE, 1997, p. 862) e duração da viagem acima de 10 horas de São Paulo capital e acima de 400 do litoral e do porto de Santos.

A logística do setor industrial de Ribeirão Preto a aproximava mais de municípios paulistas mais interiorizados, como Bauru no centro-oeste bandeirante e Franca no extremo nordeste próximo à divisa com municípios de Minas Gerais, Passos do sul e Sacramento do Triângulo, do que de municipalidades sedes de regiões do estado de São Paulo mais próximas da capital, tais como: Araraquara, São Carlos, Piracicaba e Campinas.

A ocupação e a produção espaciais das pequenas indústrias de Ribeirão Preto no contexto geral de 1870 a 1930 tiveram uma relação fluida presente - tanto de forma estática na divisão territorial tripartite nas três regiões do Centro, subúrbio e periferia - como dinâmica na presença do espaço produtivo rural e urbano, em cada uma das três acima as quais poderiam ser explicadas pelo trecho abaixo e de acordo com Souza (2009, p. 107)

A construção de ruas com fachadas de lojas e casas residenciais em conformidade com as modas arquitetônicas estrangeiras são insuficientes na sustentação da morte do modo de viver caipira com sucessivo advento de uma cultura moderna. Em Ribeirão Preto, a mobilidade dos limites urbanos e rurais gerou a criação de uma expressiva área suburbana, [...] onde antes se localizava o “Núcleo Colonial Antonio Prado”. Neste [...] eram praticadas ações que se destinavam tanto ao público urbano quanto ao rural. [...] aos valores da “cidade” [...] e aos do campo. Acreditamos que esta posição intermediária geográfica e cultural, que rapidamente passou para a área urbana com a incrementação de melhorias arquitetônicas e de ferramentas

públicas foi de fundamental importância para a rápida assimilação de valores modernos, que justamente pela velocidade ocasionou uma sociabilidade híbrida, de forte aparência moderna e tênue essência rural, [...] não houve historicamente uma nítida contradição entre [...] urbano e rural, caipira e moderno, mas um embricamento, uma interpenetração e influências recíprocas, na qual pesava mais o elemento do binômio que aqui equivalia a um maior status social, ou seja, [...] residir na área urbana ou mais próxima desta [...].

Por isso, dentro do aspecto dinâmico, foi feita uma divisão em duas categorias conforme a origem e localização dos gêneros industriais: a) urbanos; b) rurais, mas com adaptações para sua posterior produção urbana.

Os gêneros originalmente urbanos foram esses: produtos de pastifício (massas e macarrão), feitos a partir da matéria-prima trigo; bebidas (vinhos de uva e de outras frutas, vinagre, cervejas, licores e gasosas), introduzidos e consumidos por imigrantes europeus urbanos.

E produtos de gráficas e tipografias, tais como: jornais, revistas, livros e impressos, para atender às demandas da cultura escrita urbana, estrita à minoria dos alfabetizados e à cultura oficial e governamental, adepta do suporte papel e da escrita. E produtos para atender as gráficas: verniz, isolante e tinta tipográfica.

A produção de calçados e de tintas para sapateiro; arroz beneficiado com o uso de máquinas brunidoras e descascadoras; doces de origem europeia: bala, bombom, chocolate, caramelo, praliné, confeito e torrão; sorvete; frigorífico e gelo (estes só puderam ser produzidos a partir da introdução de técnicas mecânicas e elétricas de refrigeração e de conservação de produtos *in natura* e congelados).

O açúcar refinado branco, obtido através de processo químico (no meio rural era consumido mascavo com sua cor natural amarelada) e charutos (de influência europeia); pasta (objeto usado geralmente para transporte de papéis) e produtos de vestuário de demanda urbana (carteira, polaina, colete e valise).

A confecção de sola, vaqueta e pelica separadamente ocorreu graças à especialização econômica causada pela urbanização de Ribeirão Preto, pois antes, nas poucas vezes em que se fazia calçado na roça, se fazia todo o produto, inclusive a sola.

Móveis e cama de ferro (pois no meio rural eram feitos de madeira), lavatório de ferro e sanitário de cerâmica (antes o banho era feito nos rios e córregos e as necessidades eram feitas em buracos feitos na terra em locais, abertos ou cobertos, afastados da casa).

Mercadorias de ferro para entrada e saída das casas (grades, portas onduladas, portas e portões), pois no meio rural eram feitas de madeira. E produtos desse metal feitos a partir do

crescimento populacional e da demanda por novos produtos (fundição, metalúrgica, ferraria, serralheria, ferramentas, parafuso e bucha para carro).

Produtos farmacêuticos, pois antes se curavam certas doenças à base de ervas naturais, como o xarope, produtos químicos diversificados (tinta tipográfica, verniz e isolante) em relação ao anterior predomínio do uso do sabão em pedra; produtos de higiene, entre eles o perfume e o sabonete este com aromas como separação em relação ao último mais bruto e com cheiro de banha, antes usado também para todas as atividades de limpeza.

O macadame ou paralelepípedo, apesar de ser uma pedra, que estava disponível na natureza, o seu pequeno polimento só começou a ser realizado no meio urbano, em especial para o asfaltamento, primeiro das ruas do Centro de Ribeirão Preto.

Os ladrilhos e mosaicos feitos com material de cerâmica obtido através da queima e transformação do barro os quais foram usados como pisos de casas e empresas e para as calçadas da cidade; as marmorarias que transformavam a pedra bruta mármore em materiais com novos usos, todos eles urbanos: parte de moradia (soleira, piso e pia) e para lápides e túmulos para o Cemitério da Saudade.

Os gêneros industriais de uso originalmente rurais, mas com adaptações urbanas foram esses: ferramentas como a peneira de arame para separar e descartar os frutos do café impróprios para consumo; máquinas agrícolas (engenho de cana e roda d'água); sabão (já fabricado no meio rural através de sebo de boi).

Materiais de madeira, pois a função principal de uma serraria, retirar o tronco da mata, cortá-lo e deixá-lo reto e pronto para o posterior uso dele para a produção final de objetos móveis e imóveis, já era feita no meio rural, de forma mais rudimentar, sem o uso de máquinas e equipamentos eletromecânicos, através do uso de força manual e humana conjugado ao uso de equipamentos mecânicos simples (sem uso da eletricidade).

Mercadorias de olarias e cerâmicas (telhas e tijolos obtidos através da queima do barro) e materiais para calçar o chão feito a partir da quebra e pequeno polimento de algumas pedras brutas (sem cerâmica).

A pinga, a primeira bebida alcoólica fabricada pelos primeiros habitantes de Ribeirão Preto- os entrantes mineiros - no meio agrário, pois a fabricação de aguardente era um dos produtos, junto com a rapadura e o açúcar, derivados do beneficiamento da cana-de-açúcar.

As carroças movimentadas por força animal, pelo cavalo, e seus acessórios feitos de couro (arreio e sela). O doce e geleia. O fubá (com uso original do pilão, com a força manual humana, para moê-lo e depois com o uso de máquinas elétricas e mecânicas).

O café era produzido pelas famílias em sua roça para consumo próprio, antes mesmo da produção em grande escala e para exportação feita em fazendas a partir da década de 1880, óleos, charque (produzido desde os entrantes mineiros, pois o salgamento da carne ajudava a mantê-la por muito tempo sem estragar).

O cigarro, pois se plantava fumo no quintal e usava-se a palha de milho para enrolar o fumo; roupas diversas, tanto masculinas como femininas (já produzidas pelas mulheres da família com o algodão colhido na roça de casa); o colchão de pano coberto internamente por fibras vegetais, como a taboa, e algodão; chapéu (feito de palha de milho e de lã de carneiro na roça); bolsa (feita de couro); cinto (feito com uso de tripa de porco ou com fibras naturais como taboa e palha de milho); e faca (feita com metal e cabo de ossos ou de couro).

O período de 1870 a 1890 - o qual foi formado por uma quantidade total de 81 empresas e 20 classes de produtos fabricados – teve 34 pequenas indústrias com seus endereços localizados estiveram assim distribuídas, segundo o mapa da página seguinte⁴⁹.

⁴⁹ Para a confecção dos três mapas foram usadas as seguintes fontes: Planta da Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto de 1874, Plantas da Cidade de Ribeirão Preto de 1890, 1910, 1925 e 1935, Planta Cadastral de Ribeirão Preto com dados referentes a Cadastro de Águas e Esgotos de 1918, Planta do Patrimônio da Fábrica da Matriz de Ribeirão Preto de 1932, Mapas de Ribeirão Preto produzidos pelo Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo em 1950 e 1960, Mapa da Vegetação Natural de Ribeirão Preto de 2000, Mapa do Município de Ribeirão Preto de 2000 que mapeia 65 fazendas de café criadas até 1930 e ainda remanescentes em 2011 e 2013 (GLERIA, 2013, p.24), Mapa Viário Geral da Cidade de Ribeirão Preto e Distrito de 2010 e Mapa de Ribeirão Preto do IBGE de 2010.

Mapa 1- Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1890

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nos diversos mapas consultados.

Tabela 69- Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1870 a 1890

Núm.	Rua/Aven/Praca	Qtde.	Núm.	Rua/Aven/Praca	Qtde.
	CENTRO	29		PERIFERIA	5
1	Duque de Caxias	1	—	—	—
2	General Osório	1	8	Cantagalo	1
3	Jerônimo Gonçal	1	9	Esgoto	1
4	Saldanha Marinho	3	10	Fazenda Boa Vista	1
5	São Sebastião	1	11	L,Campo Esgoto	1
6	Tibiriçá	1	12	Palmeiras	1
7	Vila e Entre Rios	21	—	—	—
				TOTAL	34

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

No Quarteirão- (e esta noção espacial se referia a: “[...] bairros rurais e urbanos, geralmente definidos geograficamente pelos córregos que cortavam a região”) (LAGES, 2016, p. 48) - da Vila estiveram instaladas 21 firmas e outras oito tiveram seus endereços confirmados (conforme a Tabela acima).

Boa parte deste quarteirão esteve dentro da antiga fazenda Barra do Retiro nomeada assim por ser a área onde o córrego Ribeirão Preto recebia as águas do seu principal afluente, o Retiro, limitada a norte por este e a oeste por aquele os quais formavam a metade das bordas do quadrilátero central e ainda possuíam seus meandros e várzeas em formato de curvas, não urbanizados e retificados e tinham a sua mata ciliar original de árvores e arbustos conservada, ou seja, nesse período mesmo o Centro ainda tinha características predominantemente rurais com pontuais ramificações urbanas.

O quarteirão contava, além do mais, com prolongamento maior a sul e leste, ou seja, essas empresas poderiam estar nas futuras Vila Seixas e Vila Veludo, mas não nos Campos Elíseos e na Vila Tibério, mas é provável que a maioria estivessem localizadas no perímetro do Centro.

As cinco empresas da periferia estiveram assim distribuídas geograficamente: Lagoa do Campo, Esgoto e Palmeiras a leste. A sudoeste na Fazenda Boa Vista após o córrego do Horto e Serraria e ao lado da estrada para Guataporá entre a ferrovia para este local e para Dumont. A sudeste, na divisa com Cravinhos no quarteirão, fazenda e córrego Cantagalo na continuação da estrada de Ribeirão Preto para São Paulo (a qual passava pelo distrito de Villa Bonfim).

Mapa 2- Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1891 a 1910

. Fonte: Elaborado a partir do autor com base nos diversos mapas consultados.

Tabela 70- Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1891 a 1910

Núm.	Rua/Aven/Praca	Bairro	Qtde	Núm.	Rua/Aven/Praca	Bairro	Qtde
	CENTRO		66	15	Saudade	C.Elíseos	3
1	Álvares Cabral	Centro	4	16	Av.Rio Pardo	Barracão	1
2	Amador Bueno	Centro	1	17	Capitão Salomão	C.Elíseos	1
3	Américo Brasiliense	Centro	4	18	Córr.Matadouro	C.Matadouro	1
4	Commércio	Centro	4	19	Luiz Barreto	C.Elíseos	1
5	Duque de Caxias	Centro	13	20	Marquês Pombal	C.Elíseos	1
6	Florêncio Abreu	Centro	1	21	Paraíba	C.Elíseos	1
7	General Osório	Centro	16	22	Tanquinho	Tanquinho	4
8	Jerônimo Gonçalves	Centro	1		PERIFERIA		14
9	José Bonifácio	Centro	1	23	Cel. Luiz Cunha	Vila Bonfim	2
10	Prudente Moraes	Centro	1	24	Jatobazinho	Jatobazinho	1
11	Saldanha Marinho	Centro	13	25	Lagoa do Mato	Lagoa Mato	1
12	São Sebastião	Centro	6	26	Lagoinha	Palmeiras	1
13	Pça 15 Novembro	Centro	1	27	Palmeiras	Palmeiras	1
	SUBÚRBIO		14	28	Vila Bonfim	Vila Bonfim	7
14	Acre	Barracão	1	29	Córrego Rib Preto	Cto/Sub/Perif	1
						TOTAL	94

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A ocupação geográfica das 94 pequenas indústrias irradiou-se nesse segundo período para além das 66 empresas do Centro e 14 da periferia para uma nova e terceira região: o subúrbio.

O loteamento da Vila Tibério a partir da década de 1890 e o Núcleo Colonial Antônio Prado, que em 1893 foi emancipado e anexado ao município de Ribeirão Preto e tornou-se uma quase continuidade à sua área central. Por isso, essa região sofreu uma transformação de espaço originalmente rural - projetado como uma reserva de braços para a lavoura cafeeira, com a consolidação da agricultura de policultura e sua oferta de variadas verduras, frutas e vegetais e de criação comercial de vários animais - para suburbana.

Com efeito, em alguns anos, o núcleo originaria os novos bairros dos Campos Elíseos e do Barracão, com parte de seus moradores tornando-se consumidores, tanto de mercadorias já fabricadas, como estimuladores da fabricação de novos produtos, antes não existentes localmente, caso, por exemplo, dos imigrantes demandantes da cerveja, e futuros operários das pequenas indústrias (SILVA, 2008, p. 85).

A olaria de Tibério Augusto, um dos loteadores da Vila Tibério ou da Vila do Tibério, foi localizada no vale do Córrego do Matadouro nomeado assim, pois em sua foz junto ao córrego Ribeirão Preto foi construído o segundo prédio do Matadouro Municipal em 1903 (SILVA, 2008, p. 101), após a transferência de sua primeira edificação no Centro.

O córrego já fora chamado em 1886 de Bom Retiro (PINTO, 1886) e depois da década de 1960 de Antártica por abastecer de água desde sua nascente- onde posteriormente foi

construída a Associação Recreativa da Cervejaria Antartica (ARCA) e loteado o Jardim Antártica - através de canos, a filial local da Indústria de Bebidas homônima.

Na periferia, uma firma na zona norte, na região do córrego Jatubazinho (ou Jatobazinho) que deságua no ribeirão Jatobá (ou Jaboti), e este no rio Pardo, no extremo noroeste ribeirão-pretano, entre a estrada velha de Cruz das Posses, as Fazendas Iracema, São Paulo, Santo Antônio da Boa Vista, Monte Irará, o córrego da Lagoa, próximo à divisa dupla com os municípios de Jardinópolis e Sertãozinho (SÃO PAULO, 1945).

Mapa 3- Localização das Pequenas Indústrias de Ribeirão Preto de 1911 a 1930

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nos diversos mapas consultados.

Tabela 71- Quantidade de Pequenas Indústrias Por Regiões e Ruas de 1911 a 1930

Núm.	Rua/Aven/Praca	Bairro	Qtde	Núm.	Rua/Aven/Praca	Bairro	Qtde
	CENTRO		124	34	Cesário Motta	Retiro	1
1	Álvares Cabral	Centro	3	35	Gonçalves Dias	Vila Tibério	2
2	Amador Bueno	Centro	9	36	Guataparã	Vila Virgínia	1
3	Américo Brasiliense	Centro	7	37	Henrique Dumont	Retiro	1
4	Bernardino Campo	Centro	1	38	Dos Italianos	Retiro	1
5	Cerqueira César	Centro	3	39	Luiz Barreto	Campos E	1
6	Comércio	Centro	12	40	Mal. Hermes	Campos E	1
7	Duque de Caxias	Centro	7	41	Marquês Pombal	Campos E	1
8	Florêncio de Abreu	Centro	5	42	Minas	Retiro	2
9	Florianópolis	Centro	1	43	Mons. Siqueira	Retiro	1
10	General Osório	Centro	10	44	Padre Euclides	Campos E	1
11	Jerônimo Gonçalves	Centro	1	45	Padre Feijó	Vila Tibério	2
12	José Bonifácio	Centro	3	46	Pará	Barracão	1
13	Lafayette	Centro	3	47	Paraíba	Campos E	2
14	Largo Mercado	Centro	1	48	Pernambuco	Campos E	1
15	Pça 13 de Maio	Centro	1	49	Rio de Janeiro	Retiro	1
16	Pça 15 Novembro	Centro	1	50	Rio Grande Norte	Barracão	1
17	Prudente Moraes	Centro	4	51	Santos Dumont	Vila Tibério	1
18	Saldanha Marinho	Centro	35	52	São Paulo	Campos E	2
19	São Sebastião	Centro	7	53	Saudade	Campos E	13
20	Sete de Setembro	Centro	2	54	Tanquinho	Tanquinho	1
21	Tibiriçá	Centro	2		PERIFERIA		26
22	Visconde Inhaúma	Centro	2	55	Esgoto	Esgoto	3
23	Visconde Rio Branco	Centro	4	56	Fazenda S Amélia	F. S Amélia	1
	SUBÚRBIO		64	57	Lagoa do Campo	Córr. Esgoto	3
24	—	VilaTibério	1	58	Lagoa do Mato	Lagoa Mato	1
25	Acre	Barracão	1	59	Lagoinha	Palmeiras	3
26	Álvares Azevedo	VilaTibério	2	60	Macaúba	Macaúba	2
27	Amazonas	Campos E	2	61	Maj.Franc.Gandra	Vila Bonfim	1
28	Anita Garibaldi	Campos E	1	62	Palmeiras	Palmeiras	2
29	Capitão Salomão	Campos E	12	63	Portugal	S.C. J.Jaques	3
30	Caramuru	República	1	64	Praça Bonfim	Vila Bonfim	1
31	Castro Alves	VilaTibério	2	65	Rio Pardo Vale	Rio Pardo	1
32	Ceará	Campos E.	1	66	Vila Bonfim	Vila Bonfim	4
33	Cel.Luiz da Cunha	VilaTibério	4				
						TOTAL	214

Fonte: Elaborado a partir do autor com base nas diversas fontes consultadas.

A ocupação geográfica das 214 pequenas indústrias disseminou-se nesse último período para todas as três regiões de Ribeirão Preto: subúrbio, Centro e periferia. As 13 empresas de origem rural instaladas nesta última estiveram localizadas além do subúrbio até as bordas e limites do município, distantes dezenas de quilômetros do Centro, em chácaras, sítios, fazendas e povoados nas zonas geográficas leste, noroeste e sul do município.

As pequenas indústrias da zona leste estiveram instaladas na estrada e caminho para a fazenda Lagoinha, na Lagoa do Mato, na Lagoa do Campo e no bairro e córrego das Palmeiras em uma área aproximada (em quilômetros) entre sua cabeceira em uma lagoa (nomeada futuramente de Lagoa do Saibro), o declive oriental do Morro da Vitória (espigão

de divisa dos vales dos córregos do Tanquinho, Ribeirão Preto e Palmeiras) e Morro do Cipó, este um divisor entre o trajeto inicial e oriental do vale do córrego do Sipó em 1886, depois nomeado de Tanquinho (PINTO, 1886), a estrada do Morro do Cipó (futura Rua João Bim) e Morro e Mata das Palmeiras até sua foz no rio Pardo.

E na região nordeste e no extremo leste de Ribeirão Preto, no vale do Córrego Esgoto, próximo à atual divisa com o município vizinho de Serrana, entre sua cabeceira em uma lagoa próxima à antiga Fazenda Santa Iria, após 1974 nomeada de Lagoa do Recreio Internacional, e seu leito passando sob a ponte da estrada do Piripau ou Piriripau- caminho para a fazenda e morro homônimos na divisa dupla com Serrana e Brodowski - até sua foz no rio Pardo.

Na zona norte, noroeste em especial, na fazenda Macaúba, por aproximação, em quilômetros, pode-se afirmar que estas empresas estavam localizadas na região da antiga fazenda e do córrego homônimos, entre o Riacho Tom Jobim, o Córrego Seco que tem sua cabeceira em uma lagoa e deságua no córrego dos Campos “nomeado do Motirão em 1886” (Ibidem) entre as fazendas do Pau d’Alho, São Felix e Santa Rosa, a estrada velha para Cruz das Posses até a sua foz no córrego Ribeirão Preto, próximo à divisa com o vizinho município de Sertãozinho. (RIBEIRÃO PRETO, 2010).

Na zona sul, em especial, na região sudeste no bairro de Santa Cruz do José Jacques, ou apenas abreviado com as duas primeiras palavras, foram encontradas três pequenas indústrias na Rua Portugal, a sua principal via, onde estavam instaladas a praça e a Igreja de São João Batista (construída em 1903) por ser de acesso ao Centro pela estrada do Arantes ou estrada da Fazenda do Retiro localizado entre o aclave da várzea do córrego do Retiro e do ribeirão da Fazenda Aliança a sudeste. Após a qual era a continuidade da estrada Velha de São Simão com sua origem após a Praça Barão do Rio Branco no Centro.

Na Fazenda Santa Amélia, na região sudoeste, entre a Villa Bonfim, Dumont e Guataparé e a ferrovia e o caminho de terra para esses dois locais (IBGE, 2010) foi localizada uma empresa.

As seis empresas instaladas no distrito de Villa Bonfim (também já nomeada de Gaturamo, Viaduto, Bonfim Paulista e Bonfim) estiveram localizadas na região da Praça principal, da capela e da Igreja Bom Jesus de Bonfim (1894), da estação de trem e das lojas comerciais, entre as várzeas dos córregos Ribeirão Preto a sul, Tamburi a oeste e Condanim a leste. Para chegar ao lugarejo bonfinense o trajeto usado era a estrada do Rosário que em continuidade era a estrada para São Paulo.

A localização exata de uma olaria não foi verificada, apenas que estava no vale do rio Pardo, por isso, essa empresa poderia estar instalada nas zonas leste (perto de Serrana), norte

e noroeste (perto de Jardinópolis) ou oeste (perto de Sertãozinho), exceto na parte final da zona sul após a Villa Bonfim em que boa parte dos seus córregos, ribeirões e riachos pertenciam à bacia hidrográfica do Rio Mogi Guaçu.

A região do subúrbio está de acordo com Souza (2009, p. 107)

[...] a mobilidade dos limites urbanos e rurais gerou a criação de uma expressiva área suburbana, [...] onde antes se localizava o Núcleo Colonial Antônio Prado [...] e eram praticadas ações que se destinavam tanto ao público urbano quanto ao rural. [...] aos valores da “cidade” e aos do campo.

O subúrbio, inexistente de 1870 a 1890, foi um espaço fluido e de transição, de 1891 a 1910 rural e urbano e de 1911 a 1930 urbano, formado por bairros limítrofes e próximos ao Centro, e antes da periferia, foi dividido conforme o poder aquisitivo econômico de seus moradores em duas áreas: a) pobre e excluída, formada pelos bairros surgidos ou não do desmembramento do Núcleo Colonial Antônio Prado (SILVA, 2008) nas zonas- norte (Retiro, Misericórdia, Barracão⁵⁰, Campos Elíseos, Vila Tamandaré, Tanquinho, Vila Gertrudes e Vila Schmidt); oeste (Vila Tibério); sudoeste (República, Vila Virginia e Vila Guanabara); b) média e abastada - leste (Vila Seixas); leste, ou melhor, nordeste (Vila Paulista) e sul (Vila Veludo, Parque Independência e Jardim das Condessas).

Com efeito, o zoneamento excludente e elitista em Ribeirão Preto, sintetizado na dicotomia entre a zona sul rica e a norte pobre economicamente foi construído antes, pelo menos, de 1930, e reproduzida pelos variados grupos elitistas e médios da sociedade civil e pelos grupos governamentais com prodígio até os dias atuais (2018).

Uma parte do lado norte da região suburbana foi preenchido com o bairro do Retiro que “[...] iniciava nas margens do Ribeirão Retiro Saudoso limitado pela chácara do Doutor Olímpio e pelo Bairro e morro do Cipó” (CIONE, 1997, pp. 618- 619). O mesmo localizava-se após a Avenida Cesário Motta e o início da Terceira Seção do Núcleo Colonial Antônio Prado (SILVA, 2008) na Rua Minas e até o bairro da Misericórdia, entre as Ruas Misericórdia (futura Padre Euclides) e Capitão Salomão.

Com a retificação do córrego do Retiro foram construídas duas estradas de rodagem nomeadas nas suas margens esquerda no Centro, de Café e Francisco Glicério, e direita, no subúrbio, Cesário Motta e Retiro (Planta Cadastral de Ribeirão Preto de Águas e Esgotos de 1918), apenas possuindo posteriormente um único e definitivo nome, de Avenida Doutor Francisco Junqueira.

⁵⁰ “O bairro Barracão passou a se chamar Ipiranga oficialmente em 1967, quando houve um plebiscito na gestão de Welson Gasparini” (SILVA, 2008, pp. 113-114). Por isso, foi usada nesse trabalho apenas sua primeira denominação.

As duas empresas instaladas nas ruas Henrique Dumont e dos Italianos (a futura Rua Camilo de Mattos) não foram confirmadas se estavam em sua parte baixa ou alta rumo ao espigão que divide os vales dos córregos do Retiro e do Tanquinho, no bairro da Vila Paulista já loteada e ocupada desde a década de 1920.

A maioria das pequenas indústrias dos Campos Elíseos estava localizada entre a área de aclave da colina do córrego do Retiro e a Rua Capitão Salomão, via de ligação entre os Campos Elíseos e o Barracão, por se referir à sua área de ocupação humana e econômica mais antiga na qual foram construídas, entre outros prédios, a Escola Profissional e o prédio próprio da Santa Casa de Misericórdia (construído desde 1902 e finalizado em 1915).

Por outro lado, algumas empresas, nas ruas Marquês do Pombal, Tamandaré e na Avenida Saudade “[...] em 1897 foi denominada como Avenida Saldanha Marinho, antigo caminho para Batataes que abrangia até poucas quadras após o córrego do Retiro” (ROSA, 2007, p.442), diferente da rua homônima, no Centro, poderiam estar localizadas a norte da Rua Capitão Salomão.

As ruas e caminhos mais setentrionais do bairro eram denominados como bairro do Tanquinho - nos quais foram localizadas quatro empresas- conforme a seguinte citação: “Em 1922 a última rua dos Campos Elíseos era a Rua Pernambuco” (GUIÃO, 1923, p. 90). A área era formada, entre outras, pelas ruas: “Fernão Salles, Pinheiro Machado, Aliados, Humberto de Campos, João Ribeiro, Coelho Neto e Bugre [provavelmente a futura Rua Romeu Ceoloto]” (RIBEIRÃO PRETO, 1939). A sua borda final localizava-se na margem esquerda do córrego do Tanquinho (a norte do Cemitério da Saudade na Vila Schmidt e Vila Gertrudes).

Um exemplo explica melhor essa situação: “João Padovan foi um dos primeiros habitantes do bairro Tanquinho, sendo o responsável pela doação de um terreno para a construção da travessa Rubi, localizada naquele mesmo bairro” (ROSA, op.cit., p. 265). Destarte, ele e sua família moravam no perímetro entre as atuais travessas Rubi e Esmeralda, ruas Onze de Agosto, dos Aliados, Humberto de Campos, Antônio Milena, São Paulo, Juvenal de Sá e a Avenida da Saudade.

Com efeito, a olaria dos irmãos Vicente e Marco Golfeto estava localizada em antigas terras dessa família, por isso, essa região também era conhecida como “bairro dos Golfetos”. Esta pequena indústria estava localizada na margem do córrego do Tanquinho provavelmente entre o final da Rua Luiz Barreto, a futura Rua Turmalina e a Rua Paraíba (nomeada depois de 1930 de Inocência de Abreu).

A continuação do Tanquinho após o córrego homônimo era o caminho para a Siderúrgica Companhia Eletro Metalúrgica Brasileira (que funcionou de 1922 a 1931) nomeada de Estrada Metalúrgica e via para o bairro homônimo ou Vila Elisa. Isso demonstrou o início da expansão sistemática e irreversível do povoamento desse bairro em particular e de Ribeirão Preto em especial para a zona norte, na área depois da década de 1960 conhecida como Complexo Aeroporto.

As quatro empresas na área noroeste do subúrbio estavam localizadas no Barracão na sua região de ocupação original próxima ao entorno do prolongamento ocidental da Rua Capitão Salomão, na Praça Antônio Prado, e do largo em frente à estação de trem homônima da qual desembarcavam os seus novos moradores imigrantes, e antes da orla da ferrovia em seu ramal de Sertãozinho, em especial nas ruas: Acre, Pará e Rio Grande do Norte.

No bairro da República no sudoeste suburbano, onde foi instalada provisoriamente a primeira estação ferroviária de Ribeirão Preto, antes da Central na Vila Tibério e Centro, foi localizada uma pequena indústria na Rua Caramuru, paralela ao leito do ramal da ferrovia Mogiana no sentido de Campinas e entre a várzea do córrego Ribeirão Preto e o caminho para a estrada de Santa Tereza e mais a sul Guataparã.

Na Vila Virgínia, fundada em 1925 (CIONE, 1997, p. 563) “A partir do desmembramento da antiga chácara Paraíso” (depoimento de Virginia Macorin de Lima, neta do loteador do bairro, Álvaro de Lima ao vídeo documentário Projeto História da Gente: a vida no bairro Vila Virgínia. Realização: Museu da Imagem e do Som (MIS) de Ribeirão Preto), foi localizada uma pequena indústria na Rua Guataparã, a via de entrada tanto para este bairro, como um antigo caminho para Sertãozinho.

No lado oeste da região suburbana, as 14 empresas da Vila Tibério estavam em ruas próximas ao Centro nos fundos do prédio da Indústria de Bebidas Antarctica e da Companhia Mogiana, sendo a rua mais afastada a Gonçalves Dias, antes da Praça Coração de Maria e da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Na região dos pequenos bairros, de poucos quarteirões, da Vila Veludo e Parque Independência, nas ruas meridionais após o estádio do Comercial Futebol Clube da Rua Tibiriçá (desde pelo menos 1920 e futuro clube poliesportivo da Sociedade Recreativa e de Esportes) localizado na quadra das ruas Tibiriçá, Bernardino de Campos, Visconde de Inhaúma e a antiga Avenida Independência (futura Nove de Julho) e Jardim das Condessas (a leste da posterior Avenida Independência) não foi localizada nenhuma pequena indústria.

O motivo é porque essa região, localizada a sul e sudeste do Centro, e que depois passou a fazer parte o bairro de Vila Higienópolis (RIBEIRÃO PRETO, 1939), entre o alto da

Vila Seixas e a sul da futura Avenida Nove de Julho, já era desde o século XIX destinada a servir, dentro do zoneamento social e econômico de Ribeirão Preto, apenas às ruas residenciais destinadas às classes econômicas média, alta e urbana.

A terminologia do bairro Higienópolis, presente em outros municípios como a capital de São Paulo, está de acordo com a ideologia higienista a qual defende um zoneamento social e econômico elitista e conservador caracterizado pela ênfase em dotar poucas regiões de um município- esta e o Centro- de uma grande infraestrutura.

O apoio dos poderes públicos foi substancial, por isso, foram implementados variados e complexos equipamentos urbanos (água encanada, coleta de esgoto, energia e iluminação elétrica, calçamento de passeios, colocação de sarjetas, ruas cobertas por macadames e rede de telefone, entre outros) e na qual o preço mais caro dos imóveis efetivava uma seleção financeira de indivíduos, como os membros da elite cafeeira que decidiam mudar-se das fazendas de café (caso da chácara e fazenda Veludo), com renda suficiente para construir casas, sobrados, palacetes e mansões com a exigência de técnicas e materiais de construção com padrões burgueses de salubridade e higiene.

O município de Ribeirão Preto pode ser dividido em duas partes, entre: a) o Centro, Cidade ou Quadrilátero Central dentro dos limites circunscritos pelos córregos do Retiro e Ribeirão Preto ou “cidade Intra-Rios, legitimada pelo moderno discurso da higiene, beleza e disciplina”; área salubre e moderna de belas e luxuosas lojas, teatros, palacetes, praças e vitrines; e b) bairros periféricos formados por trabalhadores brasileiros e imigrantes pobres, indústrias, matadouros, hospitais e cemitérios, e, de acordo com Faria (2010, pp. 22 e 62)

[...] outra cidade, se é que de cidade pode ser chamada. Pobre, suja, insalubre e feia, seus adjetivos caracterizam o desinteresse, mas daqueles que eram os promotores da modernização Entre rios. Da mesma forma o medo desses promotores diante dos perigos representados pela população de trabalhadores braçais, moradores na periferia destituída dos melhoramentos que eram implantados na área central da cidade.

A ideia é pertinente sobre todo o município de Ribeirão Preto, de duas cidades (Centro e os outros bairros, aqui incluído o subúrbio e a periferia), no entanto, especificamente sobre o primeiro, a mesma possui um aspecto limitado, pois Faria não problematiza essa zona que possuiu, de forma não unívoca, um território heterogêneo e portador não apenas de equipamentos urbanos “positivos” e desejados pelas elites e classes médias econômicas ribeirão-pretanas, tais como “residências urbanas dos fazendeiros, edifícios públicos ecléticos e jardins arborizados” (FARIA, 2010, p. 59).

Neste sentido, Faria desconsidera que o território do Centro possuía, em algumas regiões, equipamentos urbanos “indesejados”, caso, em especial, de uma atividade econômica

secundária citada por ele, do Matadouro Municipal, construído primeiro no perímetro central em 1873 e devido ao seu caráter insalubre, ocorre um processo para transferi-lo para outra área externa o que se efetiva no bairro do Barracão, entre a foz do Córrego do Matadouro no Córrego Ribeirão Preto e o início da Rua Capitão Salomão (FARIA, 2010, pp. 34, 35 e 47).

Como forma de problematizar a diversificada produção e ocupação espacial do Centro, em especial, das pequenas indústrias de 1870 a 1930, as mesmas serão divididas em dois tipos de categorias: a) atividades consideradas positivas; b) funções julgadas como negativas, a seguir descritas.

As atividades consideradas positivas, cultas, chiques, luxuosas, sofisticadas, salubres e higiênicas, condizentes com o ideal e modelo europeu de Cidade desenvolvida, progressiva, moderna e civilizada e apropriada a uma região, como a central, que passa a receber a migração de parte dos cafeicultores e antigos moradores das fazendas e da região rural e a formar uma nova classe econômica alta, com isso, passa a ser o local de desejo e usufruto para as mesmas e de outras classes ascendentes.

O negócio do café teve dois tratamentos diferentes no Centro: a) negativa aplicada às pequenas indústrias, por exemplo, às máquinas de beneficiamento, moagem e torrefação eram proibidas de funcionarem nesta região, pois: “É vedada a instalação, dentro do quadro central da cidade, de [...] machinas de beneficiar café [...]” (RIBEIRÃO PRETO, 1902).

Ao contrário do comércio varejista e os cafés, atividades tidas como chiques, por serem de origem parisiense, pois o consumo individual da afamada bebida ribeirão-pretana era bem vista e um motivo de orgulho e pompa para aqueles que entravam nesses locais e mesmo para aqueles que só sentiam seu aroma cheiroso que atravessavam as vitrines de vidro e areavam do lado de fora na calçada e na rua e, também, porque em algumas dessas empresas eram consumidos doces de origem europeia, entre eles o francês praliné.

Algumas pequenas indústrias estavam do lado desejado, caso das gráficas e tipografias, que, a despeito da poluição auditiva causada pelo barulho das máquinas e aérea através do cheiro de tinta exalante, era uma atividade econômica valorizada, pois era o suporte material da cultura escrita e erudita, ofertante dos jornais, almanaques e livros.

A primeira grande indústria têxtil instalada em Ribeirão Preto foi uma fiação e tecelagem filial das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), em um contexto posterior ao desse trabalho (após 1930). Até 1930, o que prevaleceu no município, foram as pequenas alfaiatarias e as modistas, a maioria delas instaladas nas ruas comerciais do Centro, e uma parte dessas firmas foram empresas comerciais fabricantes de produtos.

A ideia de certa sofisticação e de pequena indústria limpa e não poluente, pode ser aplicada às alfaiatarias e modistas que produziam todo tipo de vestimenta, pois a despeito dessas empresas produzirem roupas copiadas de modelos europeus, e das lojas de luxo, às quais comercializavam mais roupas importadas já prontas, elas fabricavam produtos menos simples do que aquelas produzidas na própria casa pelas mulheres da família (mãe e filhas) e eram mercadorias muito consumidas pelos clientes de classe econômica média e baixa do município.

Algumas funções eram consideradas negativas, pois eram tidas como insalubres e que afetavam a saúde da população que morava, trabalhava e se divertia no Centro, sujas, nocivas, poluidoras e indesejadas (pelas elites e classes médias econômicas, de acordo com o zoneamento e ocupação do solo do município calcado na ideologia higienista, normatizado, em especial, em artigos dos Códigos Municipais de Posturas de 1889, 1902 e 1921).

Essas eram algumas das empresas ilegais e proibidas de funcionarem no Centro, e de acordo com o Código de Posturas de 1902

É vedada a instalação, dentro do quadro central da cidade, de fabricas de sabão, oleos, velas de cebo, cortumes, machinas de beneficiar café, arroz ou milho [...] e outros estabelecimentos que pelas matérias primas, seus productos e combustível empregado, ou por outros qualquer motivo, exalem vapores que tornem nociva a atmospheria, ou por outro qualquer modo prejudiquem a salubridade ou encommode a vizinhança.

Essas empresas permaneceram funcionando por conivência ou ausência da fiscalização do município à época, visto que já existiam servidores fiscais, caso de algumas empresas: de torrefação e moagem de café (Biagini, Brasil, Central e Jose Izaias) e máquinas de beneficiar e descascar arroz (Francisco Giroto, Frederico Antonio Primo, Sante Spadoni e Verissimo dos Santos).

Apenas uma empresa, a fabricante de esquadrias Luzo Brasileira, foi localizada nos "Altos da Cidade", na área de aclave das ruas mais meridionais do Centro, entre as ruas Campos Salles, Rui Barbosa, Bernardino de Campos, Quintino Bocaiúva e Avenida Independência (depois Nove de Julho), especificamente na terceira.

A evolução da fabricação pelas pequenas indústrias de Ribeirão Preto de 1870 a 1930, não mais restrita ao perímetro central, mas com a sua irradiação e ocupação produtiva em todas as três regiões ribeirão-pretanas (Centro, subúrbio e periferia), em especial para a segunda, no início (primeiro período) inexistente e parte da periferia rural, e sua paisagem natural de flora e fauna originais e silvícola ou alterada para agropecuária, com seus sítios, roças, chácaras e fazendas inseridas.

Depois, no segundo período, formada em parte pelo Núcleo Colonial Antônio Prado e sua agricultura de policultura ofertante de produtos hortifrutigranjeiros para os moradores nucleares, suburbanos e citadinos, aqui com uma intersecção rural e urbana.

Para desaguar no terceiro e último período urbano, efetuado tanto no predomínio de 40 classes de produtos fabricados de origem urbana sobre as 28 de início rural como na configuração do disperso distrito de pequenas indústrias do Centro, Campos Elíseos, Vila Tibério e Barracão, com suas oficinas ruidosas e movimentadas, falas de operários, suas mãos e uniformes encardidos, a poeira dos resíduos de materiais no chão apenas com contra piso e encardido de sujeira incrustada e vinda da rua terrestre sem macadame e asfalto, os odores industriais de fluidos diversos, como tinta e óleo, de madeira e ferro cortados até as narinas dos operários, moradores e transeuntes desses bairros.

A conclusão desse capítulo foi encontrar os seguintes resultados econômicos: a ocorrência das empresas comerciais fabricantes de produtos e que comercializavam mercadorias não produzidas por elas e das pequenas indústrias e prestadoras de serviços, oferta produtiva com ênfase na encomenda prévia do consumidor, duração de 7,35 anos, valor médio de capital investido de 41:032\$477 (em mil réis), quantidade média de 8,74 operários, ambos em média), nacionalidade dos empresários (com predomínio na sequência de italianos, brasileiros e portugueses), alheamento do consumo das classes econômicas média e alta ribeirão-pretanas preterida pelos produtos importados, pequena concorrência externa e interna, exceto com a produção doméstica de subsistência e nas classes de produtos fabricados com maior quantidade de empresas, utilização limitada de tecnologia e o crescente uso da energia elétrica como força motriz.

Os resultados do panorama produtivo espacial foram os seguintes: a distribuição geográfica dessa produção nos espaços rural e urbano, nas três regiões do município (Centro, subúrbio e periferia), em especial para a efetivação do urbano na segunda, e também concretizada no predomínio de 40 gêneros industriais de origem urbana sobre as 28 de início rural, mas com adaptações para seus usos urbanos. Essa situação possibilitou a configuração do disperso distrito urbano de pequenas indústrias do Centro, Campos Elíseos, Vila Tibério e Barracão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu compreender a peculiar estrutura do setor econômico secundário de Ribeirão Preto de 1870 a 1930, em especial, a sua importante contribuição para a modernização produtiva, o desenvolvimento dos melhoramentos e dos equipamentos urbanos desse município.

Com efeito, a não efetivação de uma industrialização ribeirão-pretana, devido as suas quatro indústrias grandes (Bebidas Antarctica e Paulista, Oficinas de Trem e Vagões da Mogiana e Siderúrgica Companhia Eletro Metalúrgica) e a maioria de ao menos 551 pequenas e médias indústrias que a deixou aquém até 1930 tanto da referência urbana e industrial principal, a capital São Paulo, como de municípios do interior relativamente mais próximos e integrados no circuito de industrialização paulistana, contando com indústrias grandes e médias, caso de: Santos, Sorocaba e Campinas.

Por outro lado, apesar da grande presença das pequenas indústrias - semelhante à maioria dos municípios paulistas do interior, caso de Casa Branca, Espírito Santo do Pinhal, Botucatu, Jaboticabal, Descalvado, Amparo, Batatais e São Simão e deste do qual teve sua emancipação política e administrativa desde 1871 - mostrou-se diferente em relação a esses devido à sua importância dentro das atividades econômicas urbanas de Ribeirão Preto das mais dinâmicas no contexto paulista já em 1930.

Esse trabalho mostrou a possibilidade de se empreender um estudo histórico sobre a formação e desenvolvimento da história econômica de Ribeirão Preto, com ênfase em uma atividade econômica não hegemônica, de modo que essa dissertação solucionou apenas uma lacuna, mas outras se mostraram prontas a serem preenchido, caso da necessidade de análises mais aprofundadas sobre o comércio varejista, a prestação de serviços, transportes, a construção civil e os bancos.

Uma das contribuições dessa pesquisa sobre o setor econômico secundário ribeirão-pretano foi a explicitação de certos ramos industriais pouco conhecidos ou discutidos pela produção historiográfica, caso de: calçados e alfaiatarias, gráficas, produtos de ferro, carroças, móveis, ladrilhos, cervejarias e olarias os quais pela abordagem generalista podem contribuir para futuros e aprofundados estudos.

A contribuição, também, para a compreensão dos estudos sobre a formação econômica dos municípios do interior paulista e brasileiro caracterizados por um setor econômico secundário configurado, na sua maioria, por pequenas indústrias e não as grandes indústrias e a industrialização como abordagem principal e as capitais e as regiões metropolitanas como

escala geográfica de análise, em especial, em municipalidades com processos histórico-econômicos nos quais esse setor foi eclipsado primeiro pela agropecuária e depois pelo comércio e pela prestação de serviços, caso de Bauru, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Uberaba, Uberlândia, Londrina, Maringá entre outros.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS MANUSCRITAS

ASILO PADRE EUCLIDES. Relatório de Doação de 1939.

PRIMEIRO TABELIÃO DE NOTAS DE RIBEIRÃO PRETO. Escritura de 5/11/1892.

_____. Escritura de 15/7/1896

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE SÃO PAULO. 13º SUBDISTRITO DA CAPITAL—BELA VISTA. Certidão de Óbito n. 32.144 de 06 jun. 1947.

CARTÓRIO DE PAZ E REGISTRO CIVIL DE VILA MARIANA, CAPITAL. Guia Para Enterramento, Talão n. 16, p. 191 de 10 jan. 1937.

CARTÓRIO DE PAZ E TABELIONATO DE BRODOWSKI. Talão n.7, pag. 1316, Óbitos n. 1116 de 12 set. 1940

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE RIBEIRÃO PRETO. PRIMEIRO SUBDISTRITO. Guia para o Cemitério. Livro n. 70 de 24 mai. 1936

_____. Guia para o Cemitério, 23 mar. 1938, livro n. 73

_____. Guia para o Cemitério, 23 abr. 1939, livro n.75

_____. Guia para o Cemitério, Livro 77, de 4 ago. 1940

_____. Guia para o Cemitério, Livro 77, de 3 set. 1940

_____. Guia para o Cemitério, 21 out. 1940, livro 78

_____. Guia para o Cemitério, 29 mar. 1941, livro n.78

_____. Guia para o Cemitério, 13 abr. 1942, livro 80 C

_____. Guia para o Cemitério, 9 jan. 1944, livro 83 C

_____. Guia para o Cemitério, 14 out. 1944, livro 84 C

_____. Guia para o Cemitério, Livro 88 C, n. 2 de 15 mai. 1947

_____. Guia para o Cemitério, Livro 88 C de 13 jul. 1947

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 88 C de 11 ago. 1947

_____. Guia para o Cemitério, 12 dez. 1947, livro 89 C

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 91 C de 7 mai. 1949

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 96 C de 19 jul 1953

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 97 C de 7 dez. 1953

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 99 C de 8 jan. 1955

_____. Guia para o Cemitério, 10 jan. 1957, livro C 100

_____. Guia para o Cemitério, 30 dez. 1957, livro 101 C

_____. Guia para o Cemitério, 15 abr. 1959, livro 103 C

_____. Guia para o Cemitério, 3 nov. 1971, livro 118 C

_____. Guia para o Cemitério, 16 dez. 1972, livro 120 C

_____. Guia para o Cemitério, 3 out. 1974, livro 122 C

_____. Guia para o Cemitério, Livro n. 134 C de 21 set. 1983

_____. Guia para o Cemitério, 21 jun. 1985, livro 139 C

_____. Livro de Assentos e Nascimentos A1 de 1889 a 1890.

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE RIBEIRÃO PRETO. SEGUNDO SUBDISTRITO.
Guia para o Cemitério, 30 out. 1950, livro 1 C

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DE RIBEIRÃO PRETO. TERCEIRO SUBDISTRITO.
Guia de Sepultamento, 17 jul. 1972, livro C n.7

_____. Primeira Via para o Cemitério, 28 jun. 1970, livro C n.4

_____. Primeira Via para o Cemitério, Livro C n. 2, 29 abr 1968.

RIBEIRÃO PRETO. Ata da Câmara Municipal de 10 jan. 1884.

_____. Ato n. 75 de 5 set.1939.

_____. Ato n. 82 de 02 dez. 1939

_____. Ato n. 9 de 10 mar. 1931

_____. Códigos de Posturas de 1902.

_____. Códigos de Posturas de 1921.

_____. Lei n. 16 de 13 nov. 1891.

_____. Relatório da Câmara Municipal de 10 jan. 1903.

_____. Lista de Qualificação de Votantes de 1873

_____. Lista Geral dos Eleitores da Comarca do Ribeirão Preto de 1890.

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1893

Livro de Registro de Impostos e Profissões, 1893. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1896. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1900

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1902,

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1903

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1904

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1913

_____. Livro de Registro de Impostos e Profissões de 1919

_____. Livro de Matrícula dos Imigrantes Entrados na Hospedaria do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/livros/pdfs/L023_286.pdf>. Acesso em 04 abr. 2017.

_____. Disponível em: <<http://200.144.6.120/memoriaimigrante/pesquisa.php?laria>>. Acesso em 03 fev. 2016.

_____. Ibidem. Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=066&pagina=068&familia=39090>>. Acesso em 02 mar. 2017.

_____. Ibidem. Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=04B&pagina=045&familia=42590>>. Acesso em 2 mar. 2017.

_____. Ibidem. Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/livrodetalhe.php?livro=058&pagina=060&familia=36060>>. Acesso em 2 mar. 2017.

SÃO PAULO (Província). Município da Paróquia de Entre Rios. Lista Geral dos Cidadãos Qualificados pela Junta Municipal em sua primeira reunião de 1880.

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

ABC – Associação Banco Construtor. **O que fomos ontem... 1903, o que somos hoje... 1953.** Edição Comemorativa do Cinquentenário da Cia. Comércio e Indústria “Antônio Diederichsen”. Ribeirão Preto, 1953.

Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e commercial para 1887. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1887.

Almanach da província de São Paulo: administrativo, commercial e industrial para 1888. SECKLER, Jorge (Org.) São Paulo: Typographia a Vapor, 1888.

THORMAN, Canuto. Completo Almanak Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895, contendo todos os municípios e districtos de paz. Nonno anno. Reorganizado segundo os decretos. São Paulo: Companhia Industrial de São Paulo, 1895

_____. Completo Almanak Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1896, contendo todos os municípios e districtos de paz. Decimo anno. Reorganizado por Canuto Thorman. São Paulo: Companhia Industrial de São Paulo, 1896.

Almanaque de Ribeirão Preto de 1916

Anuário Comercial de São Paulo para o ano de 1904.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906. Synopse Corographica dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brasil, 1906.

Annuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1915. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas de Almanak Laemmert, 1915.

Annuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos estados Unidos do Brasil para 1916. Vol. 3 Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1916.

Annuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1918. Vol. 3 Estado de São Paulo.

Annuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1919-1920. Vol. 2 Estados.

Annuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1921. Vol. 2 Estado de São Paulo.

Annuário commercial Industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1922-1923. Vol. 2 Estado de São Paulo.

Almanaque Laemmert de 1925.2 vol.

Almanaque Laemmert de 1926.

ALMANACH ILUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia, 1913.

BANDEIRA, Jr, A. F. **A indústria no estado de São Paulo em 1901.** São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1901.

BEMPORAD, L & Figlio. **Il Brasile e gli italiani** - pubblicazione del “Fanfulla”. Firense, 1906.

BOTELHO, M. **Brasil Magazine, Ribeirão Preto: Le pays du café**. Paris: Cussac e Chaponet, 1911.

Catálogo da Exposição Nacional de 1908.

EGAS, Eugenio. Município de Ribeirão Preto. In: **Os municípios paulistas Volume II: M – Y, Publicação Oficial**. São Paulo: Secção de Obras D’ “O Estado de São Paulo”: 1925. p. 1543- 1550.

Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto. In: **Energia e desenvolvimento: 70 anos da Companhia Paulista de Força e Luz**. Campinas: CEPEA/ Forma Composição Gráfica, 1982. p. 90- 100.

GUIÃO, J. R. **A cidade e o município de Ribeirão Preto nas comemorações do primeiro centenário da independência**. Ribeirão Preto: Gráfica da Casa Selles, 1923.

PISANI, S. **Lo Stato di San Paolo nel cinquantenario dell’ immigrazione**. São Paulo: 1937.

PIZA, M. **Os municípios do estado de São Paulo**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras públicas do Estado de São Paulo, 1924.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral do Brasil de 1950.

LLOYD, R (Dir.). **Impressões do Brazil no século Vinte: sua história, seu povo, commercio, industrias e recursos**. Londres/ Rio de Janeiro: Lloyd’s Greater Britain Publishing company: 1913.

RIBEIRÃO PRETO: a capital da cultura. 1972.

SÃO PAULO (Estado e Província). ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL. **Código de Posturas da Câmara Municipal do Ribeirão Preto**, de 3 de agosto de 1889. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/resolucao/1889/resolucao-198-03.08.1889.html>>. Acesso em 26 abr. 2014.

_____. Decreto n. 7064 de 31 out. 1878.

_____. Decreto-Lei n. 15.258, de 5 de dezembro de 1945. Disponível em:<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1945/decreto.lei-15258-05.12.1945.html>>. Acesso em 28 jan.2017.

_____. Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1928.

_____. Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1929.

_____. Estatística Industrial do Estado de São Paulo de 1930.

_____. Lei Provincial n. 34 de 1879.

_____. Lei Provincial n. 99 de 1881.

_____. Lei n. 80 de 25 ago. 1892.

_____. Lei n. 6645 de 09 jan 1990. Artigo 2º. Inciso XIV.

_____. Lei no 51, de 1 de abril de 1870. Dispõe sobre. Disponível em:
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1870/lei-51-02.04.1870.html>. Acesso em
 24 abr.2017.

_____. Lei no 67, de 12 de abril de 1871. Disponível em: <
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1871/lei-67-12.04.1871.html>>. Acesso em
 24 abr.2017.

_____. Lei no 88, de 1 de abril de 1889. Disponível em: <
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1889/lei-88-01.04.1889.html>>. Acesso em
 24 abr.2017.

_____. Lei n. 840 de 3 out. 1902.

PERIÓDICOS

A CIDADE. Ribeirão Preto, 1 jan. 1905

_____. 1910

_____. 1912

_____. 1913

_____. 1916

_____. 1919

_____. 12 fev. 1924

_____. 17 out. 1930

L'UNIONE. Ribeirão Preto, 8 nov. 1896. Disponível em:
<http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/LU18961108.pdf>. Acesso em: 02 mar.
 2016.

LA GAZETTA de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 22 mar. 1897

O ESTADO de São Paulo. São Paulo, 15 set.1925

O RIBEIRÃO Preto. Ribeirão Preto, 16 ago. 1891. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=713511&pesq=>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

REVISTA da Semana. Rio de Janeiro, 25 nov. 1922, ano 23, n. 48. Disponível em: <http://memoria.bn.br/per025909_1922_0048>. Acesso em: 11 mar. 2017.

MAPAS

HENRIQUES, O. K. Mapa do município de Ribeirão Preto, SP, obtido através da interpretação da imagem do satélite LANDSAT de 2000, indicando o uso e ocupação do solo. In: IDEM. **Caracterização da vegetação natural em Ribeirão Preto, SP- bases para conservação**. 2003, 221f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003. p. 16

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa Municipal Estatístico de Ribeirão Preto de 2010**. Escala. 1:50,000. Disponível em: <http://ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/sp/ribeirao_preto_v2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Mapa do Município de Ribeirão Preto de 2000 com localização das fazendas. Elaboração e Desenho (GLERIA, 2013, p.24).

INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DE SÃO PAULO. **Mapa de Ribeirão Preto de 1950**.

_____. **Mapa de Ribeirão Preto de 1960**.

LASTÓRIA, A. C. (Org.) **Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto- SP**. Ribeirão Preto: 2008, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. ELO Grupo de Estudo da Localidade.

PINTO, L. **Planta dos Terrenos Nacionais do Ribeirão Preto com indicação dos vizinhos particulares de 1886**. Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/pesquisalocalidade.php?id=mapas&localidade=Ribeirao%20Preto&inicio=1860&termino=1988>>. Acesso em: 19 abr. 2017. **Escala: 1:10.000**.

EMPRESA FORÇA E LUZ DE RIBEIRÃO PRETO. **Planta da Cidade de Ribeirão Preto de 1910**.

_____. **Planta Cadastral de Ribeirão Preto com dados referentes a Cadastro de Águas e Esgotos de 1918**

RIBEIRÃO PRETO. **Planta da Cidade de Ribeirão Preto de 1925**.

_____. **Planta da Cidade de Ribeirão Preto de 1935**.

_____. **Planta da Cidade do Ribeirão Preto de 1890.**

_____. **Planta da Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto de 1874.**

_____. **Planta do Patrimônio da Fabrica da Matriz de Ribeirão Preto de 1932.**

_____. **Mapa Viário Geral da Cidade de Ribeirão Preto e Distrito de 2010.** Escala 1:20.000). Disponível em: https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/splan/mapas/viario_base.pdf). Acesso em 13 dez.2016.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, G. (Org.). **Os desbravadores:** personalidades que fizeram história no interior paulista. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2001.

AZEVEDO, Veruschka de Salles. **Cinema e sociabilidade nas cidades do café:** Franca e Ribeirão Preto (1890-1930). 312 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BARBOSA, A. de S. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico:** empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990). São Paulo: Hucitec; Fapesp: 2006.

BORGES, M. E. **Arte tumular:** a produção dos marmoristas em Ribeirão Preto no período da Primeira República. 1991. 200 f. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo.** Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CASTRO, M. C. de. **Memória do trabalho:** histórias do trabalho e dos trabalhadores da Cervejaria Antarctica de Ribeirão Preto (SP). 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

CICCACIO, A. M. **Theatro Pedro II:** espaço reconquistado, reforma, restauro, modernização . Ribeirão Preto: São Francisco Graf. Edit., 1996.

CIONE, R. **História de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Edit. Legis Summa, 1992. v. 2; 1997 v. 5.

CUNHA, M. V. da. **O velho Estadão:** educação e poder nos anos de ouro do Ginásio Otoniel Mota. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

DEAN, W. **A industrialização de São Paulo (1880- 1945).** São Paulo: Difel, 1971.

EMBOABA, O. **História da fundação de Ribeirão Preto.** São Paulo: Coleção da Revista de História, 1955.

FARIA, R. S. de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção:** o discurso da higiene, beleza e disciplina na modernização Entre Rios (1895-1930). São Paulo: Annablume, 2010.

GARCIA, M. A. M. **Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto:** trabalho e resistência nas fazendas de café, 1890-1920. Franca: Ed. UNESP-FHDSS, 1997. (Série história local, 6).

GERALDO, S. **Comunicação oral:** o resgate da memória proletária em Ribeirão Preto. 1990. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

GODOY, J. H. A. de. **Da opulência à ganância:** coronelismo e mudança social no oeste paulista (1889-1930). 2006. 750 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 3 v.

GOMES, M. A. S. **As praças de Ribeirão Preto- SP:** uma contribuição geográfica ao planejamento e às gestões dos espaços Públicos. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

GUIÃO, R. F. C. **Forte gente.** Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2014.

GUIMARÃES, D.J.L. et al. **De Viaduto a Bonfim Paulista:** memória, arquitetura e identidade. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. (Coleção Identidades Culturais, n.12).

GUIMARÃES, J. **Sobre a criação do hospital Santa Tereza em Ribeirão Preto:** outras raízes de uma história. 119 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

MARCONDES, R. L.; GARAVAZZO, J. Comércio e Indústria de Ribeirão Preto de 1890 a 1962. In: SCOTT, C. (Coord.). **Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto – 1904-2004. Um espelho de cem anos.** Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2004. pp.211-221.

MATTOS, J. A. J. de. **Família Junqueira:** sua História e Genealogia. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004.

LAGES, J. A. C. **Ribeirão Preto:** da Figueira à Barra do Retiro- o povoamento da região pelos entrantes mineiros na segunda metade do século XIX. São Paulo: Nelpa, 2010.

_____. **Ribeirão Preto revisitada.** Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2016.

LANZA, A. L.; LAMOUNIER, M. L. Café, imigrantes e empresas no nordeste de São Paulo (Ribeirão Preto, 1880-1930). **História Econômica & História de Empresas**, [S.l.], v. 17, n. 2, mar. 2015. ISSN 1519-3314. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/revista/index.php?journal=rabphe&page=article&op=view&path%5B%5D=239>>. Acesso em: 03 set. 2016.

LAZARI, A. De. **Câmara das Artes:** Ribeirão Preto, registros & memórias. Brasília: Câmara dos Deputados, 2012.

LOPES, L. S. Uma economia em transição: a economia e a alocação de riqueza na antiga vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, década de 1870. **Revista História Econômica e História de Empresas**. vol X, n. 2, 2007.p. 63- 104. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/revista/index.php>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

_____. A formação do município de Ribeirão Preto e o surgimento do comércio e da indústria. In: SCOTT, C. (Coord.). **ACI: um espelho de 100 anos**. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2004. pp. 167-177.

_____. **Ribeirão Preto – a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011 (Coleção Nossa História, n.1).

_____. Café, riqueza e famílias: Ribeirão Preto na segunda metade do século XIX. **História e Economia**. Vol. 4, n.1, 1. semestre 2008, p. 133-156.

_____. O café e a cidade: a evolução das atividades urbanas em Ribeirão Preto, 1890 – 1933. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 2, pp. 302-318, set. 2015.

MATTOS, M. R. P. de. **Monografia sobre a antiga sede da fazenda Monte Alegre em Ribeirão Preto**. Curso de Aperfeiçoamento sobre técnicas construtivas da arquitetura tradicional paulista - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

MELLO, J. M. C. de. **O capitalismo tardio**: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MICELI, P. C. **Era uma vez, em Sertãozinho...**: certas histórias de uma história que é do trabalho: pessoas, fatos e feitos. São Paulo: Nobel, 1984.

PRATES, P. da C. **Ribeirão Preto de outrora**. 4.ed. Ribeirão Preto: Gráfica Bandeirantes, 1975.

_____. **Ribeirão e seus homens progressistas**. Ribeirão Preto: Rossi, 1981.

Ibidem. 2.ed. Ribeirão Preto: Gráfica União, 1983.

RAMOS, I. **Botafogo**: uma história de amor e glórias. 2.ed. Ribeirão Preto: I. Ramos, 2015.

ROSA, L. R. de O. (Coord). **Ruas e caminhos**: um passeio pela história de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Edit. Gráf. Padre Feijó, 2007.

SAES, F. **A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTIAGO, G; REZENDE, A. L. **PRA-7**: a primeira rádio do interior do Brasil. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2005.

SANTOS, J. R. dos. **As transformações da riqueza em Ribeirão Preto, 1920- 1950**. 2004, 217f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2004.

SCOTT, C. (Coord.). **ACI: um espelho de 100 anos**. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2004.

SILVA, A. C.B. da. **Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto**: os bairros surgidos a partir do Núcleo Colonial Antônio Prado (1887). 2008, 270f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SILVA, E. D. da. **A história contada através da arquitetura de uma rua**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Nossa História, n. 7).

SIMÕES, M. **Sociedade ribeirão-pretana em evidência 2000/ 2001**. Ribeirão Preto: CAPR Empreendimentos Editoriais, 2001.

_____. **Sociedade ribeirão-pretana e sertanezina em evidência**. [S.L.]: 2003.

SOUZA, M. L. de. **Vida urbana e suburbana nas terras do café**: racionalização dos negócios e da vivência coletiva em Ribeirão Preto (1874-1914). 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

SOUZA, C. V. F. de; SORIANI, M. B.; ZAMPOLLO, M. da S. **Patrimônio ferroviário de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. (Coleção Nossa História, nº. 11).

SUNEGA, R. A. **Quartirão paulista**: um conjunto harmônico de edifícios monumentais. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Identidades Culturais, n.8).

SUZIGAN, W. **Indústria brasileira**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TRUZZI, O. **Café e indústria**: São Carlos 1850-1950. 3.ed. São Carlos: EdUFSCAR; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

TUON, L. I. **Italianos em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010. (Coleção Identidades Culturais, n.3).

VÍDEOS

HISTÓRIA da Gente: a vida no bairro Vila Virginia. Produção: Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto, 2012. (19:05 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5IP3CjYOpAI&t=94s>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BARROS, Arthur (Dir.). HISTÓRIA da Gente: a vida no bairro Campos Elíseos. Produção: Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto, 2012. (44:42 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5WNzXu3OYk&t=44s>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Ribeirão Preto: Pátria Mia. Série Identidades Culturais. Produção: Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto. (18:24 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vv8MKcDcwZ4>> Acesso em: 16 fev. 2016.

SITES

Disponível em: <<http://WWW.pisanisorvetes.com.br>>. Acesso em 01 jun. 2015.

Disponível em: <<http://WWW.cristofanimadeiras.com.br> >. Acesso em 01 jun. 2015.

Disponível em: <<http://WWW.robustimoveis.com.br>>. Acesso em 08 out. 2016.

Disponível em: <<http://www.moveisdelloiagono.com.br>>. Acesso em 10 mar. 2017.

Disponível em: <<https://www.geni.com/people/Antonio-Barbosa-Ferraz/6000000027855974370>>. Acesso em 29 mar. 2017.

APÊNDICE

Critério Metodológico

As 20 tabelas nos dois primeiros períodos terão essas cinco colunas: a) nome das empresas; b) classes de empresas fabricantes (68) de produtos diferentes (114) e a partir delas foi feita uma classificação descendente daquelas com maior quantidade de empresas (pelo menos, acima de 10 e presentes nos três períodos) e foram feitos dois modelos de tabelas de fases comparativas formadas por suas evoluções em cada uma por dois períodos (de 1891 a 1910 sobre 1870 a 1890 e de 1911 a 1930 sobre 1891 a 1910); c) ano(s) de duração aproximada das empresas, condicionada pelas fontes encontradas, para depois verificar o funcionamento em anos específicos e sua média⁵¹; d) endereço, para verificar a evolução da ocupação produtivo- espacial no território ribeirão-pretano, em especial em uma das três regiões do município (Centro, subúrbio e periferia), no entanto, a análise mais detida será feita através das análises dos mapas no quinto capítulo; e) nacionalidade do(s) empresário(s) para fazer uma análise da suas origens nacionais e estrangeiras.

No último período (1911 a 1930), em especial entre os anos de 1928 a 1930, junto com as anteriores, serão acrescidas análises acerca da quantidade de operários, dos valores de capital, valor médio de capital por operário e de suas respectivas médias.

Os valores de capital encontrados em mil-réis, de um e quinhentos (1:500\$000) a oitocentos (800:000\$000), serão comparados para efeito de noção aproximada dos mesmos em: a)baixo, com “o dinheiro pago a Julio Martins, Adolpho Zoccola e seus prepostos 3:400\$000” (SUNEGA, 2011, p. 72), ou seja, referente a uma prestação de serviços simples e segundo Meira Junior⁵² (1932, p. 18-19 apud Ibidem, p. 56): “execução do Porão da Frente [do Theatro Pedro II] no valor de 24:000\$000”, referente a uma parte, ou cômodo, de uma construção) ou 29:096\$100 “ serviços de instalações elétricas a B. Santana & Cia” (Ibidem, p. 56-57); b) médio “ o Pano de Boca tendo custado 34:000\$000 (CICACCIO, 1996 ⁵³apud

⁵¹ Nas empresas que não foram levantados dados numéricos sobre algum(s) de seu(s) ano(s) de duração, foram colocadas a expressão: N/E (Não Encontrado), no entanto, a verificação que ela funcionou até 1930 em geral e em um dos três períodos de 20 anos em especial, foi obtida de algumas fontes bibliográficas por comparação com outras informações sobre esse mesmo contexto, caso, por exemplo, de Pedro Giachetto, que chegou ao Brasil em 1880, fundou a primeira cervejaria da cidade” (ROSA, 2007, p. 402- 403), e devido à sua hipotética originalidade nesse ramo industrial e por comparação com duas outras empresas cervejeiras já instaladas nessa década, de Paulo Puccetti e J.Pieri, em especial, em 1888, por isso, foi considerada como instalada no período de 1870 a 1890.

⁵² MEIRA, Jr, J.A. **Processo Judicial**, 1932.

⁵³ C, A.M. **Theatro Pedro II: espaço reconquistado, reforma, restauro, modernização**. Ribeirão Preto: São Francisco Graf. Edit., 1996

Ibidem, p. 74-75); c) alto, acima de 100:000\$000 e “os custos gastos na construção de 430:324\$100 do Edifício Meira Junior”) (Ibidem, p. 53), aqui referente a toda a construção e ao valor total deste imóvel.

O critério para verificar a nacionalidade de um ou mais(s) empresário(s) por pequena indústria será a confirmação nas seguintes fontes, em especial: (PISANI, 1937; ROSA, 2007; diversas Guias de Óbitos enviados pelos Primeiro, Segundo e Terceiro Cartórios de Registro Civil de Ribeirão Preto para o Cemitério da Saudade; BEMPORAD & Figlio, 1906; Livros de Registros de Entradas da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo).

O critério para considerar uma empresa instalada em um espaço produtivo rural como pequena indústria e diferenciá-la de uma firma agropecuária, serão a existência da formação de um excedente de mercadorias não absorvido em grande parte pelos trabalhadores, agregados e parentes do empresário da empresa dentro ou vicinalmente à própria propriedade e a consequente necessidade de vendê-lo e atender uma demanda por consumidores externos de outras localidades afastadas, tanto dentro da periferia, como do subúrbio e do Centro, concretizada, por exemplo, com propaganda em periódicos, caso do moinho de fubá da Fazenda Boa Vista.